



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ADRIANA VALENÇA DE ALMEIDA

**PAISAGENS DO SERTÃO ALAGOANO:
REPRESENTAÇÕES DA CULTURA ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA**

MACEIÓ – AL
2018

ADRIANA VALENÇA DE ALMEIDA

**PAISAGENS DO SERTÃO ALAGOANO:
REPRESENTAÇÕES DA CULTURA ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues da Silva

MACEIÓ – AL
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

A447p Almeida, Adriana Valença de.
Paisagens do sertão alagoano: representações da cultura através da iconografia
/ Adriana Valença de Almeida. – 2018.
151 f.: il.

Orientador: Gilcileide Rodrigues da Silva.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 128-135.
Apêndices: f. 136-141.
Anexos: f. 142-151.

1. Geografia cultural. 2. Sertão de Alagoas – Aspectos socioculturais.
3. Paisagens culturais – Semiárido (AL). 4. Imagens. I. Título.

CDU: 911.375.3 (813.5)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CAMPUS A C. SIMÕES, BR 104 - NORTE, KM 13
CIDADE UNIVERSITÁRIA
CEP 57.072-970 TEL. (82) 3214-1440/1441/1444/1445



PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA - PPGG/UFAL

Parecer 2:

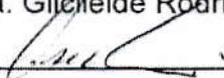
A dissertação apresenta as características fundamentais para um trabalho de pesquisa (norte teórico/metodológico, recorte espacial, definição categorias geográficas) - APROVADO. Passar uma revisão português, e ajustes nas imagens/fotos.

Assinatura: _____

Maceió, 23 de julho de 20 18.



Profa. Dra. Gilleteide Rodrigues da Silva - Presidente



Profa. Dra. Luciane Maranhã de Oliveira Marisco - Titular Interno

José Jonas Duarte da Costa

Prof. Dr. José Jonas Duarte da Costa - Titular Externo

Obs.: Caso o espaço disponível não seja suficiente, favor utilizar outra folha em branco devidamente assinada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CONFERE COM O ORIGINAL
Em 06/09/18


Washington Góes
Assistente Administrativo
PLATE Nº 1406487
UFAL/IGDEMA

“Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas para os problemas que as afligem.”

Zygmunt Bauman

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela iluminação e proteção.

A minha família, meu pai Erasmo por todo apoio e incentivo durante esses anos de pós-graduação em Geografia e minha mãe Ana que é fonte de inspiração, sempre me apoiou, me motivou, suas orações e o seu amor me fortaleceram, sem ela essa conquista não seria possível.

Aos meus irmãos Edson e Andreia por toda a força e ajuda nos momentos decisivos de desenvolvimento deste trabalho, seja pela palavra na hora certa ou pelos momentos mais calmos que eu precisei durante este processo, sem eles essa jornada seria muito mais difícil.

Agradeço aos meus amigos, Fabia, Magda, Lurdeane, Paula, Vieira e Marcio por todo o incentivo, pelos momentos de descontração, pelas palavras amigas e pela companhia durante todo esse período de minha vida acadêmica, me dando os conselhos e apoio tão importantes para mim.

Agradeço aos meus amigos do Andreia, Elizabeth, Verônica e Joseval, em especial este último, pelo incentivo, força e encorajamento na formação e construção da minha pós-graduação e por toda a amizade e companheirismo, que se mostraram tão importantes e bem-vindos nos momentos cruciais de definição e desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Geografia, PPGG-UFAL, que estimularam o desenvolvimento e realização desta pesquisa, por todo o seu apoio, interesse e atenção durante o desenvolvimento do meu mestrado, em especial ao secretário do PPGG Washington pela sua presteza, profissionalismo e humanismo na realização de suas atividades.

Agradeço também a todas e a todos que me receberam durante as minhas visitas ao sertão semiárido alagoano. Agradeço aos professores do Instituto Federal de Alagoas/Campus Piranhas, ao diretor do Campus do Sertão, aos presidentes das Cooperativas/COOPEAPIS/COOPABACS, toda equipe da EMATER, e o Centro Xingó pela presteza e contribuição.

Aos estudantes e a comunidade dos municípios em estudo que foram tão receptivos e contribuíram significativamente ao participarem da pesquisa proporcionando-me novos horizontes acadêmicos, geográficos e pessoais.

Aos Professores convidados para Banca Examinadora pela leitura e análise de todo o trabalho.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas FAPEAL.

E, por final, agradeço a minha orientadora, a professora Gilcileide, por esses anos de estímulo, apoio, crédito e incentivo ao meu trabalho e à minha pessoa. Agradeço por me ensinar um viés tão rico da Geografia e pelo estímulo para contribuir com a mesma. Agradeço também por toda a sua ajuda em momentos decisivos desta.

Enfim, à todas e a todos que me ajudaram de forma direta ou indireta, seja por conselhos e discussões que engrandeceram a minha vida acadêmica, seja por pensamentos positivos e atitudes de vida que me influenciaram a crescer como ser humano. À todas e a todos um muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar a ressignificação das paisagens culturais do sertão alagoano num contexto de desenvolvimento regional através da representação iconográfica, capaz de visibilizar as mudanças presentes no ambiente, assim como, as permanências que são responsáveis em manter uma memória coletiva das mazelas da seca. As representações que ajudaram a consolidar imagens, comumente relacionadas com o sertão semiárido e transportadas para a região Nordeste como um todo, pois, seja no âmbito acadêmico, seja através de obras culturais e pelos meios de comunicação de massa a sua paisagem foram relacionadas à pobreza, a seca e paisagens de estiagens representações essas consolidadas no imaginário das pessoas de forma generalizada de “fome e miséria” CASTRO, (1992; 1996; 1997); RIBEIRO, (1999); SILVA, (2010). O Sertão Alagoano, assim como a região Nordeste, vem apresentando nos últimos anos uma nova configuração, permitindo o desenvolvimento da região e de mudanças no seu panorama socioeconômico, novas paisagens surgiram com a transformação, apresentando cultura e modo de vida diferente do imaginário criado em relação ao Sertão. Este estudo teve respaldo no apoio e saber da geografia cultural de base fenomenológica, foram feitas pesquisas documentais e trabalho de campo através de registros iconográficos e entrevistas. Para tanto nos respaldamos nos estudos de Durval Muniz (2011) Geralda de Almeida (2003), que discutem a construção do imaginário nordestino através de viés trágico, relacionado com a seca, a fome e a miséria. Sobre a relação da fenomenologia com a Geografia, a interação entre a paisagem e o conceito de cultura com base nos aportes teóricos da escola francesa, Augustin Berque (1994) e Paul Claval (1997), também uma investigação sobre a constituição da ciência geográfica e o uso da imagem, de acordo com Gomes (2002, 2013) e Oliveira Jr. (2013) que abordam uma discussão da visibilidade das imagens. A análise dos dados se respaldou em análise bibliográfica qualitativa sobre a paisagem e suas representações e iconográfica, em que foram analisadas as transformações ocorridas no Sertão Alagoano e seus impactos na representação da paisagem. A inserção de políticas públicas estruturais e para agricultura familiar, organização da sociedade civil em cooperativas e ações de convivência proporcionaram um novo modo de encarar a vida no sertão, e começam a serem construídas novas alternativas para o desenvolvimento do Semiárido, surgindo a representação de uma paisagem marcada pela ideia de convivência.

Palavras-Chave: Paisagem cultural. Semiárido. Imagens. Convivência.

ABSTRACT

The present research aimed to analyze the resignification of the cultural landscapes of the drylands of Alagoas in a context of regional development through the iconographic representation, which permits to make visible the changes present in the environment, as well as the “permanences” that are responsible for maintaining a collective memory of the drought problems. The representations that helped to consolidate the images which are commonly related to the drylands (or “sertão”) of the semiarid and transported to the Northeast region as a whole —whether in the academic sphere, or through cultural works and the mass media— were related to poverty, drought and drought landscapes representations, consolidated, in the imaginary of people in a generalized way, as "hunger and misery" CASTRO, (1992, 1996, 1997); RIBEIRO, (1999); SILVA (2010). The Drylands of Alagoas, as well as the Northeast region, has been presenting, in recent years, a new configuration, allowing the development of the region and changes in its socioeconomic panorama. New landscapes have emerged with the transformation, presenting different culture and ways of living in relation to the imaginary created of the drylands. This study had support in the cultural geography with phenomenological base. Documentary researches and field work were done through iconographic records and interviews. To that end, we back up the studies of Durval Muniz (2011) and Geralda de Almeida (2003), who discuss the construction of the Northeastern imaginary through tragic bias, through drought, hunger and misery. Regarding the relationship between Phenomenology and Geography, the interaction between landscape and the concept of culture were based on the theoretical contributions of the French School: Augustin Berque (1994) and Paul Claval (1997); and it was also made an investigation on the constitution of the geographic science and the use of image, according to Gomes (2002, 2013) and Oliveira Jr. (2013), who discuss the visibility of the images. The analysis of the data was supported by a qualitative and bibliographic analysis of the landscape and its iconographic representations, in which both the transformations that occurred in the Drylands of Alagoas and its impacts on landscape representation were examined. The insertion of structural policies and family farming, the organization of civil society in cooperatives and the actions of coexistence provided a new way of facing life in the drylands. At the same time, new alternatives for the development of the semiarid are being planned, making the idea of coexistence emerge.

Keywords: Cultural landscape. Semiarid. Images. Coexistence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Quadro Abaporu, Tarsila do Amaral, 1928.....	30
Figura 2	– Os retirantes, (1944), Candido Portinari.....	31
Figura 3	– O olhar de Portinari para o Nordeste, Cangaceiro, 1950.....	32
Figura 4	– Brasil, Alagoas e municípios do semiárido.....	34
Figura 5	– População por município.....	34
Figura 6	– Número de habitantes por localização de domicílio	35
Figura 7	– Microrregião Alagoana Sertão do São Francisco.....	36
Figura 8	– Número de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família por município.....	40
Figura 9	– Número total de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família.....	40
Figura 10	– Percentual da população com energia elétrica por domicílios.....	41
Figura 11	– Percentual da população com coleta de lixo em domicílios.....	41
Figura 12	– IDHM – Municípios da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco.....	42
Figura 13	– Índice de GINI – Municípios da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco.....	42
Figura 14	– Pobreza e desigualdade nos municípios da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco.....	43
Figura 15	– Percentual da população com água encanada em domicílios.....	43
Figura 16	– Percentual da população com banheiro e água encanada em domicílios.....	43
Figura 17	– Hidrelétrica de Xingó, rio São Francisco.....	44
Figura 18	– Hidrelétricas no estado de Alagoas.....	45
Figura 19	– Fábrica da Pedra.....	48
Figura 20	– Museu Delmiro Gouveia.....	48
Figura 21	– Escola Delmiro Gouveia.....	49
Figura 22	– Vila operária em Delmiro Gouveia.....	49
Figura 23	– Loja da Fábrica de Pedra S/A.....	51
Figura 24	– Loja da Fábrica.....	51
Figura 25	– Flora, Rio São Francisco.....	52
Figura 26	– Cânions e a caverna furna do morcego.....	53
Figura 27	– Usina Angiquinhos	54
Figura 28	– Brasil: campi das Universidades Federais em 2002 e 2010.....	55
Figura 29	– Estrutura do Campus Sertão.....	56
Figura 30	– Restaurante Universitário.....	57
Figura 31	– Editora/Edufal.....	57
Figura 32	– III Encontro de Geografia do Sertão Alagoano, Campus UFAL.....	58
Figura 33	– Ações desenvolvidas no Campus do Sertão.....	60
Figura 34	– Propostas para uma política pública de ATER.....	65
Figura 35	– Seminário de Avaliação Final da chamada de ATER.....	66
Figura 36	– Subestação ferroviária.....	68
Figura 37	– Fonte da Matinha.....	69
Figura 38	– Paisagem dos Cânions, represa da construção hidrelétrica de Xingó	

no Rio São Francisco.....	70
Figura 39 – Prainha de Dulce.....	70
Figura 40 – Passeio turístico no Cânion do Talhado.....	71
Figura 41 – Infraestrutura turística, restaurante Show da Natureza.....	72
Figura 42 – Paredões de rochas com figuras rupestres.....	73
Figura 43 – Desenhos rupestres.....	74
Figura 44 – Casa do “capitão Ernesto Rosa e do Santo (ator principal), usado na novela Velho Chico”.....	74
Figura 45 – Cenário construído para novela Velho Chico.....	75
Figura 46 – Centro histórico de Piranhas.....	77
Figura 47 – Sede administrativa municipal – palácio D. Pedro II.....	78
Figura 48 – Torre do relógio.....	78
Figura 49 – Paisagem Rio São Francisco.....	79
Figura 50 – Igreja e casas.....	80
Figura 51 – Casa de bordado.....	81
Figura 52 – Bordado redendê.....	81
Figura 53 – Das mãos a arte.....	81
Figura 54 – Sala de recepção.....	81
Figura 55 – Ocupação urbana.....	83
Figura 56 – Homogeneidade das habitações.....	83
Figura 57 – Atividade comercial e de serviços.....	84
Figura 58 – Destaque dado ao turismo do sertão.....	86
Figura 59 – Destaque em revista nacional ao turismo do sertão.....	86
Figura 60 – Paisagem caatinga, rota do Cangaço.....	87
Figura 61 – Restaurante Eco parque.....	89
Figura 61 – Eco Parque.....	83
Figura 62 – Centro Xingó de Convivência com o Semiárido.....	91
Figura 63 – Instalações do Centro Xingó de Convivência com o Semiárido.....	92
Figura 64 – Funções das tecnologias sociais.....	93
Figura 65 – Tecnologias sociais escolhidas pelas famílias.....	94
Figura 66 – Atores participantes nas capacitações.....	94
Figura 67 – Oficina de identificação das espécies vegetais da caatinga.....	95
Figura 68 – Curso de implantação e manutenção de quintais produtivos.....	95
Figura 69 – IV Seminário Internacional de Convivência com o Semiárido.....	96
Figura 70 – Exposição de pôsteres.....	96
Figura 71 – Ações de convivência com o semiárido alagoano é destaque internacional.....	97
Figura 72 – Sede da Coopeapis.....	99
Figura 73 – Processo de transformação do mel para comercialização, Coopeapis.....	100
Figura 74 – Sementes armazenadas, Coopabacs.....	101
Figura 75 – Sede da Coopabacs.....	102
Figura 76 – Ações desenvolvidas pela Coopabacs.....	102
Figura 77 – Municípios alagoanos beneficiados com a obra do Canal do Sertão...	104
Figura 78 – Obra Canal do Sertão em Delmiro Gouveia.....	104
Figura 79 – Locais da pesquisa de campo.....	107

Figura 80 – Número absoluto e relativo dos sujeitos que participaram das entrevistas.....	108
Figura 81 – Perfil dos estudantes sujeitos da pesquisa.....	108
Figura 82 – Perfil dos trabalhadores sujeitos da pesquisa.....	109
Figura 83 – Representação paisagem seca e miséria.....	111
Figura 84 – Representação paisagem convivência.....	112
Figura 85 – Evento realizado Campus Sertão.....	118
Figura 86 – Programa de pesquisa em desenvolvimento.....	119
Figura 87 – Evento realizado Campus Piranhas/Ifal.....	119
Figura 88 – Bolsas de pesquisa.....	120
Figura 89 – Atividades práticas desenvolvidas pelo Centro Xingó.....	121
Figura 90 – Participação das mulheres rurais.....	121
Figura 91 - Plantio sustentável no sítio de Francisca.....	122
Figura 92 – Agricultura familiar - cultivo de coentro, pimenta e milho.....	123

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCAR	Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural
APLs	Arranjos Produtivos Locais
ASA	Articulação do Semi-Árido Brasileiro
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
CBHSF	Companhia Brasileira Hidrelétrica do São Francisco
CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COOPABACS	Cooperativa de Pequenos Produtores Agrícolas dos Bancos Comunitários de Sementes
COP 3	Conferência das Partes das Nações Unidas da Convenção ao Combate à Desertificação
DAP	Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EMATER	Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas
EMBRATER	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPT	Educação para Todos
GS	Garantia Safra
IABS	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano
IFAL	Instituto Federal de Alagoas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IICA	Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura

INSA	Instituto Nacional Brasileiro
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LpT	Luz Para Todos
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEC	Ministério da Educação
MIN	Ministério da Integração Nacional
NEER	Núcleo de Estudos em Espaço e Representações
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar
PBF	Programa Bolsa Família
PDE	Plano de Desenvolvimento Estadual de Alagoas
PHR	Programa de Habitação Rural
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNATER	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para Agricultura Familiar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONATER	Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAB	Região do Semiárido Brasileiro
SEAGRI	Secretaria Estadual de Agricultura e Desenvolvimento Agrário
SEPLANDE	Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Econômico
SIBRATER	Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UHE	Usina Hidrelétrica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
PAISAGEM CULTURAL: REPRESENTAÇÃO E ICONOGRAFIA.....	19
1.1 Contribuição da fenomenologia para a Geografia Cultural.....	19
1.2 Paisagem: um conceito redefinido na Geografia Cultural.....	21
1.3 Uso da iconografia na representação da paisagem.....	25
1.4 Construção simbólica do Sertão.....	28
SERTÃO ALAGOANO: NO CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS MAIS SIGNIFICATIVAS ..	33
2.1 A microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco.....	33
2.2 Ressignificação da paisagem cultural do Sertão: um olhar iconográfico.....	44
2.2.1 Município de Delmiro Gouveia.....	45
2.2.1.1 Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.....	54
2.2.1.2 Inserção de políticas públicas.....	62
2.2.2 Município de Olho D’água do Casado: Rio São Francisco e o evento do turismo.....	68
2.2.3 Município de Piranhas:.....	76
2.2.3.1 Crescimento urbano no povoado de Piau.....	82
2.3 A vivência no Sertão Alagoano: mudanças e permanências na paisagem cultural.....	85
2.3.1 Representação da paisagem sertaneja	90
2.3.2 Xingó Centro de Convivência com o Semiárido.....	91
2.3.3 Cooperativas.....	98
2.3.3.1 Cooperativa dos apicultores do Sertão - COOPEAPIS.....	98
2.3.3.2 Cooperativa dos bancos comunitários de sementes (COOPABACS)	100
PAISAGEM CULTURAL DO SERTÃO: UM OLHAR ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS.....	105
3.1 A relação sociedade e espaço vivido.....	105
3.1.1 Relatos de vivências	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICE.....	137
ANEXOS.....	143

INTRODUÇÃO

O Semiárido brasileiro se apresenta, dentre as grandes áreas culturais do país, como a que mais apresenta produção imagética e intelectual. Representações que ajudaram a consolidar imagens, comumente relacionadas com o sertão e transportadas para o Nordeste Brasileiro. Pois, seja no âmbito acadêmico, seja através de obras culturais, a sua paisagem foi associada à seca, ao sol castigante, a miséria, aos retirantes enrugados, desolados, ao aspecto rural marcado pela presença do cangaço. Diante das mudanças que vem ocorrendo, com a inserção de políticas públicas para agricultura familiar, seguridade social e ações de convivência, com essa nova configuração surge um novo modo de pensar o Semiárido, em que a causa da pobreza não pode mais estar associada ao discurso da seca como fragmento e vestígio de um lugar, ou melhor, do que se diz sobre ela. A legitimidade do discurso da convivência com a semiaridez, ou seja, o reconhecimento social, bem como o reconhecimento da diversidade, está presente na legitimação de ações que vem sendo desenvolvidas na microrregião Alagoana Sertão do São Francisco.

O Sertão Alagoano, assim como a região Nordeste, vem apresentando, nos últimos anos uma nova configuração, permitindo o desenvolvimento da região e mudanças no seu panorama socioeconômico. A trajetória experimentada pelo país nos anos recentes de acordo com Tania Bacelar (2013) teve impactos regionalmente diferenciados. Políticas que afetaram a renda das famílias, como o Programa Bolsa Família (PBF) e o aumento real do salário mínimo, impactaram muito mais fortemente o Nordeste. Nessa região, concentra-se a pobreza rural, e ela tem como endereço principal os pequenos municípios, em especial os do grande espaço semiárido. Nesses municípios, foi interessante observar que, como as bases produtivas locais são muito modestas, o novo e sistemático fluxo de renda não só dava cobertura social aos beneficiados diretos, como também dinamizava as lojas, as farmácias, as padarias, as feiras semanais. A inserção de políticas públicas para a agricultura familiar, a melhoria das políticas sociais e a implementação de políticas agrárias incidiram sobre o meio rural repercutindo na dinâmica econômica e social do país, possibilitando reduzir as desigualdades sociais e econômicas e gerou processos de inclusão social e melhoria nas condições de vida.

Dessa forma, questiona-se nesta pesquisa, por que as paisagens culturais do Sertão Alagoano ainda estão associadas à representação da paisagem marcada pela seca e miséria? E por que possuem mais visibilidade do que outras e qual a contribuição da iconografia no uso de interpretações da paisagem sertaneja?

A escolha do espaço geográfico onde estão localizados os municípios: Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado e Piranhas ocorre devido às características peculiares de todo o seu percurso: a presença do rio São Francisco que banha os municípios em estudo e também pelo fato de estarem localizados na mesorregião do Sertão Alagoano e totalmente no domínio do clima semiárido e por apresentar mudanças que ressignificam a paisagem, a atividade turística que está crescendo no Sertão Alagoano, pela beleza de suas paisagens ao longo do percurso do rio, a construção da hidrelétrica de Xingó, o patrimônio histórico e cultural de Piranhas, bem como a instalação do Campus da Universidade Federal de Alagoas em Delmiro Gouveia o Centro Xingó de Convivência com o Semiárido em Piranhas importantes atores na construção de novas maneiras de legitimar um discurso que dê visibilidade as potencialidades e riquezas que esse lugar apresenta e uma educação contextualizada adequada às particularidades ambientais e socioculturais da região.

Para compreender as mudanças mais significativas que resultaram em uma ressignificação da paisagem cultural usou-se o recorte temporal 1991-2015, com o objetivo de analisar as paisagens culturais do sertão alagoano num contexto de desenvolvimento regional através da representação iconográfica, capaz de visibilizar as mudanças presentes no ambiente, assim como, as permanências que são responsáveis em manter uma memória coletiva das mazelas da seca.

Diante do exposto será apresentado um novo olhar apresentando a diversidade, as riquezas e potencialidades da Microrregião Alagoana Sertão do São Francisco, permitindo a construção de uma imagem diferente da que ainda é veiculada e presentes no inconsciente coletivo, possibilitando formas diferenciadas de agir e construir no espaço, uma vez que ele ganha suas formas na imagem que deles criamos e a partir das memórias postadas em nós.

Este estudo teve respaldo no saber da geografia cultural de base fenomenológica, foram realizadas pesquisas documentais e iconográficas que buscaram mostrar a visibilidade dada a paisagem sertaneja atualmente. A pesquisa teve respaldos nos estudos de Durval Muniz (2011) que discute a construção do imaginário nordestino através de viés trágico, relacionado com a seca, a fome e a miséria. Sobre a relação da fenomenologia com a Geografia, a interação entre a paisagem e o conceito de cultura com base nos aportes teóricos da escola francesa, Augustin Berque (1994), e Paul Claval (1997), também foi feita uma investigação sobre a constituição da ciência geográfica e o uso da imagem, através da contribuição dos autores Gomes (2002, 2013) e Oliveira Jr. (2013) que abordam uma discussão da visibilidade das imagens. Também foram utilizadas informações secundárias, e dados de organismos oficiais brasileiros, de

publicações institucionais. Nesta pesquisa o foco da análise esteve vinculado ao poder da representação da paisagem, a partir dos traços culturais nela presentes, para tal foi realizado um trabalho de campo através da observação com registro iconográfico da paisagem do Sertão Alagoano o qual foram visitados o Campus do Sertão/ UFAL, as cooperativas COOPABACS e COOPEAPIS, o Centro Xingó de Convivência com o Semiárido, as sedes administrativas dos municípios em estudo, povoados como: Piau e Entremontes, e os pontos turísticos já considerados conhecidos nacionalmente, como: os cânions do São Francisco, a Rota do Cangaço, a Prainha de Dulce, os cenários da novela Velho Chico.

A fim de conhecer a percepção dos sujeitos que vivenciam o semiárido foi realizada aplicação de entrevistas semiestruturadas e questionários, conforme a seguinte categoria: 1 - Técnicos e responsáveis por instituições acadêmicas, cooperativas; 2 – Estudantes da UFAL; 3 – Trabalhadores.

A pesquisa está dividida em três partes. No primeiro capítulo intitulado de “Paisagem Cultural: representação e iconografia” será discutida a abordagem do conceito de paisagem, ancorado na Geografia Cultural de base fenomenológica. Também será analisada a relação entre a Ciência Geográfica e o uso de imagens. Foi realizada uma discussão sobre a visibilidade da paisagem a partir do olhar do observador. E a construção simbólica do Sertão, sendo realizada uma análise imagética a partir dos suportes imagéticos que retratam “a seca”, dentro de um viés político-ideológico.

No segundo capítulo “Sertão Alagoano: No contexto de transformações e permanências mais significativas” foi desenvolvido um estudo sobre as atuais transformações ocorridas no Sertão semiárido e seus impactos na representação da paisagem. Neste capítulo, apresentarei as transformações e permanências mais significativas ocorridas nos municípios em estudo, num contexto de desenvolvimento regional, bem como a influência dessas transformações na organização espacial, em várias situações, sendo o elemento cultural fundamental para se compreender a relação homem e meio. Para tal fim, de forma sucinta, aborda-se as ações de convivência contidas no recorte espacial da pesquisa.

No terceiro capítulo “Paisagem cultural do Sertão: Um olhar através da percepção dos sujeitos” é feita uma descrição da metodologia usada para se conhecer a percepção do sujeito que vivencia o semiárido. Este processo do pensar das pessoas tornou-se um meio de explorar os significados subjetivos de suas experiências vividas no lugar e permitiu-nos considerar as razões que os levaram a pensar e sentir o Sertão de determinada maneira. Para isso, usamos como ferramenta metodológica em campo as entrevistas para conhecer a percepção dos sujeitos

da pesquisa, já que é uma estratégia válida para buscar informações orais em campo, pois se valorizam aspectos subjetivos como: percepções, sentimentos, emoções, valores e visões de mundo. Foi usada como técnica de pesquisa as entrevistas semiestruturadas, também conhecidas como abertas.

A importância desse estudo consiste em proporcionar novas ferramentas metodológicas de interpretação da paisagem sob a perspectiva cultural do espaço geográfico através da relação entre a geografia e o estudo da imagem apresentando um novo olhar que apresente as potencialidades, as transformações que ocorreram neste recorte espacial, se configurando em uma ressignificação da paisagem.

PAISAGEM CULTURAL: REPRESENTAÇÃO E ICONOGRAFIA

A fenomenologia é um dos campos de investigação da Geografia Cultural, abordarei aqui como se deu a evolução, para isso faço uso do teórico francês Paul Claval (1995, 1999, 2007) e Holzer (2008, 2010). Pretende-se também expor o conteúdo teórico acerca da paisagem enquanto aporte da cultura. Para a realização desse estudo faço uso de alguns trabalhos de notórios geógrafos, citados ao longo do texto que se segue, como também aqueles ligados à história do pensamento geográfico, Berque (1984), e Ribeiro (2007) estes fazem uma discussão das abordagens acerca dos processos de atribuição à ideia de paisagem cultural e por último será discutida a importância adquirida pelas imagens menos comuns como as fotografias, pintura, cinema e incorporadas pelos geógrafos em suas práticas de pesquisa no contexto contemporâneo, bem como destacar o uso da fotografia como forma de representação espacial que mais aproxima do real através principalmente das contribuições dada por Gomes (2000, 2013), e Oliveira JR (2009, 2013).

1.1 Contribuição da fenomenologia para Geografia Cultural

A Geografia cultural nasceu no fim do século XIX, no mesmo momento que a geografia humana, essa por sua vez marcada por um contexto de discursos preocupados em levar a geografia para além do plano acadêmico que a sujeita aos métodos de análise objetivos, mas que incorporem a subjetividade.

De acordo com Claval (2007) o termo Geografia Cultural foi usado pela primeira vez por Ratzel, a partir de sua experiência americana ele cria a ideia de que a repartição entre grupos humanos e o meio merecem uma atenção especial, elaborando desta forma uma nova concepção na Geografia propondo o nome de Antropogeografia (1882-1891) sob o princípio que procurava “estabelecer as causas geográficas da repartição dos homens na superfície da Terra”. (CLAVAL, 2007, p. 21).

Ainda segundo Claval (2007) nos anos 1880 Ratzel incluiu os estudos culturais e atribuiu a Geografia um lugar importante aos fatos da cultura, sendo esta cultura analisada sob os aspectos materiais. Para entender as orientações seguidas de um país a outro em relação a um lugar que as realidades culturais ocupam diferem de um para o outro, enquanto os norte-americanos estavam preocupados com o rigor científico, dedicando-se a coleta de dados e as representações cartográficas ignoravam as relações entre cultura e espaço, e somente 30 anos

após os primeiros trabalhos alemães é que Carl Sauer (1889-1975) cria a Escola de Berkeley e a Geografia Cultural passa a ter êxito. A dimensão cultural nos estudos da escola francesa teve Vidal de La Blache a desenvolver a concepção de gêneros de vida, sendo a cultura incorporada aos estudos e definida como “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens”. (CLAVAL, 2007 p. 35).

Claval (2007) aponta como fator de declínio da Geografia Cultural a uniformização do mundo, já que os geógrafos interessados nos fatos de cultura voltavam-se a pesquisas em pequenas “células de sociedades”, e o progresso técnico, a facilidades das comunicações a homogeneização da forma de produção apagou esses traços de interesse, condenando as pesquisas de Geografia Cultural entre os anos de 1950 e 1960.

De acordo com Holzer (2008) com o intuito de renovar a geografia cultural, que perdia espaço nos meios acadêmicos norte-americanos, é proposto por Lowenthal (1961) uma nova epistemologia para a geografia, uma ciência em que abrangesse vários modos de observação, desde o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo em que se propõe uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza, denominado de Topofilia e nesse momento a geografia se dedicaria ao estudo das vivências através das contribuições de Tuan (1961).

Ainda segundo Holzer estes foram os primeiros passos para uma renovação radical da geografia cultural, influenciado por um contexto que propiciava a procura de novos aportes por parte da geografia que Relp (1970) usa pela primeira vez em um artigo as possibilidades da fenomenologia ser o suporte filosófico capaz de unir todos os geógrafos ocupados com os aspectos subjetivos da espacialidade. A proposta era explicitamente, de “desenvolver uma bagagem filosófica para as aproximações humanistas na geografia.” (RELPH 1970, apud HOLZER 2008, p. 195).

O método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as “essências” da estrutura perceptiva. (HOLZER, 1993, 2008, p. 140).

A Geografia humanista foi marcada por uma movimentação de geógrafos que transitavam por concepções distintas, discussões acerca da validade dos paradigmas foram levantadas e aqui destaco o autor que fez críticas a não adoção da fenomenologia rigorosamente na geografia humanista. Segundo Holzer (2008) a construção de uma geografia fenomenológica fundamentada na fenomenologia transcendental de Husserl, que possibilitaria uma ontologia da

ciência sendo possível a análise do mundo vivido e da espacialidade humana foi analisada por Pickles (1985) ele investigou a natureza da ciência geográfica para demonstrar a importância da fenomenologia para a geografia.

De acordo com Claval traduzido por Serpa (2012), os primeiros trabalhos de geografia cultural no Brasil tiveram influência do autor Pierre Deffontaines, francês, que lecionou na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, suas obras influenciaram a posterioridade de tal abordagem nos anos 1940.

Entre o período 1950 e o final dos anos 1980, a abordagem cultural quase desaparece, enquanto a corrente humanista influenciava a renovação da geografia cultural (1970) na América do Norte e Europa, no Brasil vivia-se num momento de reação contra esse movimento humanista sob influência da geografia anglo-saxônica de cunho radical.

Aos poucos a geografia cultural vai se debruçando sobre a percepção do espaço e os vieses que ela introduz na disciplina, sobre os mapas mentais e as representações.

De acordo com Claval traduzido por Serpa (2012) a tradução de livros de Yi-fu Tuan 1980 e 1983, introduz as orientações de cunho fenomenológico da geografia no Brasil. Desta forma, no início dos anos 1990 a geografia cultural se afirma. Conforme Claval (2012), nomes como Zeny Rosendahl que cria no Rio de Janeiro, em 1994, um laboratório ela vai chamá-lo de “Espaço e Cultura”: nasce, assim, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Cultura (NEPEC). Coordenado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, o núcleo segue duas linhas, Corrêa traduziu e publicou em português, textos importantes para a abordagem cultural em geografia, e Rosendahl de autores de língua alemã, francesa e inglesa. O núcleo consolida estudos da Geografia da Religião no país, concentrados no Rio de Janeiro e São Paulo.

Conforme Serpa (2012) nos anos 2000 a institucionalização da abordagem cultural em Geografia no Brasil prossegue, com a iniciativa tomada por universidades de Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Porto Velho que criam o (NEER) Núcleo de Estudos em Espaço e Representações.

1.2 Paisagem: um conceito redefinido na Geografia Cultural

Ao se escolher a paisagem, por ser um conceito dinâmico, é necessário ter consciência das diversas escalas de tempo e níveis e observação, sendo assim, um aprofundamento do debate conceitual sobre a paisagem é fundamental.

Holzer (1999) destaca o quanto o debate conceitual sobre paisagem foi intensificada por um grande coletivo de geógrafos, o que contribuiu para que vários significados dados à paisagem, no cotidiano ganhassem equivocadamente estatuto científico. O debate conceitual sobre paisagem cultural se destaca dentro da geografia, a ciência geográfica é a que mais contribuiu para inserir a perspectiva cultural no conceito de paisagem.

Foi a geografia a disciplina que, desde o final do século XIX, mais se dedicou à ideia de paisagem cultural como fruto do agenciamento do homem, em diferentes escalas, fazendo com que hoje, na disciplina geográfica, este termo se confunda com o próprio conceito de paisagem. (RIBEIRO, 2007, p. 10).

Na análise sobre o conceito de paisagem no pensamento geográfico, serão abordados autores que escreveram em inglês e francês por estas constituírem historicamente, as duas línguas de mais influência na comunidade acadêmica geográfica. Dentro da discussão sobre a paisagem empreendida por geógrafos de língua inglesa, optou-se por dividir as inúmeras abordagens em dois grandes grupos a partir da valorização conferida a aspectos materiais ou simbólicos da paisagem afirma Ribeiro (2007).

No tocante aos estudos da Ciência Geográfica, salienta Ribeiro (2007) que o debate em torno do conceito de paisagem modificara-se intensamente desde o início do século XX, porém, alguns elementos de discussão se mostram de certa forma estáveis como a visão da paisagem enquanto fisionomia, na qual alguns geógrafos concebem esse conceito não como uma representação, mas como uma forma ao mesmo tempo uma exterioridade que é vista e representada. Cabe registrar ainda que essa perspectiva de análise fora enaltecida e difundida pelas investigações do geógrafo francês Paul Vidal de La Blache, ao enfatizar a necessidade de apontar a especificidade de uma região, distinguindo-o dos demais. Isto seria possível através dos estudos sobre a fisionomia e a característica do mesmo.

A primeira abordagem tratada aqui o foco será o método morfológico de análise da paisagem, desenvolvida por Carl Sauer, que surgiu ao final do século XX. De acordo com Ribeiro (2007) Sauer pode ser considerado o fundador da Geografia Cultural norte-americana e a escola que se formou em sua volta, em Berkeley, representou um dos mais ricos aportes teóricos metodológicos da geografia norte americana no século XX. De acordo com essa abordagem a paisagem é analisada em suas formas materiais, existindo uma preocupação em investigar como a cultura humana, analisada através e seus artefatos materiais, transforma essa paisagem.

Segundo Ribeiro (2007), para Sauer a paisagem cultural expressaria a atividade do homem sobre o espaço, e, dessa forma, ela seria dinâmica, sendo sujeita a mudar tanto pelo desenvolvimento da cultura, quanto pela modificação desta, assim, a paisagem natural se desenvolveria para uma paisagem cultural até que atingisse um o topo, seguido por um momento de decadência, podendo haver injunção de uma nova cultura que retomaria esse processo contínuo de transformação e reconstrução de sua paisagem cultural.

Para Corrêia (1998) a concepção representa a paisagem geográfica como um conjunto das formas naturais e culturais associadas em área. Ela seria o resultado da cultura (agente), ao longo do tempo, sobre o quadro natural (meio).

Para Ribeiro (2007) a segunda abordagem destacada a qual será utilizada para fundamentar a pesquisa em estudo, analisa os aspectos simbólicos da paisagem, sendo essa abordagem a que se destacou no final da década de 1960, conhecida dentro da geografia como movimento humanista, corrente que valorizava a análise da subjetividade na pesquisa geográfica. A investigação em torno da simbologia da paisagem se transforma em uma das principais características na formação que os geógrafos denominavam de “Nova Geografia Cultural”. Ainda de acordo com Ribeiro (2007) os autores ligados a essa nova vertente a geografia cultural, faziam uma crítica ao trabalho de Sauer, associando a Escola de Berkeley ao atraso e denominam seu legado e sua escola como “Geografia Cultural Tradicional”.

Os autores dessa nova perspectiva foram os responsáveis pela introdução da análise de símbolos e de aspectos subjetivos dentro da geografia cultural de língua inglesa, e, por conseguinte dentro das abordagens da paisagem na geografia anglo-saxônica. Nesse sentido, esclarece Claval (2007) o conceito de paisagem cultural pode ser apreendido de distintas maneiras, e ser analisado também por duas grandes vertentes de pensamento, opinião compartilhada pelos geógrafos de língua inglesa: a que valoriza o seu aspecto material, seguindo a tradição do estudo da fisionomia da paisagem, e a que enfatiza seu aspecto simbólico.

A geografia francesa permaneceu à margem dessa dicotomia entre geografia cultural tradicional e nova geografia cultural, autores como Paul Vidal de La Blache, Éric Dardel, Armand Frémont, e mais recentemente Augustin Berque, tem oferecido importantes contribuições sobre a discussão sobre paisagem considerando seu caráter simbólico e subjetivo. (RIBEIRO, 2007).

Na atualidade, um dos geógrafos que mais tem oferecido contribuições para o entendimento do funcionamento da simbologia da paisagem é Augustin Berque (1994). A sua

ideia central se opõe aos estudos da paisagem como análises morfológicas ou psicológicas. Para Berque a paisagem não se reduz ao mundo visual dado em nossa volta. Ela sempre é especificada de qualquer forma pela subjetividade do observador. Subjetividade que se torna mais do que um mero ponto de vista ótico, “o estudo da paisagem é então outra coisa que uma morfologia do ambiente”. (BERQUE, 1994 apud RIBEIRO, 2007, p. 30).

Porém, Berque alega que a paisagem é mais que um espelho da alma: Ela é referida aos objetos concretos, aqueles que existem realmente à nossa volta. Se aquilo que ela representa ou evoca pode ser imaginário, existe sempre um suporte objetivo. “O estudo da paisagem é outra coisa que uma psicologia da percepção”. (BERQUE, 1994 apud RIBEIRO, 2007, p. 30).

A paisagem reside na complexa interação entre o sujeito e o objeto, sendo ao mesmo tempo marco e matriz. Matriz quando as estruturas e formas da paisagem contribuem para a perpetuação de usos e significações entre as gerações; e marco, pois cada grupo grava em seu espaço os sinais e os símbolos de sua atividade. (BERQUE, 1994 apud RIBEIRO, 2007, p. 30).

E ainda de acordo com Ribeiro (2007) destaca a importância da análise da paisagem reside no fato de que ela permite a percepção do sentido do mundo em que se vive dada pelos estudos de Berque.

Esclarece Ribeiro (2007), que há um consenso distintas maneiras, de que a paisagem cultural é o fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço. Contudo, este conceito pode ser apreendido também de diversas formas: A paisagem pode ser lida como um documento que expressa à relação do homem com o meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. “Pode ser tida também como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como base material para a produção de diferentes simbologias, locus de interação entre materialidade e as representações simbólicas”. (RIBEIRO, 2007, p. 9).

A Geografia sempre se utilizou da imagem para representar o mundo conhecido, seja através de cartas ou desenhos variados, porém, fora somente com o estudo do conceito de paisagem por uma Geografia acadêmica que o uso da imagem teve mais ênfase e maior alcance. Nesse sentido, faz-se registrar que a paisagem não é um recorte espacial exclusivo da Geografia, outras ciências também se apropriam deste conceito, marcado por um cabedal de noções e perspectivas.

1.3 Uso da iconografia na representação da paisagem

Para a Geografia as imagens sempre foram muito importantes, imagens tradicionalmente consideradas como geográficas: mapas, fotografias aéreas, no entanto, outras linguagens têm sido incorporadas pelos geógrafos em suas práticas de pesquisa e ensino, apesar de menos utilizadas nas análises as fotografias, pinturas e cinema são “potencialmente fundadoras de outras geografias e percursos curriculares”. (CAZETTA, 2013, p. 13). Nos últimos anos, o número de pesquisas e trabalhos envolvendo as muitas linguagens nas quais o conhecimento geográfico é produzido tem sido ampliado em que o uso constante das imagens seja através de mapas ou pelo estudo da paisagem a partir da sua representação é feita em suas abordagens.

A Geografia Cultural e a Geografia Humanística, tem se apropriado das imagens como fenômenos de interesse geográfico, partindo do princípio de que elas são mensagens apreensíveis acerca do mundo no qual vivemos, transmitindo a partir da visão de mundo do geógrafo representações iconográficas para além da sua materialidade. Em perspectivas epistemológicas como essas, o espaço não constitui apenas uma realidade objetiva, mas é carregado de subjetividade, para Paul Claval (2001) é preciso que se leve em consideração:

O papel do corpo e dos sentidos na experiência humana, os recortes da realidade física e social pelas pessoas, a riqueza da imaginação que dá sentido às geografias mais diversas - a experiência do espaço, e que se explore a maneira pela qual se constituem as identidades e territórios. (CLAVAL, 2001, p. 43).

Conforme afirma Cazetta (2013) a centralidade das imagens na construção do conhecimento e da formação das subjetividades tem sido difundida, estudos mostram a dimensão cultural como central para o entendimento das sociedades contemporâneas.

Para Gomes (2013) as imagens das coisas não estão jamais separadas dos “lugares” onde elas são exibidas. Por isso há, sem dúvida, uma geografia que participa diretamente da produção de significações que nos veiculam as imagens. Existem razões que nos levam a ver e não ver, ou seja, alguns elementos em determinadas circunstâncias nos fazem ver coisas, essas circunstâncias são as situações espaço-temporais, um evento que ocorre em um lugar e em um momento. “As condições particulares desse lugar e desse momento impõem um feixe de significações especiais ao evento”. (GOMES, 2013, p. 110).

Abordando a ideia de percepção das imagens, Miranda (2001), afirma que as fotografias, filmes não nos mostram a percepção que temos do mundo com os nossos próprios olhos, ao contrário, “trata-se de um novo olhar que reconstrói, a sua maneira o real, e que nos proporciona uma outra experiência perceptiva”, (OLIVEIRA JR, 2013, p. 39). Para Oliveira Jr (2013) essas novas experiências de percepção estão presentes em todas as linguagens criadoras de imagens (fotografias, mapas) e estas por sua vez, criam miradas próprias para o mundo, para o real, para a paisagem. Em consenso com esta análise Gomes (2013) salienta que as paisagens são representações de uma área e essas por sua vez são definidas pelo ponto de vista, ou melhor são o enquadramento do olhar, seu delimitador, sendo assim, dependendo da posição que nos encontramos, do ângulo, da distância, coisas diferentes aparecerão.

Conforme Oliveira Jr (2009) as diferentes perspectivas que usamos ao criar imagens do mundo, seja ela a frontal: de quem está de pé, ou a aérea: de quem olha do alto, são formas que produzimos, não só de imaginar o real, mas também de percebê-lo e concebê-lo. “Elas nos educam o olho para ver sob determinada maneira e dessa forma vão produzindo novas memórias e as formas da nossa imaginação real.” (OLIVEIRA JR, 2009, p. 20).

Em consenso Gomes (2013) aponta que alguns elementos ganham visibilidade por oferecerem um elemento de contemplação, quando assim figurados, esteticamente exposto à nossa atenção, provocam o que denomina de distanciamento, esse por sua vez, é uma qualidade bastante valorizada nesse tipo de representação moderna através da perspectiva. A perspectiva nos indica que aquilo que vemos está organizado para ser olhado daquela forma, esses elementos representados na figuração de paisagens, tornaram-se assuntos que se oferecem à nossa reflexão.

De acordo com Oliveira Jr (2009) as experiências corporais advindas dos trabalhos de campo, mediadas pelas teorias ou por diversas mídias, principalmente as imagéticas exercem um papel importante na formação de uma representação imaginária, muitas vezes que sujeita os indivíduos às reais condições de existência, por exemplo, as imagens que se veiculam sobre o Sertão Alagoano, que já foram associados à seca, ao sol castigante, a miséria, aos retirantes enrugados, desolados, aos aspectos rurais, imagens essas difundidas pelos meios de comunicações que em parte não apresentam a forma como as pessoas vivenciam tais ambientes, cabe aqui ressaltar que os discursos e imagens que se veiculam atualmente sobre este se encontra em construção um olhar voltado para a diversidade, patrimonialização da caatinga e para o turismo.

Sendo assim, a imagem e a percepção das paisagens, presentes no inconsciente coletivo, tem um papel importante na formação de novos assentamentos. Esses assentamentos definidos como a forma que agimos e construímos no espaço e, portanto, “gestam a forma dos lugares, uma vez que eles ganham suas formas em função do uso que deles fazemos e da imagem que deles criamos a partir das memórias postadas em nós.” (OLIVEIRA JR, 2009, p. 24)

O Brasil apresenta um acervo iconográfico relevante e nesses registros as imagens que existem são referentes à história da paisagem ou aos aspectos geográficos, principalmente relacionados ao recorte espacial em estudo, imagens recorrentemente as secas, o acontecimento da guerra de canudos, aparições de episódios do cangaço, que forjaram uma percepção social específica acerca daquele lugar àquela época, resultou numa definição de significados ao sertão vinculado ao imaginário social, conforme Alves (2011) o consumo de imagens e legenda dos jornais influenciaram a forma das pessoas perceberem o sertão, criando um conformismo e impactando na formação de uma autoimagem de uma paisagem que impactava a própria composição.

Atualmente é difícil conceber e compreender o espaço geográfico sem imagens, de formas e cores vinculadas, uma vez que, estamos rodeados por elas, ora difundidas pelas mídias de massa, principalmente através do uso da internet, ora pelo uso dos livros didáticos.

As imagens fazem parte da vida e são extremamente importantes para a compreensão do mundo, permitindo a análise dos fatos que cotidianamente nos rodeiam. “Sem a imagem a cotidianidade seria impossível. Mesmo quando não temos uma fotografia para cada situação, o imaginário cria a imagem em nós e para nós (MARTINS, 2009, p. 43).

Percebendo a importância das imagens como representação e compreensão do mundo, será abordado de forma introdutória o estudo da iconografia, esta faz parte da discussão teórica que dará embasamento à pesquisa.

De acordo com Panofsky (1986), a iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma. Ele se refere à forma, ou seja, a estrutura geral de cor, linhas e volumes que constitui nosso mundo visual, em contraposição significa que os limites da percepção são ultrapassados, e, portanto reconhece no tema ou mensagem o significado, ou seja, concebem valores simbólicos as formas puras, as imagens, histórias e alegorias, manifestações essas que são consideradas por Panofsky como princípios básicos e gerais.

Ele define os valores simbólicos como significado intrínseco ou conteúdo que é apreendido pela determinação dos princípios que revelam a classe social, crença religiosa ou filosófica de uma nação, qualificado por uma personalidade e condensados numa obra. Para tanto, é necessário que se esteja familiarizado com o tema prático dos costumes e tradições culturais peculiares a uma dada civilização, identificados em nossa experiência, como aponta Panofsky (1986, p. 49),

Além de constituir um acontecimento natural no tempo e espaço, além de indicar, naturalmente, disposições de ânimo e sentimentos, além de comunicar uma saudação convencional, a ação do meu conhecido pode revelar a um observador experimentado tudo aquilo que entra na composição de sua "personalidade".

Panofsky (1986) classifica em três níveis a forma de interpretação dos significados intrínsecos em uma obra de arte, que são: a descrição pré-iconográfica, em que são identificados os elementos visuais que compõe a imagem em análise, a análise iconográfica que consiste realizar uma primeira interpretação a partir da relação entre os elementos que são estabelecidos, em que ele define como a iconografia propriamente e por último a análise iconológica em que se obtém os significados que faz parte da imagem por meio de diversos modos baseado na cultura local. Sendo assim, o objeto da iconografia num sentido mais intrínseco é primeira descoberta e interpretação dos valores simbólicos sendo a identificação correta dos motivos definido como a familiaridade com fatos e objetos, sendo essa a condição anterior de análise iconográfica que são adquiridos através de nossa experiência prática, enquanto uma análise em se tratando de histórias, imagens, alegorias supõe uma familiaridade com conceitos ou temas específicos que podem ser propagados através de fontes literárias ou por tradição oral, esses são elementos para uma análise iconográfica mais intrínseca.

De acordo com Panofsky (1986), a iconografia por si só não dá conta de interpretar e investigar os valores simbólicos, mas serve de auxílio para reconhecimento de datas, origens, e às vezes autenticidade da imagem, fornecendo base para futuras interpretações.

1.4 Construção simbólica do Sertão

O texto que se segue discorrerá das práticas discursivas e não discursivas e determinados audiovisuais que foram produzidos em torno da ideia do nordeste do país e mais especificamente do Sertão. Como o elemento de análise da pesquisa é a iconografia, farei uso

de imagens para mostrar como algumas práticas culturais, bem como o uso das práticas discursivas elaboraram uma ideia imagética discursiva como o lugar da seca, da miséria e da fome.

Alguns autores e artistas escolhidos dos quais discorrerei deram textos e imagens a região Nordeste como um todo, se tornaram grandes emissores de signos como: cacto, morte, miséria, seca, cangaceiro, pau-de-arara, estereótipos criados pelos discursos e imagens dando uma visibilidade a uma paisagem que direciona comportamentos e atitudes em relação ao sertanejo, inclusive o olhar e a fala da mídia. De acordo com Albuquerque Jr (2011) o Nordeste é fruto de uma identidade espacial, construída em um dado momento histórico, final da primeira década, como produto do entrecruzamento de práticas e discursos regionalistas.

Para entender porque a paisagem cultural do Sertão Alagoano ainda está associada a uma visibilidade marcada pela seca, miséria, etc., e responder ao problema de pesquisa se torna necessário analisar as diversas linguagens que ao longo de um dado processo histórico, construíram uma geografia, que segundo Albuquerque Jr (2011) é tomado como invenção pela repetição regular de determinados enunciados, que são definidores de seu povo, enunciados audiovisuais que se produziram e se cristalizaram com representações “presas” aos discursos tradicionais, para tal construção procurarei mostrar alguns caminhos por meio dos quais se produziram no âmbito da cultura brasileira, o Nordeste. Para tal, referenciarei Durval Jr (2011), que em seu livro *A invenção do Nordeste* em que discute como se deu a construção imagética do lugar objeto da pesquisa.

A ideia de sertão como elemento fundador do imaginário brasileiro sugere-nos que é preciso compreender a correlação existente entre certas formas de pensar aquelas paisagens a que se reporta a nossa imaginação.

O imaginário da natureza é um campo largamente reconhecido nas abordagens da geografia cultural contemporânea Claval (1999) incluindo o estudo das relações entre literatura e espaço regional. Percebe-se uma preocupação crescente em evidenciar os processos de interpretação dos significados do mundo que estariam relacionados aos comportamentos e ações concretas dos homens em relação ao meio, ou à paisagem.

Para Albuquerque Jr (2011) foi à necessidade de se criar uma identidade nacional capaz de incorporar os diferentes espaços do Brasil, bem como a necessidade de conhecer as particularidades regionais como forma de se pensar uma política de nacionalização ou unificação, fez surgir nos discursos regionalistas uma imagem, um texto de costumes encontrados em um estado não levando em consideração as diferenças e particularidades do

lugar, como podemos observar nos quadros de Tarsila do Amaral, figura 1, em que o cacto, por exemplo, passa a ser um signo que mostra a nossa realidade nacional, surgindo paisagens que representam apenas uma dada realidade fazendo emergir um Nordeste qualificado de forma negativa pela imprensa do Sul/Sudeste em que se acentuam a diferença na vida material e social das duas áreas, em que é atribuído a raça e o ambiente natural como determinante no processo de inferioridade do Nordeste do Brasil em relação às demais regiões do país, como salienta Albuquerque Jr (2011, p. 56) “eles consideram a miséria uma consequência do encontro entre um habitat desfavorável e uma raça, fruto do “cruzamento de indivíduos de raças extremas e da submestiçagem.”

Figura 1 – Quadro Abaporu, Tarsila do Amaral, 1928



Fonte: <https://jornalggn.com.br/blog/luiz-neves/o-enigmatico-significado-do-abaporu>¹.

O discurso da seca vai ser um dos responsáveis pela unificação dos interesses regionais e um detonador de práticas políticas e econômicas. A descrição das “misérias e horrores do flagelo” tenta compor a imagem de uma região abandonada, marginalizada pelos poderes públicos, este discurso passa a ser tema central dos representantes políticos do Nordeste, sendo assim o discurso da seca e sua “indústria”, mais constante e lucrativa. Como salienta Albuquerque Jr (2011) a seca de 1877-79, teve grande repercussão nacional pela imprensa

¹Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luiz-neves/o-enigmatico-significado-do-abaporu>>. Acesso em 20 de Maio, 2017.

fazendo com as bancada nordestina vissem na seca a poderosa “arma” que tinham nas mãos, e atraíssem um volume considerável de recursos para as “vítimas do flagelo”, e fizessem com que a bancada nordestina conseguisse incluir, já na constituição de 1891 o artigo 5º que obrigava a União a destinar verbas especiais destinadas as vítimas de flagelos naturais, incluindo aí a seca, isto fica claro, com a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), em 1909, instituição destinada ao “combate às secas”.

Em se tratando das artes plásticas, segundo Albuquerque Jr (2011) Cândido Portinari é sem dúvida aquele que terá maior influência na formação de uma visibilidade para o Brasil e suas regiões, as suas imagens são impregnadas de regionalismos que se remetiam a uma imagética literária ligada ao Brasil rural. Ao adotar a preocupação com as condições sociais do país, Portinari busca nos romances de trinta, imagens que melhor pudessem expressar os dramas sociais, ver figura 2, os retirantes secos, enrugados, esqueléticos em que a desolação e a aridez tomam o lugar do fruto e da seiva.

Figura 2 – Os retirantes, (1944), Candido Portinari



Fonte: <https://www.culturagenial.com/quadro-retirantes-de-candido-portinari/>².

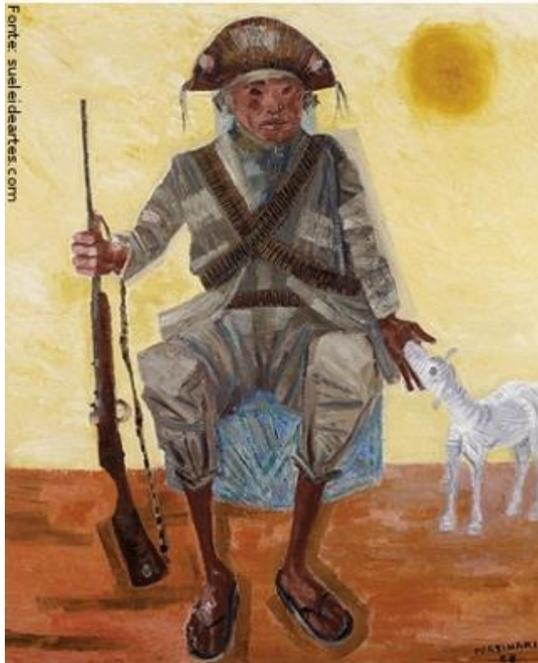
As manifestantes de revolta, desespero e violência, presente nos movimentos messiânicos e cangaço, ver figura 3 serão lidas como consequência da seca, da incapacidade

²Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luiz-neves/o-enigmatico-significado-do-abaporu>>. Acesso em 20 de Maio, 2017.

dos poderes públicos em dar solução ao problema, ou ainda uma como uma revolta contra a sociedade moderna que se instala como afirma Albuquerque Jr (2011, p. 73):

Os fenômenos messiânicos, notadamente Canudos, participaram decisivamente na construção da imagem do Norte e do nortista para as populações do Sul, devido à repercussão das reportagens de Euclides da Cunha, sobre o movimento, publicadas em *O Estado de São Paulo*. Na década de vinte, o fenômeno do Padre Cícero também reforça esta imagem de fanatismo e loucura religiosa, que acompanha os nordestinos até hoje. O mesmo jornal envia a Juazeiro o repórter Lourenço Filho, que descreve o que “vê” em várias reportagens em que as imagens e enunciados euclidianos surgem constantemente.

Figura 3 – O olhar de Portinari para o Nordeste, Cangaceiro, 1950



Fonte: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=47>³.

Dessa forma a imagem do Sertão como um todo é pensada a partir da seca, as áreas úmidas ou os períodos de chuvas eram ignorados. Esses aportes imagéticos atribuem ao Sertão um lugar marcado por uma paisagem de seca, solo rachado e pobreza.

³Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luiz-neves/o-enigmatico-significado-do-abaporu>>. Acesso em 20 de maio, 2017.

SERTÃO ALAGOANO: NO CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS MAIS SIGNIFICATIVAS

A trajetória experimentada pelo país nos anos recentes de acordo com Bacelar (2013) teve impactos regionalmente diferenciados essas políticas que afetaram a renda das famílias, como o Programa Bolsa Família (PBF) e o aumento real do salário mínimo, tiveram maior impacto no Nordeste, por concentrar mais de metade da população muito pobre do país, capta 55% dos recursos desse programa. “Nessa região, concentra-se a pobreza rural, e ela tem como endereço principal os pequenos municípios, em especial os do grande espaço semiárido.” (BACELAR, 2013, p. 546)

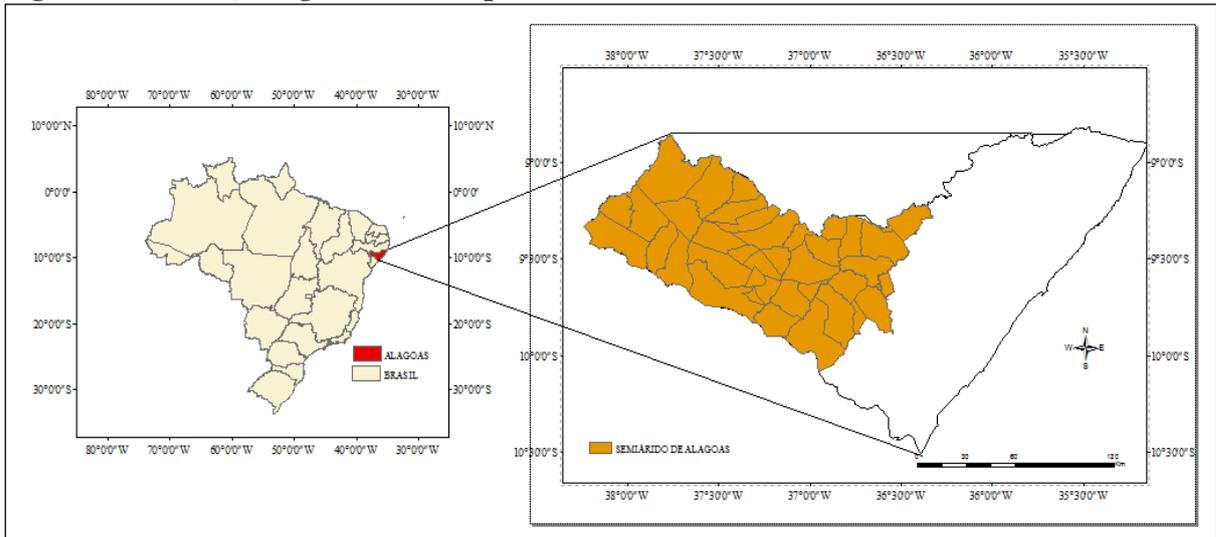
Nos pequenos municípios do Semiárido brasileiro foi interessante observar que a cobertura social aos beneficiados diretos não só gerou renda como também, dinamizou lojas, farmácias, padarias, feiras semanais, por ter bases produtivas locais muito modestas, teve um impacto na dinâmica da economia local.

Neste capítulo, apresentarei as transformações e permanências mais significativas ocorridas nos municípios em estudo, num contexto de desenvolvimento regional, bem como a influência dessas transformações na organização espacial, em várias situações, sendo o elemento cultural fundamental para se compreender a relação homem e meio. Para tal fim, de forma sucinta, em que são abordadas as ações de convivência contidas no recorte espacial da pesquisa.

2.1 A microrregião Alagoana Sertão do São Francisco

De acordo com o Instituto Nacional Brasileiro (INSA, 2014), a Região do Semiárido Brasileiro (SAB) é uma delimitação geográfica do território nacional, oficialmente definida em 2005 pelo Ministério da Integração Nacional (MIN). Ainda de acordo com o INSA (2014) a região semiárida do Brasil representa 12% do país, abrangendo um total de 1135 municípios. Conforme, figura 4, Alagoas possui 38 municípios no semiárido, dentre eles os que compõem a região em estudo a Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, onde estão localizados os municípios de Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado e Piranhas.

Figura 4 – Brasil, Alagoas e municípios do Semiárido

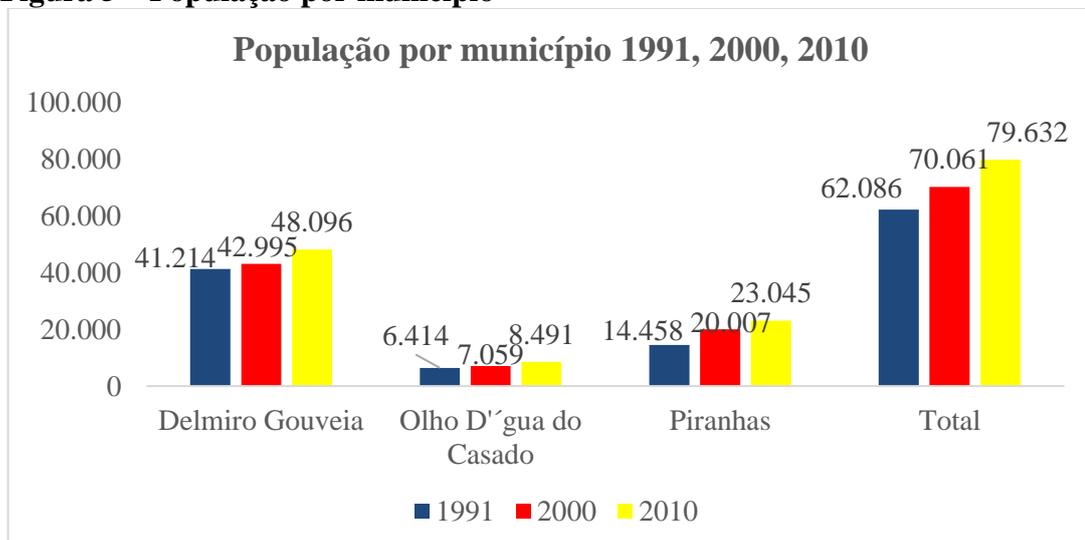


Fonte: IBGE, 2010.

Elaboração: OLIVEIRA, 2017.

Em relação às características demográficas os municípios em estudo apresentaram um crescimento em relação aos anos 1991 a 2000 a 2010. O somatório maior da população dos municípios de Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado e Piranhas foi observado entre o ano 2000 e 2010, atingindo 79.632 habitantes, conforme, figura 5 equivalendo a aproximadamente 2,6% da população do Estado que em 2010, conforme o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi 3.120.494 habitantes. Se comparando com a população do semiárido do estado de Alagoas que foi de 900.549 habitantes (IBGE, 2010), o somatório total da população que compreende os três municípios em estudo corresponde a 8,8% da população do Semiárido de Alagoas.

Figura 5 – População por município



Fonte: CENSO DEMOGRÁFICO, 1991, 2000, 2010.

Em relação à diferença entre a população urbana e rural, podemos perceber que os municípios de Delmiro Gouveia e Piranhas apresentam população urbana predominante, sendo notável o crescimento da população urbana em relação a rural nos períodos pesquisados de acordo com a escala temporal, como podemos observar na figura 6. Este fenômeno intensificou-se nacionalmente, e também em Alagoas, a partir da década de 1990 de acordo com Lira (2013) a população rural começa a declinar e essa transição se intensificou devido às políticas públicas habitacionais e de infraestrutura no espaço urbano e sem investimentos no espaço rural. Todavia, as sedes municipais classificadas como urbanas guardam a sociabilidade rural, “a condição de ruralidade da vida alagoana está calcada tanto na economia como na cultura”. (LIRA, 2013, p. 42). Diante de tal processo se torna necessário um planejamento estratégico que leve em consideração concepções e maneiras de encarar o desenvolvimento regional e as condições como a vida se reproduz nestes espaços.

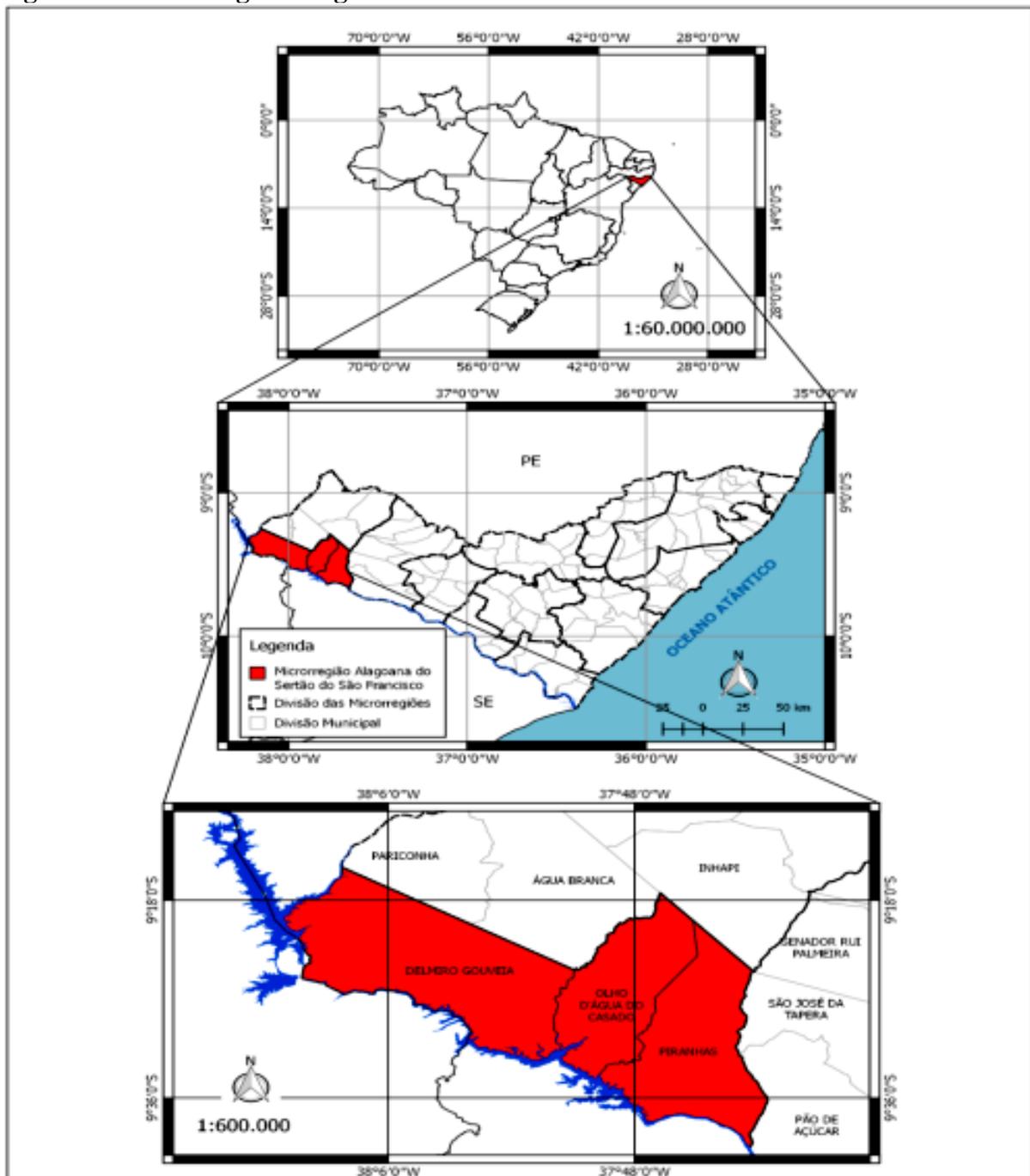
Figura 6 – Número e percentual de habitantes por município e zona

Anos	Número de Habitantes			Anos	Percentual da população por local do domicílio		
	1991	2000	2010		1991	2000	2010
Delmiro Gouveia - Urbano	31.957	33.563	34.854	Urbano	77,5	78,1	72,5
Delmiro Gouveia - Rural	9.257	9.432	13.242	Rural	22,5	21,9	27,5
Olho d'Água do Casado- Urbano	3.773	3.887	4.027	Urbano	58,8	55,1	47,4
Olho d'Água do Casado - Rural	2.641	3.172	4.464	Rural	41,2	44,9	52,6
Piranhas - Urbano	1.718	1.340	13.189	Urbano	11,9	6,7	57,2
Piranhas - Rural	12.740	18.667	9.856	Rural	88,1	93,3	42,8

Fonte: CENSO DEMOGRÁFICO – 1991, 2000, 2010.

A escolha do espaço geográfico onde estão localizados os três municípios da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, como lugar de estudo, ocorre devido às características peculiares de todo o seu percurso: a presença do rio São Francisco que banha os municípios: Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado e Piranhas, figura 7, por aproximadamente 240 km de extensão, conforme a Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Econômico - SEPLANDE (2016) dentro da caatinga atravessa serras e cânions.

Figura 7 – Microrregião Alagoana Sertão do São Francisco



Fonte: IBGE adaptação SANTOS, 2017

Para Vidal (2004) o rio São Francisco evidencia uma enorme potencialidade, pois dispõe de água abundante, suas águas geralmente reguladas e disponíveis ao longo do ano, podendo ser uma fonte geradora de riquezas e diminuição dos problemas sociais que atinge a população que vive as suas margens.

Salienta Vidal (2004) que existe uma descontinuidade e falta de motivação patriótica de dirigentes ao longo de nossa história, bem como os interesses financeiros externos que

controlam a “política” e as finanças nacionais, às custas do nosso povo. Este recorte escolhido é justificado também pelo fato de estarem localizados na mesorregião do Sertão Alagoano e totalmente no domínio do clima semiárido. Os municípios em estudo estão localizados numa unidade de relevo classificada segundo Aziz Ab’Saber (2003) de Planalto Pediplano Nordeste.

De acordo com a SEPLANDE (2014), as altitudes predominantes nessa microrregião variam de 250 a 300 m e a unidade geomorfológica a qual está inserida é o Pediplano do baixo São Francisco, marcado pela presença de uma vegetação de caatinga. Dentre as características climáticas usadas como critérios para classificar esses municípios como inseridos no semiárido destaca-se precipitação média inferior a 800 mm; um índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e evapotranspiração potencial e o risco de seca maior que 60% de acordo com Ministério da Integração Nacional (2005) que atualizou a área de abrangência do semiárido, ou seja, a população do semiárido alagoano convive com um clima caracterizado pela variabilidade espacial e temporal das chuvas com a sucessão de anos seguidos de insuficiência hídrica. O tema da seca foi um dos mais importantes por criar um discurso-imagético legitimando este recorte espacial sob o signo da discriminação e vitimização “a imagem do Nordeste passa a ser pensada sempre a partir da seca e do deserto, ignorando-se todas as áreas úmidas existentes em seu território”. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 138). Um Nordeste propagado pelos discursos como:

de espaço em espaço surge o deserto árido e triste e sobre ele se arrastando longos, esguios e sinuosos os caminhos feitos pelos pés dos homens e pelo rastro dos animais, esqueléticos, movendo os ossos num ruído desencontrado. (OESP, 1927, p. 6 apud ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 75).

Estes discursos foram reiterados de modo que, para legitimar práticas de corrupção através dos recursos destinados ao “combate às secas”, abrindo maiores espaços para o aparelho do estado para os grupos dominantes do “Norte”, com a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) que foi transformada em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, que passa a ser o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), em 1945 herdando a mesma estrutura da IFOCS. A política desenvolvida por esses órgãos estava pautada na construção de grandes obras hídricas como solução para o “combate às secas”. Além da manipulação dos recursos e da apropriação, por grupos políticos, dos resultados deficitariamente alcançados, uma vez que se concentram em territórios demarcados, se mantendo inacessíveis as pessoas que necessitam de condições dignas de vida, o discurso sobre

a seca como evento marcante ainda persiste, ainda legitima práticas de clientelismo, explicações de mundo e interpretações de relações sociais.

Contudo, o discurso da convivência surge e tem seus primeiros alinhavos tecidos entre as décadas de 1980 e 1990 propondo outra forma de compreensão da vivência no semiárido, quando entidades não governamentais desenvolvem suas atividades na região semiárida do Nordeste e começam a elaborar uma proposta de desenvolvimento, que, acelerando o processo de crescimento econômico, não o faça divorciado dos aspectos sociais, ambientais e culturais, essa proposta articula a ideia entre homem e a convivência no semiárido, aliando desenvolvimento de novas tecnologias de captação e armazenamento de água das chuvas, educação contextualizada, propostas pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA)⁴ que foi oficializada em 1999 no Recife constituída por sessenta organizações não-governamentais, que durante a Conferência das Partes das Nações Unidas da Convenção ao Combate à Desertificação (COP 3), divulgam a Declaração do Semiárido, afirmando que a convivência é possível.

Queremos falar dessa parte do Brasil de cerca de 900 mil km², imensa, porém invisível, a não ser quando a seca castiga a região e as câmeras começam a mostrar as eternas imagens de chão rachado, água turva e crianças passando fome. São imagens verdadeiras, enquanto sinais de alerta para uma situação de emergência. Mas são, também, imagens redutoras, caricaturas de um povo que é dono de uma cultura riquíssima, capaz de inspirar movimentos sociais do porte de Canudos e obras de arte de dimensão universal – do clássico Grande Sertão, do escritor Guimarães Rosa, até o recente Central do Brasil, do cineasta Walter Salles. (ASA, 1999, sp).

Abordarei em tópicos posteriores a atuação dessas organizações e as ações desenvolvidas na Microrregião Alagoana Sertão do São Francisco, importantes para o empoderamento das comunidades locais, nesse contexto aprofundando interesses pela democracia e imprimindo perspectivas de liberdade, elemento fundamental para o desenvolvimento humano.

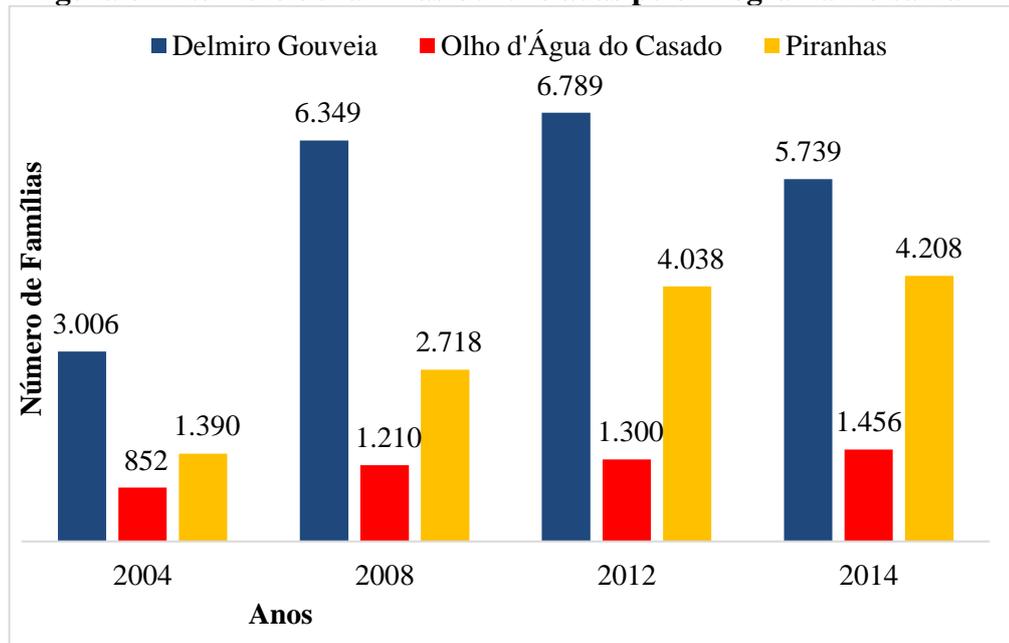
⁴A ASA é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas, o projeto político da convivência com o Semiárido. É uma rede porque é formada por mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas – sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG's, Oscip, etc.

Essa rede conecta pessoas organizadas em entidades que atuam em todo o Semiárido defendendo os direitos dos povos e comunidades da região. As entidades que integram a ASA estão organizadas em fóruns e redes nos 10 estados que compõem o Semiárido Brasileiro (MG, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI e MA). ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA. Disponível em <<http://www.asabrasil.org.br/>>. Acesso em 10 de Janeiro, 2018.

Além dos já citados motivos quanto à escolha de estudar o recorte espacial, também como o desejo de aprender sobre um espaço que vem apresentando mudanças, já que esse lugar muito têm contribuído com a atividade turística que está crescendo no Sertão Alagoano, pela beleza de suas paisagens ao longo do percurso do rio, bem como a instalação do Campus da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em Delmiro Gouveia e a atuação das cooperativas como: Coopeapis (Piranhas) e Coopabacs (Delmiro Gouveia) importantes mudanças que possibilitam a construção de novas maneiras de fundamentar um discurso que dê visibilidade as potencialidades e riquezas que esse lugar apresenta e uma educação contextualizada adequada às particularidades ambientais e socioculturais da região.

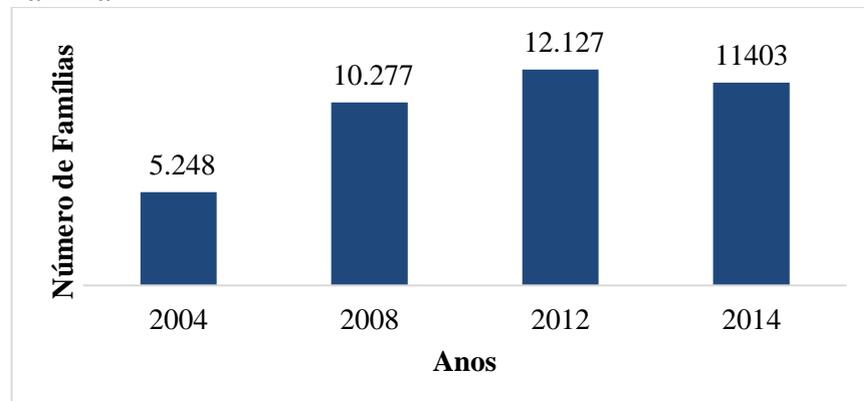
Para compreender as mudanças mais significativas que resultaram em uma ressignificação da paisagem cultural do recorte em estudo, apresentarei alguns dados socioeconômicos que possibilitam entender tais mudanças. De acordo com Tania Bacelar (2013) tais mudanças estão atreladas a melhoria do quadro fiscal que abriu espaço para a retomada de políticas públicas federais. Dentre elas, destacam-se as políticas sociais que estimularam o crescimento da renda das famílias junto com a significativa elevação do valor do salário mínimo, fazendo com que elevasse a renda das famílias e a retomada do crescimento da economia.

De acordo com Lira (2014) e Carvalho (2015) políticas sociais como o Programa Bolsa Família (PBF) junto com a ampliação da cobertura de seguridade social e a política de valorização do salário mínimo tem forte impacto ao assegurar o acesso aos bens de consumo essenciais: alimentos, vestuário, calçados, produtos de higiene deslocam para uma economia poucas alternativas estimulando o comércio e a produção, fenômeno que Carvalho (2015) define como fortalecimento da economia popular, esses indicadores vêm gradativamente melhorando, mostrando uma redução da pobreza no estado e uma evolução na distribuição de renda, conforme podemos observar nas figuras 8 e 9.

Figura 8 – Número de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família

Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS), (2004, 2008, 2012, 2014).

Elaboração: Autora, 2018.

Figura 9 – Número total de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família

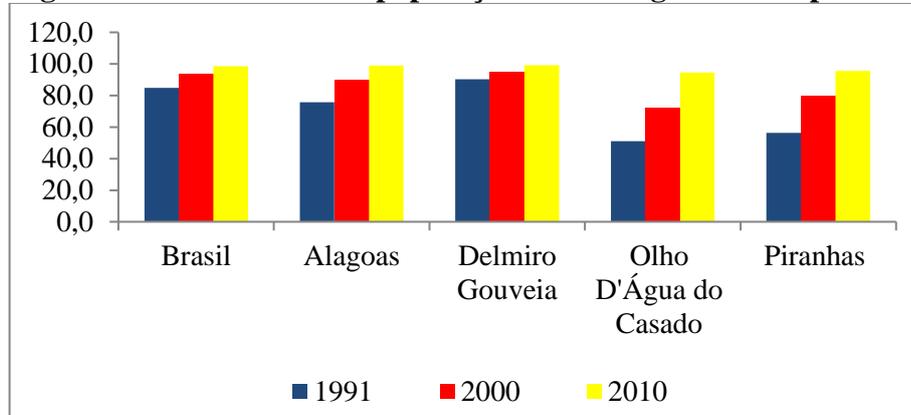
Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS), (2004, 2008, 201, 2014).

Elaboração: Autora, 2018.

Além do Bolsa Família, a inserção de políticas sociais federais como o programa Luz Para Todos (LpT) que foi criado em 2003 através das parcerias entre governos federal e estaduais e iniciativa privada com o objetivo de atender às áreas rurais com fornecimento de energia elétrica, por esse ser um serviço essencial e ainda não escasso em algumas áreas. Este programa social promoveu a inclusão social das famílias rurais de baixa renda fornecendo serviços de energia elétrica, com a finalidade da universalização e distribuição ao seu acesso,

proporcionando melhorias na qualidade de vida da população que vive no semiárido alagoano, como podemos observar na figura 10.

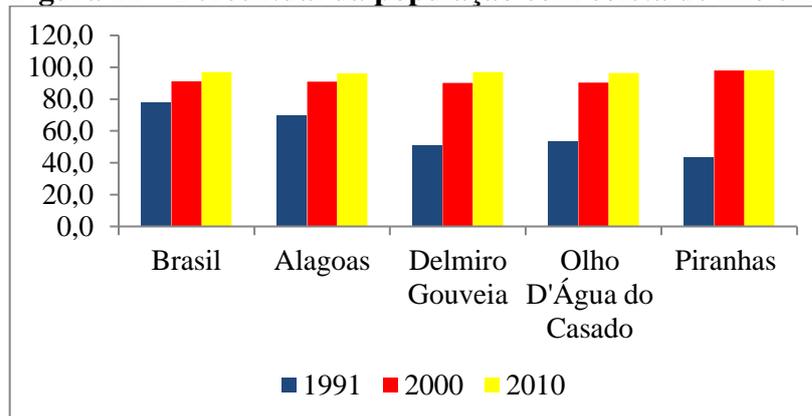
Figura 10 – Percentual da população com energia elétrica por domicílio



Fonte: PNUD, (1991, 2000, 2010).

É bem notável a melhoria da porcentagem em todos os municípios em estudo, as porcentagens de domicílios apresentam coleta de lixo e energia elétrica, onde é possível perceber que Delmiro Gouveia possui quase totalmente suas residências assistidas por energia elétrica, isso demonstra as possíveis mudanças no padrão de consumo e mudanças na paisagem sociocultural. O município de Piranhas é quase totalmente assistido por coleta de lixo.

Figura 11 – Percentual da população com coleta de lixo em domicílios



Fonte: PNUD, (1991, 2000, 2010).

Assim como a região Nordeste o estado de Alagoas apresentou mudanças, verifica-se num período entre 2004 a 2012 um momento novo no qual a renda cresceu nas camadas mais pobres. Em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) os municípios em estudo conforme figura 12, apresentaram melhorias referentes ao ano de 1991 a 2010, apesar ainda ser

considerado um IDHM baixo, esses dados demonstram melhorias e mudanças no padrão de vida da população da microrregião alagoana do Sertão São Francisco.

Figura 12 – IDHM municípios da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco

Lugar	IDHM (1991)	IDHM (2000)	IDHM (2010)
Brasil	0,493	0,612	0,727
Alagoas	0,370	0,471	0,631
Delmiro Gouveia (AL)	0,334	0,436	0,612
Olho D'Água do Casado (AL)	0,259	0,362	0,525
Piranhas (AL)	0,398	0,432	0,589

Fonte: PNUD, (1991, 2000, 2010).

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Índice de Gini é um instrumento usado para medir o grau de concentração de renda. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda, ou seja, se uma só pessoa detém toda a renda do lugar. De acordo com a figura 13, os municípios em estudo apresentaram um Índice de Gini que vem melhorando ao longo dos anos e em 2010 apresentaram uma diminuição significativa da porcentagem da população extremamente pobre e pobre se comparada com os dados de 1991, como pode se observar na figura 13.

Figura 13 – Índice de GINI municípios da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco

Lugar	Índice de Gini (1991)	Índice de Gini (2000)	Índice de Gini (2010)	Renda per capita (1991)	Renda per capita (2000)	Renda per capita (2010)
Brasil	0,63	0,64	0,6	447,56	592,46	793,87
Alagoas	0,63	0,68	0,63	211,98	285,29	432,56
Delmiro Gouveia (AL)	0,52	0,58	0,52	143,2	226,71	332,13
Olho D'Água do Casado (AL)	0,63	0,6	0,54	140,74	170,87	211,97
Piranhas (AL)	0,65	0,71	0,6	250,37	257,64	265,96

Fonte: PNUD, (1991, 2000, 2010).

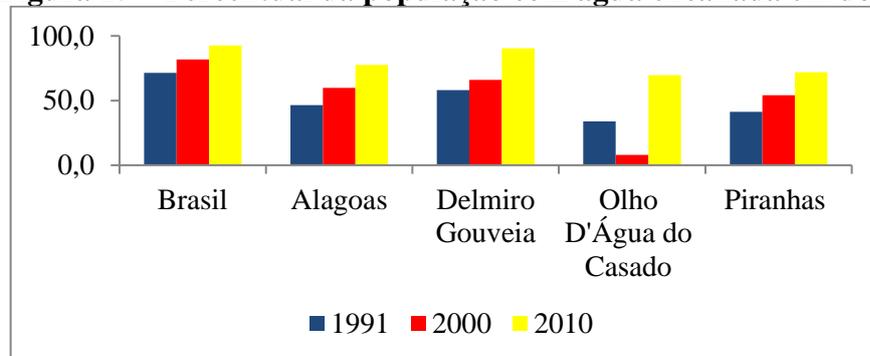
Figura 14 – Pobreza e desigualdade nos municípios da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco

Lugar	% de extremamente pobres (1991)	% de extremamente pobres (2000)	% de extremamente pobres (2010)	% de pobres (1991)	% de pobres (2000)	% de pobres (2010)
Brasil	18,64	12,48	6,62	38,16	27,9	15,2
Alagoas	36,62	31,95	16,66	65,15	56,8	34,29
Delmiro Gouveia (AL)	37,47	27,23	16,76	68,86	53,15	33,1
Olho D'Água do Casado (AL)	52,56	40,18	30,1	79,73	56,74	52,74
Piranhas (AL)	39,46	39,14	31,07	61,89	60,37	48,72

Fonte: PNUD, (1991, 2000, 2010).

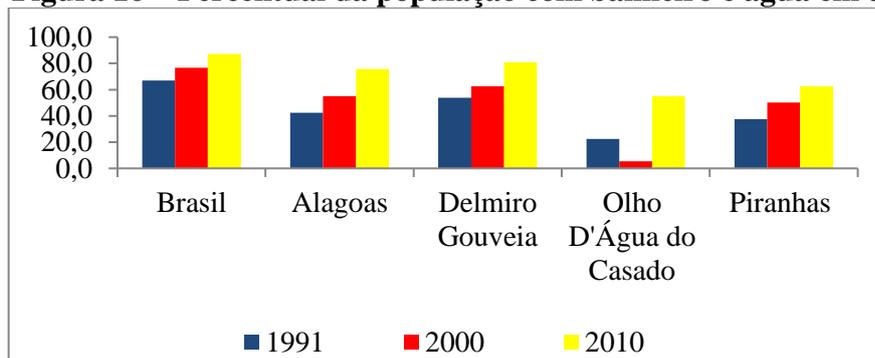
Outro dado relevante que caracteriza melhorias na qualidade de vida são os indicadores de habitação, conforme figura 15 é possível perceber que houve um aumento significativo na quantidade de domicílios com água encanada e com banheiro e água encanada, o destaque vai para o município de Delmiro Gouveia por apresentar 90,47% dos domicílios com água encanada, ou seja, 32,3% a mais do que em 1991. Apesar de apresentar sempre melhorias nos índices referentes aos indicadores de desempenho, a porcentagem da população em domicílios com banheiro e água encanada em 2010 ainda é inferior à porcentagem apresentada pelo Brasil, figuras 15 e 16.

Figura 15 – Percentual da população com água encanada em domicílios



Fonte: PNUD, (1991, 2000, 2010).

Figura 16 – Percentual da população com banheiro e água em domicílio



Fonte: PNUD, (1991, 2000, 2010).

2.2 Ressignificação da paisagem cultural do Sertão: um olhar iconográfico

Loiola (2012) aponta algumas transformações ocorridas no Sertão Alagoano desde a construção da moderna hidrelétrica de Xingó, o crescimento do turismo no Vale do São Francisco e a construção do Canal do Sertão que tem como prioridade a geração de emprego e renda, com a utilização integrada do rio São Francisco e o Xingó Centro de Convivência com o Semiárido que tem como objetivo ser um importante gerador de conhecimentos, métodos e procedimentos aplicáveis à produção local, adequados ao semiárido nordestino.

Entre Sergipe e Alagoas, no Rio São Francisco foi realizada a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, (figura 17), além de ser produtora de energia, transformou-se em um importante atrativo turístico da região, além da visita para se conhecer a engenhosidade da obra, também é possível visitar a barragem formada devido o represamento das águas do rio que é um importante fonte alimentadora da agricultura e da vida sendo considerado de acordo com Rocha (2004) um fator essencial da existência do Brasil. O represamento permitiu a formação da barragem que passa a ser também importante ponto turístico da região, os arredores da barragem contam com alguns restaurantes que permitem vistas singulares do represamento e a hidrelétrica, em alguns locais já é possível perceber uma infraestrutura turística de qualidade.

Figura 17 – Hidrelétrica de Xingó, rio São Francisco



Fonte: <http://cbhsaofrancisco.org.br/a-monumental-hidreletrica-de-xingo/>⁵

⁵Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/a-monumental-hidreletrica-de-xingo/>>. Acesso em 20 de Março, 2018.

Figura 18 - Hidrelétricas no estado de Alagoas



Fonte: <http://dados.al.gov.br/dataset/hidreletricas-em-alagoas/resource/095f0d2e-abbf-4f78-b6a5-70ab864f7e9d>⁶.

A construção da usina hidrelétrica de Xingó provocou transformações nos meios econômico, social, ambiental e cultural desses municípios, tendo como exemplo o fluxo migratório de pessoas no período, bem como provocou uma contribuição maior do setor secundário para a formação de riqueza, particularmente, devido aos repasses de recursos da usina para o município pela compensação de uso dos seus recursos naturais. O gerenciamento da usina é feito pela Chesf, que tem sido importante ator no desenvolvimento de projetos em benefício da população da área em que está localizada a obra, também possibilitou o desenvolvimento de projetos de irrigação e o desenvolvimento do turismo.

2.2.1 Município de Delmiro Gouveia

De acordo com Nascimento (2015) o município de Delmiro Gouveia teve sua categoria elevada a município em 1954, anteriormente denominado de Pedra e pertencia ao domínio político administrativo do município de Água Branca, seu nome é uma homenagem a Delmiro pioneiro na utilização das águas do São Francisco e na produção de energia. Delmiro se instalou no Sertão Alagoano por volta de 1902 em um pequeno povoado que ficava à margem da Ferrovia Paulo Afonso, construído por ordem do imperador D. Pedro II quando visitou a cachoeira de Paulo Afonso em 1859, a construção dessa linha de trem da Great-Western, essa estrada possibilitou o empreendimento de uma usina hidrelétrica, uma fábrica de linhas, que

⁶Disponível em: <<http://dados.al.gov.br/dataset/hidreletricas-em-alagoas/resource/095f0d2e-abbf-4f78-b6a5-70ab864f7e9d>>. Acesso em 16 de Janeiro, 2018.

contava naquela época (1900) com um maquinário considerado moderno, e a construção da vila Operária com escola, equipamentos urbanos de saneamento básico.

Foi em razão do curtume, das construções da usina hidrelétrica de Angiquinho, da Fábrica de Linhas fundadas por Delmiro Gouveia e da estação de trem que lá já existia quando da chegada do cearense ao lugar, que o núcleo fabril da Pedra transformou-se muito rapidamente num lugar atrairia sempre mais gente de todos os lugares (NASCIMENTO, 2015, p. 21).

Delmiro Gouveia atingiu dimensões nacionais de fama, ficou conhecido por alguns como o implantador da civilização entre as populações sertanejas, pois ele permitiu o desenvolvimento industrial em uma época e lugar, reiteradamente apresentado como meio hostil e imerso no atraso, afastado do Litoral pela distância geográfica e, mais ainda pelo grau de “civilização”, conforme Correia (1998), concepção predominante e difundida pela elite brasileira ainda hoje, mesmo não mais de modo homogêneo, de que o Sertão é o lugar onde a modernidade é impossível, o vilarejo da Pedra, atualmente município de Delmiro Gouveia tendo representado seu ideário de organização social do trabalho, transformação de matérias-primas, primeiro pela pecuária e o beneficiamento do couro, depois a industrialização, incorporando trabalhadores, condições sociais, casa de alvenaria, água encanada e luz elétrica, cinema, esse modelo de organização fabril passou a ser difundido com todo entusiasmo por quem acreditava no progresso e modernização do Brasil, como sociedade modelo de civilização para o resto do país.

A usina hidroelétrica de Angiquinho ficou pronta em 1913 e foi a pioneira do seguimento no Brasil, de acordo com Nascimento (2015) os maquinários para construção da hidrelétrica de Angiquinho vieram da Europa, eram transportadas de barco até Piranhas logo após seguiam pela estrada de trem até chegarem em Pedra e daí eram levadas em carroças de burro e carros de bois, e como ramificação da usina Delmiro projetou a construção da fábricas de linhas.

Nascimento (2015) destaca que a unidade fabril de linhas de costura, foi instalada em 1914, através das concessões do uso do Rio São Francisco e investimentos das oligarquias locais e o governo estadual, esses investimentos atraíram muitos moradores e permitiu o desenvolvimento da região, para que o empreendimento tivesse êxito, após o funcionamento da fábrica Delmiro passa a monitorar e preparar a mão-de-obra.

Figura 19 – Fábrica da Pedra



Fonte: Autora, 2016

Segundo Carvalho (2015) a fábrica proporcionou geração de empregos, transformando aquele lugar em primeira vila operária do Sertão. “A vila dispunha de água encanada, energia elétrica, telégrafo, telefone, capela, cinema, lavanderias, fábrica de gelo, grandes armazéns de depósitos e escola para crianças e adultos.” (CARVALHO, 2015, p. 115). Para Correia (1998) essa forma de organização estava ligada ao conjunto de iniciativas que ocorriam em vários lugares do Brasil feito por todos os industriais da época, os habitantes não pagavam pela luz nem pela água consumidas, e também recebiam uma educação que os conscientizavam de não jogar lixo nas ruas para preservar a limpeza pública. Por ser referência na história e na vida da sociedade sertaneja alagoana, por ser localizada na área central da cidade de Delmiro Gouveia, a fábrica chamava atenção por sua extensão territorial.

Conhecendo a história do lugar, ao ouvir narrativas sobre a vida do homem que deu nome ao lugar e que, segundo os povos que ali habitam “desbravou os sertões”. Percebe-se na memória coletiva a admiração, respeito e idolatria, ouve-se de ex-operários e habitantes mais antigos falas do tipo “foi graças a Delmiro que hoje esta região é desenvolvida”. (Entrevista Escrita)⁷. Alguns objetos, documentos, da fábrica de linhas, da hidrelétrica encontram-se, hoje

⁷Questionário aberto respondido pelo entrevistado 1. [out. 2016]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2016.

no museu regional que leva o nome de Delmiro criado em 1989, e se localiza na antiga estação de trem, uma das paradas da ferrovia Paulo Afonso que fazia o trajeto Piranhas/Alagoas a Jatobá/Pernambuco.

Figura 20 – Museu Delmiro Gouveia



Fonte: Autora, 2016.

Existe também no museu objetos da própria estação, por exemplo, uma locomotiva a vapor C.W.B.R., encontram-se peças da antiga Estação Ferroviária, uma locomotiva a vapor C. W. B. R, entretanto o local encontra-se um pouco deteriorado, não recebe uma manutenção adequada para se tornar um atrativo turístico de grande valor cultural.

Dentre a herança e dos benefícios proporcionados por Delmiro Gouveia destaca-se a Escola Delmiro Gouveia, figura 21, a escola representa um símbolo da história e o patrimônio cultural da cidade.

Figura 21 – Escola Delmiro Gouveia



Fonte: Autora, 2017.

Segundo Gonçalves (2010, p. 271): “as casas eram de alvenaria, revestidas de reboco, permanentemente caiadas de branco, cobertas de telhas de barro e com pisos de tijolos. Um amplo alpendre seguia acompanhando o quarteirão, interligando todas as moradias e formando um imenso corredor”. A Vila Operária faz parte do património cultural do município de Delmiro, porém está perdendo sua arquitetura original devido a utilização de novas técnicas utilizadas nas reformas, pois não existe uma atuação por parte de órgãos e nem decretos que façam cumprir e manter sua arquitetura original. A figura 22 retrata algumas poucas casas que mantêm sua arquitetura original.

Figura 22 – Vila operária em Delmiro Gouveia



Fonte: Autora, 2017.

De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Alagoanos (2012)⁸ a cidade de Delmiro Gouveia é considerada uma cidade-polo sub-regional, o município está localizado numa posição geográfica privilegiada, entre as fronteiras com Sergipe e Bahia e as cidades-polos: Paulo Afonso (BA) e Petrolândia (PE) isso influenciou a formação de um comércio dinâmico e também o fortalecimento de uma movimentada economia local, esse dinamismo econômico foi possibilitado desde a formação dessa cidade, como já vimos anteriormente, a Fábrica da Pedra foi símbolo de modernidade industrial, quando reaberta em 1992 pelo Grupo Carlos Lyra. Atualmente, a fábrica se encontra fechada devido o encerramento de suas atividades no início de 2016. De acordo com noticiários de circulação local a crise na fábrica da Pedra começou em março de 2016, devido a um débito de energia com a Eletrobrás, tendo a mesma a energia cortada e suas atividades foram paralisadas temporariamente, devido a esse débito, a gestão da fábrica não conseguiu quitar a dívida nem a Eletrobrás aceitou acordos para que o débito pudesse ser negociado, vindo a agravar ainda mais a situação da empresa, vindo posteriormente ser decretado a paralização de seu funcionamento.

De acordo com relatos dos antigos trabalhadores da fábrica a mesma possuía aproximadamente 500 funcionários, que devido a paralização de sua produção vieram a ter férias coletivas. No final de 2016, a direção da empresa resolveu demitir cerca de 150 funcionários, fazendo agravar a crise, a empresa já que não tinha condições para arcar com as despesas com os funcionários da empresa, entretanto em dezembro de 2017, conforme o Correio Notícia, “as máquinas da Fábrica de Pedra foram vendidas para uma empresa de Americana (SP), acabando com a esperança que muitos Delmirenses tinham na reativação da fábrica”.

Na primeira visitação em outubro de 2016 a Loja da fábrica ainda estava funcionando, figura 23, mas devido à desativação do funcionamento da Fábrica, a loja estava com estoque final de produção sendo comercializado. Devido à sua historicidade na formação da cidade e na vida da população que ali habita, a fábrica é um patrimônio cultural, que poderia ser visitada pelos turistas mesmo após de parar seu funcionamento, apesar de ter alguns de seus maquinários

⁸O Fascículo reúne, em um só lugar, informações sobre diversos setores do Estado na economia, política, cultura, turismo e outras áreas.

Lançada em 2006 pelo Instituto Arnon de Mello (IAM), com o objetivo de atualizar as informações das 102 cidades alagoanas, a Enciclopédia dos Municípios de Alagoas foi responsável por uma mudança importante na forma de estudar e analisar o Estado. A obra entrou para a história por reunir, em uma só publicação, informações sobre a economia, a geografia, a história e a arte sacra dentro de uma abordagem inovadora.

Instituto Arnon de Mello lançou a 3ª edição desta enciclopédia, ampliada e atualizada em 2012, disponível para todos em versão digital.

vendidos. Ao voltar em Delmiro em dezembro de 2017 a loja da fábrica se encontrava de portas fechadas, conforme podemos observar na figura 24.

Figura 23 – Loja da Fábrica da Pedra S/A



Fonte: Autora, 2016.

Figura 24 – Loja da Fábrica



Fonte: Autora, 2017.

Assim como Piranhas, o município de Delmiro Gouveia também depende dos recursos em forma de royalties da Chesf pelo uso da água do rio São Francisco, pois o mesmo tem em suas terras o funcionamento da usina hidrelétrica de Apolônio Sales⁹. Assim como o município de Delmiro Gouveia os municípios vizinhos que estão sendo objetos de estudo possuem uma área alternativa para o fortalecimento do turismo, já que os mesmos vêm sendo lugares de visitação turística, as paisagens culturais marcados pela presença do rio São Francisco com formação de paredões rochosos, sob o domínio das rochas cristalinas, aflorando predominantemente granitoides e os arenitos avermelhados que podem ser visualizados formando escarpas no cânion, num relevo que tem suas formas modeladas pela ação do clima quente e seco, figura 25, uma vegetação de caatinga constituída segundo o Plano de Desenvolvimento Estadual de Alagoas (PDE) 2017, por formações vegetais naturais xerófilas que apresentam características peculiares e diferentes em épocas secas e úmidas. Na época seca apresenta uma massa arbustiva, ou arbustiva-arbórea e coloração cinza, seca, geralmente aberta, onde, somente algumas espécies espinhosas, como as cactáceas, conservam seu aspecto verde natural, mas quando chove a vegetação torna-se verde novamente.

Figura 25 – Flora, Rio São Francisco



Fonte: Autora, 2016.

⁹A Companhia Hidroelétrica do São Francisco - Chesf - iniciou a construção de suas usinas em Paulo Afonso no ano de 1949. Hoje, estão instaladas na região, num raio de 4 km, 5 grandes hidrelétricas, a Usina Apolônio Sales, na divisa de Paulo Afonso-BA e Delmiro Gouveia-AL e as Usinas Paulo Afonso, I, II, III e IV que produzem 4.300 MW de energia elétrica. Somadas às usinas Luiz Gonzaga, em Petrolândia e Xingó, na divisa dos Estados de Sergipe e Alagoas, o Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso é responsável por 83,4% de toda a energia produzida pela Chesf, que é de 10,7 MW. PREFEITURA DE PAULO AFONSO. Disponível em <<http://www.pauloafonso.ba.gov.br/novo/?p=turismo&i=29>>. Acesso em 04 de Janeiro, 2018.

Em se tratando, dos aspectos culturais associadas ao seu valor simbólico, destaco aqui alguns lugares como a formação da caverna furna do morcego¹⁰ enorme caverna que, ao mesmo tempo em que atrai, causa medo, devido a sua extensão. Existe a lenda de que Lampião e o seu bando, utilizaram esse local como esconderijo.

Figura 26 – Cânions e caverna furna do morcego



Fonte: <http://en.wikigogo.org/en/114121/>¹².

A história do município de Delmiro Gouveia é um recurso importante no seu desenvolvimento. Sua configuração urbana inicial é vinculada a um personagem que contribuiu na narrativa da paisagem: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1863-1917). De acordo com Nascimento (2015) Delmiro foi responsável por grande parte da herança cultural existente na paisagem, o cidadão Delmiro realizou diversas ações que deixaram símbolos com muitas formas de representação do modo de vida da sociedade local no início do século XX. Os aspectos históricos vivenciados por esses povos, desde a construção da primeira hidrelétrica de Angiquinhos, figura 27 desativada em 1960, atualmente tombada pelo patrimônio histórico-cultural do Estado de Alagoas¹³ e em processo de tombamento histórico pela união, já utilizada

¹⁰A Furna dos Morcegos está cadastrada no CNC / SBE (Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil / Sociedade Brasileira de Espeleologia) no estado de Alagoas, município de Delmiro Gouveia, com o código AL-006. Possui desenvolvimento de 250 metros.

¹¹Disponível em: <<http://en.wikigogo.org/en/114121/>>. Acesso em 20 de Dezembro, 2017.

¹³Acervo do Patrimônio Histórico Artístico e Natural do Estado de Alagoas, sendo tombado por força do Decreto de 30 de novembro de 2006, apresenta em seu artigo 1º: “fica tombado e integrado ao Patrimônio Histórico Artístico e Natural do Estado de Alagoas, de que trata a Lei nº 4.741, de 17 de dezembro de 1985, as edificações

como ponto de visitação turística, atualmente está sob a responsabilidade da CHESF, que dispõe uma equipe de pessoal responsável pela manutenção e visitação, com guias para receber os turistas que buscam conhecer a usina e sua história se tornam principais atrações para os que querem conhecer e vivenciar a história do lugar.

Figura 27 – Usina Angiquinhos



Fonte: https://www.trekearth.com/gallery/South_America/Brazil/Northeast/Alagoas/Delmiro_Gouveia/photo1225379.htm.

2.2.1.1 Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão

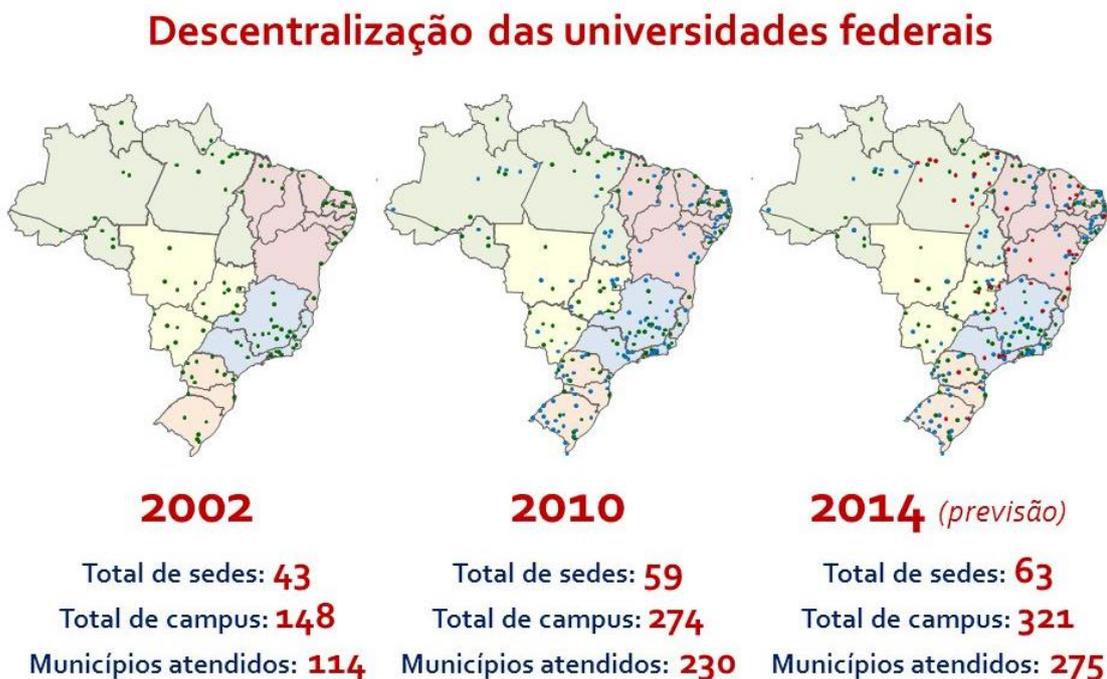
A importância da expansão e interiorização do ensino superior através da implantação do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na cidade de Delmiro Gouveia, que além de ampliar a dinâmica da economia local, possibilitando a construção de novos modos de pensar e agir sobre aquela realidade.

Para Tania Bacelar (2013) a expansão e interiorização do ensino superior apesar de ser uma política setorial, em linhas gerais proporcionou o enfrentamento das diferenças regionais na oferta desse nível de ensino, tendo uma expressão regional positiva, como retratam os mapas da figura 28. Ainda de acordo com Bacelar (2013) o Brasil tinha 43 campi das universidades federais implantados, e sua localização revelava a herança de concentração que marcou o Brasil

com o acervo interno e externo e toda área do Complexo de Angiquinho, localizada no município de Delmiro Gouveia”.

em sua formação histórica, conforme aponta o primeiro mapa, mostrando o privilégio dado ao Sudeste, ao Sul e ao litoral, em 2010, com a implantação da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o número de campi havia aumentado para 230 elucidando que à interiorização e à desconcentração regional, conforme o segundo mapa mostra, possibilitaram o acesso ao ensino superior a milhares de jovens que, dado o padrão anterior, não conseguiriam essa oportunidade.

Figura 28 – Brasil: campi das Universidades Federais em 2002 e 2010



Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014.

De acordo com site institucional da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, assim denominado é fruto do processo de Expansão das Universidades Federais Brasileiras, desenvolvido pelo Governo Federal durante a gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e teve sua implantação na gestão da professora Ana Dayse Rezende Dorea em 15 de março do ano de 2010.

Segundo o site da referida instituição acadêmica o Campus do Sertão em 2018 já contava com aproximadamente 1200 alunos. A sede do Campus/Sertão localiza-se na cidade de Delmiro Gouveia, e oferece seis cursos de graduação: Geografia, História, Pedagogia, Letras, Engenharia da Produção e Engenharia Civil. A sua extensão está localizada na cidade Santana do Ipanema e dispõe de dois cursos, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis. O Campus

possui 89 servidores sendo 60 professores, 29 técnicos-administrativos, além dos profissionais contratados que prestam serviço à Universidade.

Atualmente o Campus Sertão oferta também um curso de Pós-graduação na área de Educação Étnica e Racial.

A presença da UFAL no interior alagoano veio oportunizar à população interiorana, o acesso ao ensino superior público, gratuito de qualidade. Hoje é possível um estudante pobre, ou mesmo de baixa renda, optar por um curso, dentre um variado número, e frequentar uma universidade, algo que antes era quase impossível, devido não ter condições de se deslocar ou mesmo morar na capital Maceió. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2018).

Nas imagens, figuras 29, 30 e 31 podemos perceber a estrutura da sede do campus Sertão, uma paisagem cultural em que o significado não está expresso na forma materializada, mas, sobretudo no que ela representa enquanto valor simbólico para sociedade que a vivencia, um lugar de oportunidades que nunca foram possibilitadas para alguns, novas perspectivas na vida de pessoas que não imaginavam ter acesso ao ensino superior como podemos observar na fala dos estudantes “pretendo fazer alguma especialização na área, e trabalhar no próprio município a depender das condições”. (Entrevistado 2)¹⁴. Percebe-se na fala do estudante alternativas de profissionalização e o sentimento de ficar no município.

Figura 29 – Estrutura do Campus Sertão



Fonte: Autora, 2017.

¹⁴Questionário aberto respondido pelo entrevistado 2. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

Figura 30 – Restaurante Universitário



Fonte: Autora, 2017.

Figura 31 – Editora/Edufal



Fonte: Autora, 2017.

Os estudantes que participaram dos minicursos realizados durante o III Encontro de Geografia do Sertão de Alagoas, realizado em setembro de 2016. O evento faz-nos refletir a importância desses espaços na construção de novas práticas, imagens e discursos sobre a realidade desse lugar a partir da ideia de que nesse lugar a vida tece de forma diferente e ganha contornos particulares devido à diversidade nela presente, bem como o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão a partir da concepção de que é possível a convivência com o

Semiárido, citado como alternativa por um dos estudantes entrevistados “o semiárido é um local, com grande diversidade, onde pode-se desenvolver bastante pesquisas ricas, e o mais importante há sempre a possibilidade de viver de forma sustentável”. (Entrevistado 3)¹⁵

Figura 32 – III Encontro de Geografia do Sertão Alagoano, Campus UFAL



Fonte: Autora, 2017.

A universalização e interiorização das universidades é um caminho viável capaz de alavancar o desenvolvimento das áreas em que atuam, aliada a um adequado planejamento e investimento, essas instituições de pesquisa são grandes protagonistas nesse grande processo. Como lembra Ab’Saber, ao se referir aos sertões:

O começo das soluções mais substantivas para os problemas do homem e da sociedade no domínio dos sertões dependerá do nível de conhecimento da realidade regional. Não adiantam ideias salvadoras, elaboradas por uma mentalidade burguesa e distante, destinada quase sempre a alimentar argumentos dos demagogos e triturar recursos que deveriam ter destino social mais generoso. A causa do sertão do Nordeste merece – nada menos, nada mais – uma verdadeira cruzada da inteligência brasileira. Sem embarcar em modismos elitistas e insinceros. (AB’SABER, 1999, p. 23).

Cabe aqui ressaltar a importância dada por Ab’Saber de se conhecer o lugar, destaco também a importância do diálogo que deve existir entre a universidade e a comunidade, em que os problemas locais sejam pensados com pessoas locais, de forma que haja uma troca de experiência entre estes atores e que a popularização da ciência possa hibridar o conhecimento popular e conhecimento científico de forma descentralizada construindo relações mais horizontais e flexíveis entre esses fatores sociais.

¹⁵Questionário aberto respondido pelo entrevistado 3. [set. 2016]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2016.

Diante do contexto da formulação de propostas e desenvolvimento de projetos a partir da concepção de convivência com o Semiárido e da atuação da sociedade civil, instituições públicas de ensino e pesquisa como protagonistas principais na elaboração de propostas e desenvolvimento de ações que rompam com o tradicional clientelismo, aqui entendidos como políticas que favorecem aos grupos políticos conservadores, que tem como característica o equívoco de políticas governamentais de combate às secas, porém que sejam sugeridas formas mais horizontais de atuação de políticas públicas orientadas para minimizar os efeitos da estiagem, bem como reescrever, repensar todas as imagens, práticas e discursos sobre a realidade da região a partir da interação do princípio do desenvolvimento, de sustentabilidade e convivência.

De acordo com Neto (2013) a constituição de um conjunto de políticas e ações instituídas para conhecer esse espaço e possibilitar a circulação de homens, investimentos e intencionalidade se configurou a partir das últimas duas décadas do século XX e na primeira década do século XXI, em que a população é percebida como capaz de trabalhar, de conviver de estabelecer relações de parceria e dualidade com o meio ambiente. Essa população tem como alvo principal as ações da ASA, a partir daí a ideia de convivência com o semiárido e as especificações que o definem começam a serem repensados novos dizeres e fazeres passam a ser elaborados e tem como elementos importantes na sua construção,

o planejamento de ações, o conhecimento da realidade, a relação de parceria entre o homem a natureza, com uso e manuseio do meio ambiente como positividade para a produção de subsistência, a educação contextualizada da realidade, a utilização de tecnologias e de saberes tradicionalmente acumulados que se revestem de importância. (NETO, 2013, p. 128).

Dentre os elementos importantes na construção deve novo dizer destaca-se aqui a educação contextualizada como agente transformador de novas mentalidades acerca desse espaço semiárido, reconhecendo suas potencialidades, peculiaridades ambientais e socioculturais e na construção de um semiárido mais justo, mais sustentável, mais humano.

Diante de tais constatações, a chegada da universidade no Semiárido Alagoano, a ideia de convivência que vem sendo construída, e sendo a educação o espaço de legitimação de uma nova ideia pautada na convivência e que possa “desconstruir nosso imaginário de seca e destruição” (LINS, SOUSA, PEREIRA, 2005, p. 07). Apresentaremos um quadro com as ações que vem sendo desenvolvidas pelo Campus Sertão que nos permite perceber a sua atuação pautada nas ideias discutidas anteriormente.

Figura 33 – Ações desenvolvidas no Campus do Sertão

ANO	AÇÕES	OBJETIVO	PÚBLICO
2012	Curso de Especialização de Educação para as Relações Etnicorraciais no Semiárido Alagoano	Promover a qualificação de educadoras e educadores em “Educação para as relações etnicorraciais na educação básica do semiárido alagoano”, na perspectiva do reconhecimento e respeito às matrizes culturais que constituíram a sociedade brasileira, contribuindo para a construção do diálogo pluricultural e pluriétnico como ação escolar cotidiana.	Professores efetivos da rede pública estadual.
2013	I Encontro de Geografia do Sertão de Alagoas	Realização de palestras, mesas-redondas, mini-cursos e trabalhos de campo com a temática “A produção do conhecimento e o Ensino de Geografia no Sertão de Alagoas”.	Estudantes de Graduação e Pós Graduação, Professores da rede Municipal, Estadual e Federal, e também estudantes do Ensino Médio.
2013	Evento de extensão artística "Recita Sertão"	A criação de um grupo de recital, composto por alunos declamadores, cujo repertório integraria composições da literatura brasileira com temáticas ou cenários reportando, fundamentalmente, ao imaginário nordestino.	Membros da comunidade acadêmica e o público externo interessado
2013	Reflexões no Campus (Visões Antropológicas) - Lançamento de Livros: Coletâneas Indigenistas	Lançamento de uma coletânea de Livros que abordam a questão Indigenista, intitulada Reflexões no Campus: Visões Antropológicas.	Comunidade acadêmica e a sociedade em geral.
2013	Mesa Redonda discute o Mundo do Trabalho no Nordeste	Discutir temáticas do campo de saber e do ensino de História que possam ser compartilhados pela comunidade.	Para os estudantes, os profissionais de ensino e a comunidade.
2014	I Encontro Nacional de História do Sertão - II ENHS	Mobilização da pesquisa e divulgação científica da história no sertão alagoano “50 anos do Golpe de 1964: História, Memória e Historiografia”.	Historiadores, educadores, estudantes, artistas e demais integrantes da sociedade civil.
2015	II Encontro Nacional de História do Sertão - II ENHS	Espaço aberto às discussões epistemológicas e teórico-metodológicas sobre as relações de nossa sociedade contemporânea com a história e a memória, reconfigurando identidades e territorialidades a partir do sertão nordestino como objeto e produtor de saberes históricos.	Historiadores, educadores, estudantes, artistas e demais integrantes da sociedade civil.
2017	III Encontro de Geografia do Sertão de Alagoas	Com o tema central “ Geografia e seus múltiplos diálogos: desafios e perspectivas para o sertão alagoano ” debate em torno da produção acadêmica,	A comunidade acadêmica e demais interessados.

		da troca de experiências e do diálogo aberto sobre a prática da pesquisa, do ensino e da extensão em Geografia, à luz do contexto sertanejo em Alagoas, assim como busca dirimir questões de envolvimento com o desenvolvimento da ciência geográfica, criando novos estímulos à carreira docente.	
2017	Lançamento do Observatório da Diversidade Étnico-Racial, Gênero e Sexualidades	Elaborar o mapa da discriminação e violações de direitos étnico-racial, das mulheres e LGBT nos municípios que compõem o alto sertão alagoano.	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC ¹⁶).
2017	Lançamento Oficial - Programa Permanente de Pesquisa, Ensino, Extensão e Inovação em Desenvolvimento de Sistemas Sustentáveis e Autossustentáveis	Cada projeto desenvolvido deve contemplar ações acadêmicas envolvendo a pesquisa, a inovação tecnológica, o ensino, e a extensão, de forma interdisciplinar dentre as diversas áreas do conhecimento relacionadas com desenvolvimento de sistemas sustentáveis e sustentabilidade, e desenvolvimento de sistemas autossustentáveis e autossustentabilidade.	Os alunos, participantes das propostas, devem estar regularmente matriculados cursando do primeiro ao penúltimo período de um dos cursos graduação do Campus do Sertão; Poderão participar da proposta, alunos de pós-graduação da UFAL e que tenham disponibilidade de tempo para atividades do projeto.
2017	I Encontro de Práticas e Educação Escolar Quilombola do Sertão (EPEEQS)	Discutir práticas comunitárias realizadas pelas comunidades presentes e experiências em Educação Escolar Quilombola.	Participação de mais de duzentas pessoas, representantes de dez comunidades Quilombolas do Sertão
2017	Projeto UFAL Mais Verde comemora o plantio da milésima árvore no Campus do Sertão	Busca articular ações de consciência ambiental junto à comunidade acadêmica do Campus, estimulando práticas de sustentação, conservação e preservação dos espaços verdes: ampliação de áreas com mudas nativas, paisagismo, reciclagem, redução do consumo de energia elétrica, água potável, papel, derivados de plásticos e metal.	Comunidade acadêmica e comunidade local.

¹⁶O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Disponível em: <<http://cnpq.br/pibic>>. Acesso em 20 de Dezembro, 2018.

2018	ESTUDOS DA CAATINGA - O bioma Caatinga: Desafios e perspectivas para a região semiárida e o sertão alagoano	Reunir pesquisadores e estudantes com a finalidade de divulgar e discutir resultados de estudos científicos, teorias e metodologias da área de conhecimento da Geografia e áreas afins como história, sociologia, cartografia geográfica e meio ambiente.	Pesquisadores, profissionais e estudantes.
2018	II Seminário de Estudos Avançados do GEPAR	Realizar palestras com temáticas diretamente relacionadas aos seus grupos de estudo: Educação do/no campo como estratégia para a convivência com o semiárido, Implicações da BNCC na formação docente, Turismo Cultural e A importância do pensamento de Marx para a Geografia do Trabalho.	Estudantes que fazem parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise Regional – GEPAR
2018	ABRIL INDÍGENA - Etnologia, identidade, terra, saúde e direitos	Abordar aspectos da saúde e do âmbito social dos indígenas, por meio de palestras, mesas-redondas, fóruns temáticos, mostra de filmes e uma atividade de extensão no terreiro Kalankó, em Água Branca.	

Fonte: www.ufal.edu.br/sertao.

Elaboração: Autora, 2018.

A presença da Ufal no Sertão Alagoano como observa-se no quadro acima vem promovendo a qualificação dos educadores, a realização de pesquisas sobre as peculiaridades desse lugar que fomentam o desenvolvimento local através da inclusão social, da valorização do conhecimento das comunidades, do desenvolvimento de novas práticas sustentáveis possibilitando melhores perspectivas para as comunidades locais e uma formação acadêmica após conclusão do Ensino Médio para os estudantes dos municípios de Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado e Piranhas possibilitando a prática de uma política educacional que busque através do diálogo e parcerias superar os problemas locais. Para tanto se torna necessário cursos e o desenvolvimento de pesquisas que atendam as reais necessidades e características que o lugar apresenta,

2.2.1.2 Inserção de políticas públicas

No campo, a inserção de políticas públicas para a agricultura familiar, a melhoria das políticas sociais e a implementação de políticas agrárias incidiram sobre o meio rural repercutindo na dinâmica econômica e social do país, possibilitando reduzir as desigualdades

sociais e econômicas e gerou processos de inclusão social e melhoria nas condições de vida. Para Catia Grisa e Sergio Schneider (2015) são uma combinação de fatores e processos relacionados na forma das ações do Estado e das políticas públicas que influenciaram junto à participação da sociedade civil que fizeram o Brasil se destacar no cenário internacional por alcançar reduzir as desigualdades e o meio rural é um dos espaços em que as mudanças são mais notáveis.

De acordo com Lira (2014) as principais políticas federais para a agricultura familiar produziram um percentual maior no aumento da renda no meio rural, a partir de 2003, e como consequências acarretaram uma melhoria na qualidade de vida. Dentre os avanços dessas políticas observadas na área em estudo podemos destacar: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa Garantia Safra (GS), o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA)¹⁷, o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PRONATER), Programa de Habitação Rural (PHR), e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)¹⁸ são exemplos que diferenciaram o Brasil no contexto internacional, e que atualmente se encontra ameaçadas todas estas políticas públicas voltadas para um modelo de desenvolvimento que levem em conta a diversidade rural brasileiro, em especial do Semiárido, que privilegie a inclusão social, segurança alimentar e nutricional, e que seja sustentável, permitindo às famílias “conviver”, não lutar contra a seca.

Em se tratando do município de Delmiro Gouveia foi possível vivenciar a atuação de alguns desses programas, como é o caso da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) através das ações desenvolvidas pelo Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (EMATER). A nova Ater foi criada pela Lei 12.188/10, que institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para Agricultura Familiar (PNATER) e cria o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária (PRONATER).

¹⁷O PAA foi constituído pelo Governo Federal, em 2003, como uma das ações estruturantes do Programa Fome Zero e tem como objetivo central “garantir o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade e regularidade necessárias às populações em situação de insegurança alimentar e nutricional e promover a inclusão social no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar.” (CONAB, 2011). O programa apoia simultaneamente a compra e a venda de alimentos dos agricultores familiares com incentivos, inclusive a participação nos circuitos formais de comercialização, visando promover a produção de alimentos na agricultura familiar e a comercialização para o mercado institucional. (DELGADO; CONCEIÇÃO; OLIVEIRA, 2005).

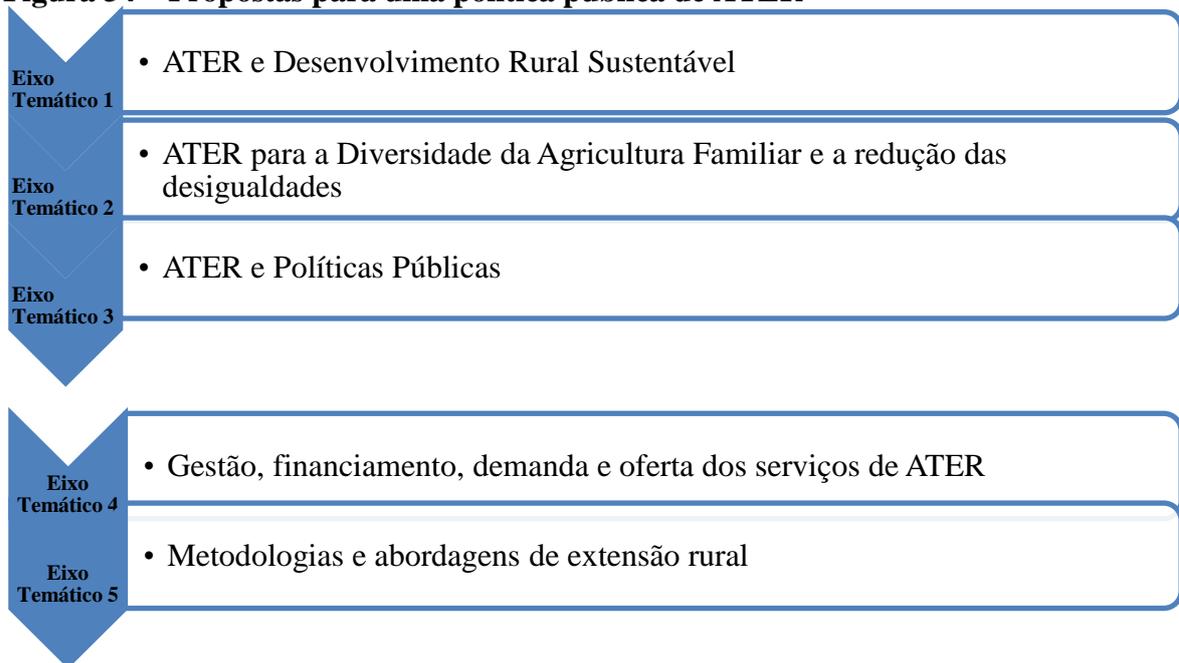
¹⁸Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e a criação da Lei nº 11.947, que determinou que, no mínimo, 30% dos recursos federais para a alimentação escolar sejam destinados para a aquisição de alimentos da categoria social. Mais recentemente, em 2012, foi estabelecida mais uma modalidade ao PAA que amplia as possibilidades de mercados. Trata-se da Compra Institucional que permite aos estados, municípios e órgãos federais da administração direta e indireta adquirir alimentos da agricultura familiar por meio de chamadas públicas, com seus próprios recursos financeiros, com dispensa de licitação. (GRISA; SCHNEIDER, 2015).

De acordo com o documento final que trata da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (2004) os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural – (ATER), foram iniciados, no país, no final da década de quarenta do século XX com o propósito de apoiar a modernização da agricultura, como estratégia voltada aos interesses do processo de industrialização que se desenvolvia na época e de melhorar as condições de vida da população rural, sendo assim a Ater foi implantada com o apoio de entidades públicas e privadas. Apesar da importância da política da Ater nas possibilidades criadas de acesso as famílias rurais ao conhecimento e as políticas públicas como um todo, essa política foi inviabilizada no governo do presidente Fernando Collor (1990-1992) reduzindo abruptamente os investimentos nessa política de Assistência Técnica.

Cabe aqui destacar que a Constituição Federal de 1988 quanto a Lei Agrícola de 1991 determinam que a União mantenha serviços de Ater pública e gratuita para os pequenos agricultores, só em 2004 essa política é restabelecida visando atender as necessidades da agricultura familiar, recuperando nas políticas de desenvolvimento do país o papel da agricultura familiar, sendo uma conquista do período recente num momento de consolidação de um governo democrático e popular sendo fortalecido pela atuação dos movimentos sociais e rurais, garantindo o compromisso que o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) desenvolveu para a participação e o controle social sobre as políticas públicas, estabelecendo possibilidades concretas para que o aparato estatal e os serviços públicos em geral fiquem à disposição da população, particularmente daqueles segmentos até então excluídos do processo de desenvolvimento.

De acordo com Lira (2014) os recursos destinados à política de ATER, referentes à atuação dos programas de ATER passaram de R\$ 46 milhões em 2003, para R\$ 614 milhões, em 2010. Diante de tais dados verifica-se a implantação de uma política de desenvolvimento rural sustentável para Alagoas, através da construção do documento em que participaram representantes dos diversos segmentos da agricultura familiar, movimentos sociais, poder público e sociedade civil, propondo uma política pública de Ater para Alagoas, cabe aqui ressaltar que esta política vem a se efetivar no ano de 2012 quando ocorre a Conferência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, onde Alagoas participa e dentre as propostas para uma política pública de ATER para Alagoas, segundo o documento final da Conferência Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural, que está dividido em Eixos temáticos, conforme podemos observar:

Figura 34 – Propostas para uma política pública de ATER



Fonte: LIRA, 2014.

Adaptado: Autora, 2018.

Dentre os objetivos definidos para cada eixo temático darei destaque aos quais vivenciei ao participar do Seminário Final de Avaliação da Chamada de ATER para Mulheres Rurais, realizado em Dezembro de 2017 na sede da Cooperativa de Pequenos Produtores Agrícolas dos Bancos Comunitários de Sementes (COOPABACS) na cidade de Delmiro Gouveia, realizada por uma equipe da Emater, que conduziram o Seminário com objetivo de fazer uma avaliação participativa conjuntamente com as beneficiárias sobre a prestação da ATER. Por conseguinte, percebe-se a efetivação das ações definidas como propostas da atuação da ATER em Alagoas, conforme as metas abaixo:

Organizar a oferta de ATER aos agricultores familiares agrupados em associações e cooperativas e vinculados aos programas e projetos de desenvolvimento rural sustentável – Projetos Territoriais, AOLs, DRS, Crediamigo, usuários do PRONAF, grupos produtivos de Economia Solidária, projetos ambientais, Água para Todos, Territórios da Pesca, Assentamentos da reforma agrária (Incra e PNCF) etc., universalizando o atendimento a esse público. (LIRA, 2014, p. 143).

A existência dessas políticas públicas e atuação desses programas cria uma forma de organização desses grupos sociais de se constituírem em movimentos, criarem organizações para apresentarem suas demandas e adquirir legitimidade junto à sociedade e ao Estado.

Ao participar desse seminário é perceptível a construção de políticas públicas que contribuam para uma melhoria da qualidade de vida das mulheres, e o reconhecimento desses como sujeitos de direitos. A inserção das mulheres nas políticas públicas, para Siliprandi e Cintrão (2014) duas questões importantes são reconhecidas: que as mulheres também são produtoras rurais, e, portanto, potenciais beneficiárias de programas e políticas estatais, independente de seus vínculos familiares, e que as mulheres rurais muitas vezes demandam outro tipo de políticas, que não são apenas as produtivas, mas que sejam inseridos temas relacionados com o seu bem estar, seja em nível pessoal, familiar ou comunitário.

Apesar de um caminho complexo e difícil as mudanças que vinha ocorrendo têm sido significativas na redução das desigualdades e na conquista da cidadania das mulheres rurais, contribuindo para a construção de uma cidadania plena na sociedade como um todo. Como podemos observar nas imagens, figura 35 a participação das mulheres e as ações desenvolvidas pela Emater através da atuação do programa da ATER como: as políticas públicas as quais as mulheres rurais daquela comunidade passaram a ter acesso, já que é uma das funções da ATER prevista no seu documento oficial priorizar a divulgação de políticas públicas específicas.

Figura 35 – Seminário de Avaliação Final da chamada de ATER



Fonte: Autora, 2018.

Durante a realização do Seminário, foi dividido grupos para que as mulheres pudessem expressar as mudanças que ocorreram após o seu reconhecimento e sua participação com acesso à terra, ao crédito e as políticas públicas. As imagens apresentadas perpassam o campo visual nelas presente constituem um campo mediado pelo comportamento simbólico, que por sua vez possuem mais de um significado e “constituem o foco da atenção do geógrafo cultural”. (CLAVAL, 2001, p. 40). Daí a importância da análise iconográfica defendida por Panofsky (1986) em que deverão ser compreendidos os processos históricos, a familiarização entre o objeto e pesquisador e o seu valor simbólico. Nesta perspectiva, conforme Gomes (1994) considerando-se que as experiências humanas, os acontecimentos e a abrangência dos fenômenos são assim transportados na paisagem, essa representada pelas imagens, a paisagem se constitui em um território vivido por um grupo, um lugar de criação estético-simbólico em renovação permanente.

A fim de realizar uma interpretação que dê conta dos aspectos simbólicos na análise das imagens, farei uso das falas das participantes ao participarem desse Seminário, as mulheres foram divididas em grupos.

Foi possível perceber como a sua participação nesses eventos, nos cursos promovidos possibilitou uma vida nova para essas mulheres, já que passaram a ter reconhecimento pelos outros, autorreconhecimento, autonomia, valorização e elevação da autoestima influenciando consideravelmente na sua qualidade de vida, como podemos observar:

Antigamente só os homens que queria, só eles, agora nós temos nossa autonomia, agora temos nosso dinheirinho, compramos o que tem precisão, compro uma roupinha, um esmalte...porque a gente se sente mais, tô me sentindo mais nova. (Entrevista Oral)¹⁹

A informação e o conhecimento adquirido ao participarem de reuniões, cursos e a assistência técnica promovida pela Emater, proporcionou a efetivação do acesso das mulheres aos direitos conquistados, como é caso das políticas públicas destinadas à agricultura familiar, e aqui destacarei o que foi muito citado durante a realização do Seminário o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o direito ao acesso à terra, a titularidade da terra através da

¹⁹Entrevista concedida pelo entrevistado I. [dez. 2017]. Entrevistador: Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017. 1 áudio. mp3 (23 min.).

Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP)²⁰, e o acesso ao crédito impulsionaram mudanças culturais.

Agora tá mais fácil porque antes não tinha conhecimento de nada, vivia de casa para a roça e cuidando de menino, porque não tinha reunião, cursos. Hoje tem reunião, cursos, ainda sai uns tiquinhos para outras comunidades para conhecer os outros pessoal, são os dia de campo. (Entrevista Oral)²¹

2.2.2 Município de Olho D'água do Casado: Rio São Francisco e o evento do turismo

O município de Olho D'água do Casado teve sua emancipação em 1962, antes pertencia ao município de Piranhas. Naquelas terras até 1970, só tinha a fazenda do senhor Francisco Casado de Melo, agricultor e fazendeiro da região. O seu povoamento se deu por volta de 1877 após o acampamento dos operários que se destinavam para construção da estrada de ferro, dando início ao seu núcleo de povoamento com a construção de uma capela e as primeiras casas.

Figura 36 - Subestação ferroviária



Fonte: Autora, 2016.

O povoado foi crescendo e se desenvolvendo devido à construção da ferrovia até se emancipar. De acordo com o IBGE (2013) sobre histórico da cidade de Olho D'água do Casado

²⁰A DAP é a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, documento de identificação da agricultura familiar e pode ser obtida tanto pela agricultora e agricultor familiar (pessoa física) quanto pelo empreendimento familiar rural como associações, cooperativas, agroindústrias (pessoa jurídica). (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/dap/faq>>. Acesso em 14 de Abril, 2018.

²¹Entrevista concedida pelo entrevistado II. [dez. 2017]. Entrevistador: Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017. 1 áudio. mp3 (22 min.).

recebeu esse nome porque o fazendeiro José de Melo Casado descobriu uma nascente de água na região, início do século XIX, por volta de 1802, ele procurou explorar saciando a sede do seu gado e propagando a existência de um poço e sua importância. Com isso, surgiram várias famílias e o povoado foi crescendo com o nome de Olhos D'água, do Casado. Olhos D'água devido ao poço descoberto e a grande quantidade de água existente no lugar que originou vários poços, do “Casado” para fazer jus a José de Melo Casado.

De acordo com o histórico da cidade de Olho D'água do Casado (2009) a fonte da “matinha” (refere-se à mata que existia naquela época). Recebeu o nome de “matinha” figura 37, devido à abundância da mata existente nas suas imediações, percebe-se a presença de extensas áreas de vegetação ainda hoje, nos arredores da “fonte da matinha”.

Figura 37 – Fonte da Matinha



Fonte: Autora, 2016.

Após a construção da hidrelétrica de Xingó, o município de Olho D'água do Casado além de ser beneficiado através dos royalties, ganhou atrativos atualmente considerados turísticos: os Cânions, o Riacho do Talhado e os sítios arqueológicos.

De acordo com a Companhia Brasileira Hidrelétrica do São Francisco (CBHSF, 2015) a presença do rio São Francisco e a construção da hidrelétrica deu origem aos cânions, onde pode-se navegar devido suas características topográficas, o cânion possui 65 km de extensão, e 170 metros de profundidade, abrigando ao longo da sua extensão paredões entre águas verdes, prainhas para banho, trilhas, formações rupestres, sítios arqueológicos, monumentos naturais, além de todo um potencial cultural, histórico e artístico do povo sertanejo e ribeirinho, ver figura 38.

Figura 38 – Paisagem dos Cânions, represa da construção hidrelétrica de Xingó no Rio São Francisco



Fonte: Arquivo Restaurante Show da Natureza, Olho D'água do Casado, 2017.

Além da dimensão do lugar, as formas esculpidas pela ação da água e da temperatura o tornam mais atraentes, levando a imaginar várias formas ao observar aquelas formações rochosas naqueles paredões. As águas verdes, a presença da caatinga, torna esse lugar uma ótima opção para realização de passeios de barco e catamarã, ao longo dos labirintos formados pela barragem de águas navegáveis e uma paisagem marcada pela presença de grandes paredões rochosos.

Figura 39 – Prainha de Dulce



Fonte: Autora, 2016.

A prainha de Dulce fica localizada próximo a sede municipal e o seu acesso é realizado por uma estrada de “barro”, ao chegar lá o primeiro contato é uma paisagem com formas que fazem imaginar formas e dar-lhes significados, em meio ao bioma da caatinga, e a presença do rio. Existe um atracadouro para embarcação e a realização de passeios de catamarã, lanchas, onde a embarcação percorre um trecho de paredões desgastados pelas intempéries do tempo, ao

longo do percurso se observa cactáceos, algaroba, entre outras espécies, que dão um tom esverdeado em meio aquelas belezas no Sertão Alagoano.

Apesar de ser uma área com grande potencial turístico, ainda falta uma infraestrutura adequada aplicada ao turismo, que possua oferta de serviços e qualificação dos produtos turísticos, alguns locais como a Prainha de Dulce está recebendo investimentos em infraestrutura recentemente, contudo ainda carece de oferta de serviços públicos e privados que atenda a demanda turística, melhoria do saneamento básico, estruturação de centros de atendimento aos turistas, sinalização turística orientada, melhoria das condições da malha viária.

De acordo com Plano de Desenvolvimento Estadual de Alagoas (PDE) 2017, o turismo foi apontado como um dos principais eixos de desenvolvimento dentro do setor de comércio e serviços. A região que está inserida o município de Olho D'água do Casado vem se configurando como um dos principais produtos turísticos do país e fonte de encantamento para quem o visita.

O Cânion do Talhado, está localizado entre os municípios de Olho do Casado e Delmiro Gouveia, no estado de Alagoas. Empresas de turismo locais oferecem passeios que são realizados nessa área de elevado potencial turístico. Ao realizar o passeio o visitante conhece a história da cidade, visita os museus obtendo informações detalhadas através dos relatos e explicações dadas pelos guias, também é possível conhecer as peculiaridades regionais, como a gastronomia, artesanato etc. O acesso ao cânion do talhado é feito por canoas, devido seu estreitamento não se pode chegar de catamarã. (Figura 40)

Figura 40 – Passeio turístico no Cânion do Talhado



Fonte: Arquivo Restaurante Show da Natureza, Olho D'água do Casado, 2017.

Para a realização dos passeios e receber os turistas, foi criada uma infraestrutura turística o Restaurante Show da Natureza, figura 41, que fica à margem do rio e conta com um ambiente rústico imerso na natureza do sertão alagoano, oferecendo uma boa estrutura e serviços. O restaurante dispõe de quiosques que ficam quase imersos a água das margens do rio, onde o turista pode desfrutar da comida regional, de um peixe que é ali mesmo pescado.

Figura 41 – Infraestrutura turística, restaurante Show da Natureza



Fonte: Arquivo Restaurante Show da Natureza, Olho D'água do Casado, 2017.

Observou-se que geralmente os passeios incluem paradas em trechos de visitação nas rochas, em cavernas, em ambientes que possuem pinturas rupestres, além das peculiaridades da

vegetação da região. O passeio é muito agradável tamanha é a imensidão da água, parece que estamos navegando por grande mar, por sua tamanha beleza esse lugar tem sido muito procurado por pessoas que escolhem esse passeio, a exemplo para produzir álbuns de formaturas, casamentos e aniversários.

Além dos já citados atrativos turísticos, Olho D'água do Casado se destaca por possuir 43 sítios arqueológicos, a maioria de categoria rupestre segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPAHN) 2011, são arquitetados por rochas, mais conhecidas como grutas.

De acordo com Pozzi & Teixeira (2012) paredões de rochas que apresentam figuras rupestres que muitas vezes lembram um animal, uma planta ou um humano, essas pinturas são conhecidas por grafismos de composição, elas estão pintadas como se tivessem estáticas há registros de muitas delas em Alagoas, a exemplo as localizadas no Sítio Nova no município de Olho d'Água do Casado.

Figura 42 – Paredões de rochas com figuras rupestres



Fonte: <http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2016/11/em-olho-dagua-do-casado-fpi-descobre.html>²².

²²Disponível em: <<http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2016/11/em-olho-dagua-do-casado-fpi-descobre.html>>. Acesso em 20 de Fevereiro, 2018.

Figura 43 – Desenhos rupestres



Fonte: <http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2016/11/em-olho-dagua-do-casado-fpi-descobre.html>²³

Outros fatores que tem impulsionado e muito o turismo no Cânion do Talhado e em toda região circunvizinha, foram o fato de algumas cenas de novelas terem sido gravadas no local como a novela Cordel Encantado (2011) e Velho Chico (2016).

A novela “Velho Chico teve locações realizadas em Olho d’Água do Casado, o destaque é a “casa do capitão Rosa”, assim é conhecida na cidade.

Figura 44 – Casa do “capitão Ernesto Rosa e do Santo (ator principal), usado na novela Velho Chico”



Fonte: Autora, 2016.

De acordo com a novela “Velho Chico” o imóvel acima alugado pela produção pertencia ao assentamento Gastone Beltrão, fez parte da primeira fase das cenas da trama e serviu de

²³Disponível em: <<http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2016/11/em-olho-dagua-do-casado-fpi-descobre.html>>. Acesso em 20 de Fevereiro, 2018.

moradia para o capitão Ernesto Rosa - personagem vivido pelo ator Rodrigo Lombardi, principal inimigo do coronel Afrânio de Sá Ribeiro (Rodrigo Santoro na primeira fase e Antônio Fagundes na segunda). Além desse imóvel a produção também alugou a antiga subestação ferroviária para guardar algumas peças do cenário da novela, além de contratar moradores para serem figurinistas e darem suporte. A figura 45 mostra o cenário construído pela produção em frente à casa dos personagens “Capitão Ernesto e Santo” ambos localizados num assentamento rural.

Figura 45 – Cenário construído para novela Velho Chico



Fonte: Autora, 2016.

Ao mostrarem para todo o país onde ocorriam as gravações divulgando as belezas desse lugar, possibilitou o interesse na realização de investimentos no município, favorecendo a economia local através da visitação de turistas para conhecer o lugar, despertando o interesse de investimentos particulares e públicos na área do turismo.

As questões políticas evidenciadas na trama da novela como o modelo cooperativista e a luta para defender os direitos dos pequenos produtores, alertando para exploração sofrida pelos pequenos agricultores, e a influência do coronelismo nas decisões políticas, as relações de poder existentes e a quem beneficiam foram importantes para despertar uma consciência crítica e uma nova postura por parte da população local.

Ao discutir essas questões a novela contribuiu para despertar os povos que vivenciam essa realidade, uma postura crítica foi desenvolvida, sendo possível ser evidenciada nas últimas eleições municipais. Os três municípios que foram palco da trama da novela elegeram representantes do povo, e destituíram partidos que estavam no poder há muito tempo. Por conseguinte, as diversas linguagens e discursos que são usados no âmbito da cultura brasileira ao longo de um processo histórico contribuem articular o pensar o espaço e o produzir o espaço,

“as práticas discursivas e as não-discursivas que recortam e produzem as espacialidades” (OLIVEIRA JR, 2011, p. 14).

Outras questões importantes foram elucidadas pelos personagens mais politizados da novela como as questões políticas ao fazer críticas as grandes obras de combate à seca, como a exemplo da transposição do São Francisco, mostrando que a água é concentrada na mão daqueles que já detêm boa parte das águas do semiárido e reproduzindo modelos agroexportadores, concentradores de riquezas e não produtores de alimentos. Também destaca a importância das cooperativas de base na agricultura familiar, mostrando a importância da sustentabilidade, ao defender o não uso de agrotóxicos, evidenciando que é possível um modelo de desenvolvimento pautado na ideia convivência com o semiárido.

Apesar de estar localizado as margens do Rio São Francisco e em uma área que tem elevado potencial turístico, Olho D'água do Casado, está dentre os municípios em estudo, que ainda apresenta os piores índices socioeconômicos, uma população predominantemente rural que ainda vive da agricultura de base tradicional.

Existe uma dependência federal, depende exclusivamente de recursos federais, através dos programas sociais, e as transferências constitucionais e a compensação pela utilização das águas do Rio São Francisco. Uma forma de alterar os processos reprodutores da desigualdade e da pobreza passa por mudanças de comportamento dos agentes sociais, diferentemente dos demais municípios em estudo as políticas para agricultura familiar, os programas sociais, a interiorização da UFAL não proporcionou as mesmas mudanças que observadas nos municípios vizinhos.

2.2.3 Município de Piranhas

O município de Piranhas se encontra no extremo sudoeste alagoano, foi criado em 1887 e desmembrado do então município de Pão de Açúcar.

Piranhas encontram-se incluído na região denominada Xingó, que abrange municípios de outros estados como Bahia, Pernambuco e Sergipe. A região do Xingó foi criada na década de 1980, quando foram iniciadas as obras de construção da Planta Hidroelétrica de Xingó (UHE) Usina Hidrelétrica, pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF). A obra atraiu muitas pessoas para o município, pois dentre os objetivos da CHESF seria atuar de forma a proporcionar o desenvolvimento socioeconômico do Nordeste, através da participação da região para a evolução da economia e possibilitando a redução das diferenças regionais.

De acordo com o histórico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2013 a cidade de Piranhas era conhecida como Tapera, datada do século XVII, conta-se que em um riacho que é hoje chamado das Piranhas, um caboclo pescou uma grande piranha, preparou e salgou o peixe, levando-a para sua residência, lá chegando percebeu que esquecerá do cutelo, voltando-se para o filho, disse: “vá ao porto de Piranhas e traga meu cutelo”. O nome ganhou destaque e foi passando de geração para geração se estendendo do riacho até a povoação. O estabelecimento da navegação a vapor, em agosto de 1867, no Rio São Francisco fazendo o percurso Penedo-Piranhas e a construção da estrada de ferro foram fatores determinantes para o seu desenvolvimento e evolução espacial.

Em 17 de dezembro de 2003 conforme o Histórico das Cidades IBGE, o município de Piranhas foi tombado como Patrimônio Histórico e Paisagístico Nacional, sendo a primeira cidade reconhecida pelo (IPHAN), como patrimônio na região do semiárido nordestino. O acervo arquitetônico da cidade remonta ao período colonial, mas com maior número de edificações do século XIX e início do século XX.

Atualmente Piranhas é muito procurada para visitação e hospedagem, dentre os municípios da região em estudo é o que mais apresenta infraestrutura turística de qualidade e portanto recebe o maior de turistas que vão conhecer essa região, os hotéis e pousadas estão localizados nas partes mais altas o que dispõe de vistas únicas e encantam com seus belos mirantes, a beleza da paisagem do rio, conforme (figura 46). O Centro histórico recebe muitos turistas não só durante o dia para visitar o museu do sertão ou o artesanato local que é bem diversificado, à noite também é procurada para se apreciar a cultura e comida local. Em meio a praça os turistas apreciam uma boa música e uma bela paisagem, principalmente nos finais de semana.

Figura 46 – Centro histórico de Piranhas



Fonte: Autora, 2016.

A cidade possui muitas casinhas e casarões antigos, bem coloridas, e a presença do Velho Chico que margeia toda aquela cidade, as escadarias deixam ainda mais encantadora, fazendo imaginar como era aquele lugar no período colonial. Os moradores a conhecem por “Lapinha do Sertão”, apelido dado por D. Pedro II, quando em sua viagem ao município no ano de 1859 pelo Rio São Francisco, e até os dias atuais a sede da prefeitura é denominada de Palácio D. Pedro II, ver figura 47.

Figura 47 – Sede administrativa municipal – palácio D. Pedro II



Fonte: Autora, 2016.

A Torre do Relógio, figura 48, ainda é um espetáculo para apreciação devido o funcionamento de seu carrilhão funcionando firme e forte, demonstrando a arquitetura de uma época que ainda permanece presente. Dentro da torre funciona uma cafeteria, onde o visitante pode saborear um pequeno café e apreciar uma paisagem contornada pelas serras e águas do Velho Chico e pelas construções de arquitetura colonial.

Figura 48 – Torre do relógio



Fonte: Autora, 2016.

Os mirantes são lugares de destaque e muito procurado, o acesso aos mirantes pode ser feito por escadarias, um dos mirantes dá acesso a uma igreja, e de lá é possível apreciar um lindo pôr-do-sol, o outro a subida é bem mais íngreme, e, portanto, o acesso também pode ser feito por um estrada. Ao chegar no mirante é possível apreciar uma paisagem panorâmica figura 49, possui uma boa estrutura para receber os turistas, tem um restaurante onde se pode desfrutar de um sorvete de rapadura que faz parte da culinária local, bem como da gastronomia local.

Figura 49 – Paisagem Rio São Francisco



Fonte: Autora, 2016.

Outro lugar que se destaca, conhecido como destino turístico e faz parte da rota turística do Cangaço, é a vila de Entremontes que tem uma importância cultural devido ao seu artesanato e histórica por abrigar Dom Pedro II no período de sua passagem pela região, possui uma herança colonial.

A vila de Entremontes também possui casinhas enfileiradas e coloridas e uma igreja de arquitetura colonial, apesar de não ter sua arquitetura restaurada, mesmo assim atrai por sua beleza ao ser avistado entre montes à margem do rio São Francisco. Apesar de sua pequena estrutura arquitetônica o povoado se destaca pelo seu artesanato desenvolvido pelas mulheres rendeiras. Para chegar até Entremontes tem barcos, catamarãs que saem de Piranhas e vão trilhando a rota batizada de “Caminhos de São Francisco” até chegar a Rota do Angico (lugar onde foi capturado Lampião), para chegar até o povoado o acesso é feito por meio de canoas, barcos, lanchas. De acordo com relatos das artesãs, o turismo lá ainda não tem tanto destaque porque não é divulgado e também existe a dificuldade do acesso

Figura 50 – Igreja e casas



Fonte: <http://www.infonet.com.br/blogs/silviooliveira/ler.asp?id=176117>²⁴

O artesanato desenvolvido pelas mulheres rendeiras, torna aquele lugar diferenciado. Com o ofício das suas mãos manterem as tradições das avós “eu aprendi o bordado com uma vizinha que ela hoje é minha comadre, minha mãe já bordou muito, ainda borda assim um pouquinho, aí eu aprendi com ela e fiquei aqui, ela era daqui da associação também, hoje eu tenho três filhas que também é daqui”. (Entrevista Oral).²⁵ Elas possuem a arte nas mãos seus bordados de ponto-cruz e redendê são um encanto. A maioria das mulheres rendeiras participam de uma associação, são 49 mulheres que participam da associação e as rendas de Entremontes ganham o mundo. Existe uma casa onde é feito todo artesanato, e também são expostos seus artesanatos para que os visitantes de perto conheçam como se fabricam as peças e a diversidade das costuras, essa casa tornou-se a loja e a fábrica conhecida como “Casa do Bordado de Entremontes”. Ver figuras 51, 52, 53, 54.

Além dessa Casa do Bordado que faz parte da associação, existe casas em que a sala principal é transformada em loja para confecção do artesanato de forma individual.

²⁴ Disponível em: <http://www.infonet.com.br/blogs/silviooliveira/ler.asp?id=176117>. Acesso em 10 de Fevereiro, 2018.

²⁵Entrevista concedida por ALMEIDA, M. A. [dez. 2017]. Entrevistador: Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017. 1 áudio. mp3 (20 min.).

Figura 51 – Casa de bordado

Fonte: Autora, 2017.

Figura 52 – Bordado redendê

Fonte: Autora, 2017.

Figura 53 – Das mãos a arte

Fonte: Autora, 2017.

Figura 54 – Sala de recepção

Fonte: Autora, 2017.

A artesã Silvana relata-nos com emoção para onde se destina o artesanato que elas produzem:

Nós recebemos encomendas de toda parte do Brasil, o pessoal chega aqui a passeio e pede, às vezes leva um joguinho americano quando chega lá diz eita quero mais sete...aí encomenda diz quero sete joguinho americano dizendo os detalhes e a gente envia pelo sedex, até para fora do Brasil já mandemo costura...eu fiz uma toalha de um rapaz... (Entrevista Oral)²⁶

Uma das dificuldades destacadas está relacionada a divulgação da existência da casa de bordados de Entremontes para os turistas que chegam até a cidade de Piranhas, ainda são poucos os meios de divulgação, mas elas destacam que a partir da assistência dada por um projeto desenvolvido pela Economia Solidária, permitiram elas participarem de exposições e mostrar sua arte e seu trabalho.

²⁶Entrevista concedida por SARMENTO, S. A. [dez. 2017]. Entrevistador: Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017. 1 áudio. mp3 (20 min.).

A gente tem um facebook pra divulgar nosso trabalho...tem um museu lá no Rio que a gente num sei esse ano, mas o ano passado a gente colocava nossos produtos lá...pelo projeto Economia Solidária levaram duas pessoas daqui para o Rio, depois ficou um contato assim do dono, do rapaz que trabalhava no museu mandando que enviasse produtos. (Entrevista Oral)²⁷

Percebe-se nos relatos das artesãs que a iniciativa de projetos como Economia Solidária proporcionaram uma nova forma de organização na associação, formas de divulgação e melhoria na qualidade do serviço, através por exemplo do uso da máquina de cartão.

A assessoria e capacitação desenvolvidas pelo projeto realizado pela Economia Solidária foi de grande importância na forma de se organizar e possuírem maior autonomia e capacidade de expandir sua arte através do reconhecimento e procura do seu artesanato pelo país e fora dele como narrado por algumas das rendeiras entrevistadas, permitindo-as se sentirem mais valorizadas.

2.2.3.1 Crescimento urbano no distrito de Piau

Uma das características marcantes no processo de mudanças que ressignificam a paisagem cultural do município de Piranhas é o crescimento da população urbana, intensificada nacionalmente, e também em Alagoas, a partir da década de 1970, salienta Lira (2014). Podemos observar este processo nas (figuras 55, 56) que mostra a ocupação urbana do distrito de Piau, que é uma das áreas rurais, em que o processo de urbanização está se consolidando, é considerada uma área urbanizada, pois possui características urbanas, no caso, relacionadas ao setor terciário, e uso, ocupação e parcelamento do solo com padrões urbanos, as tipologias de ocupações, a diversidade de seus equipamentos, serviços públicos e privados (figura 57) e o comércio, e ainda, a existência de alguns elementos de infraestrutura, embora insuficientes para sua densidade atual. Possui cerca de 3.950 habitantes em uma área de aproximadamente 61 ha, conforme relatório *Perspectivas para o Meio Ambiente Urbano: GEO Piranhas (2010)*²⁸.

²⁷Entrevista concedida por SARMENTO, S. A. [dez. 2017]. Entrevistador: Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017. 1 áudio. mp3 (20 min.).

²⁸Como parte do Projeto GEO, o Projeto GEO Cidades é uma iniciativa lançada pelo PNUMA especificamente para a América Latina e o Caribe e que procura fornecer a governos nacionais, cientistas, tomadores de decisão e ao público em geral informações atuais e de fácil entendimento sobre suas cidades, visando a melhoria ambiental e socioeconômica. O objetivo do GEO Cidades é produzir relatórios de avaliação do meio ambiente de cidades na América Latina e no Caribe, baseando-se em uma metodologia (PEIR: Pressão-Estado-Impacto-Resposta) consistente e objetiva. O apoio do Ministério do Meio Ambiente (MMA) do governo brasileiro foi importante para viabilizar a adaptação da metodologia GEO para a realidade das cidades latino-americanas.

Figura 55 – Ocupação urbana



Fonte: Autora, 2017.

Figura 56 – Homogeneidade das habitações



Fonte: Autora, 2017.

Percebe-se de acordo com as imagens em análise e a observação in loco que o distrito de Piau apresenta heterogeneidade de formas e usos urbanos, há algumas quadras regulares como observadas nas imagens 55 e 56, mas a grande maioria se constitui de forma não planejada, isso pode ser evidenciado pela pouca limitação imposta pelo espaço físico, bem como por não ter possuído nenhum tipo de planejamento prévio a sua implantação.

Com base no relatório Perspectivas para o Meio Ambiente Urbano: GEO Piranhas (2010) o distrito de Piau funciona como um centro de serviços, comércio e trabalho para maior parte de sua população mantendo forte relação com a grande área rural que o circunda.

Figura 57 – Atividade comercial e de serviços



Fonte: Autora, 2018.

Além das atividades relacionadas ao setor terciário, o distrito de Piau também se destaca pela sua feira livre importante centro de vendas da região, que acontece aos sábados, e exerce uma importante influência no processo de urbanização no distrito, sua importância se deve ao fato de vários produtos agropecuários serem comercializados, dentre os produtos destaca-se milho e feijão, gado de corte, ovinos e caprinos, durante a realização da feira se decide o valor dos produtos comercializados. Desta forma o distrito mantém relação de atração com as áreas rurais de Piranhas se estendendo para os demais municípios, devido sua localização estratégica, situando-se as margens da rodovia AL-220, principal acesso rodoviário ao sertão, tanto de quem vem do litoral como do Sertão.

Verifica-se que este processo de crescimento do perímetro urbano, atualmente é destaque para a maioria das da população alagoana, porém “a maioria das sedes municipais classificadas como urbanas guardam a sociabilidade do espaço rural” (LIRA, 2014, p. 42). Portanto se torna necessário repensar o modelo de desenvolvimento e organização e produção do espaço que considere o novo perfil que apresenta um crescimento da população urbana em relação a rural, contudo se trata de uma urbanização com baixa taxa de industrialização e diversidade econômica, como afirma Lira (2014), compreender que a condição de ruralidade da vida alagoana está calcada tanto na economia como na cultura.

2.3 A vivência no Sertão Alagoano: mudanças e permanências na paisagem cultural

Diante das mudanças que vem ocorrendo, com a inserção de políticas públicas estruturais, seguridade social e ações de convivência com o semiárido, o que leva a um novo modo de compreender a vida no Sertão Nordestino, onde a causa da combalida paisagem do Sertão não pode mais estar associada ao discurso da seca como fragmento e vestígio de um lugar, ou melhor, do que se diz sobre ela. A legitimidade do discurso da convivência com a semiaridez, ou seja, o reconhecimento social, bem como o reconhecimento da diversidade, está presente na legitimação e ações que vem sendo desenvolvidas neste recorte espacial.

As mudanças culturais, políticas e econômicas ocorridas no Nordeste, proporcionaram o surgimento de novas representações da paisagem sertaneja que podem ser percebidas. Desde novas maneiras de retratá-lo, seja desde um sertão “globalizado”, com acesso à internet e com novos “personagens”, os sertanejos de hoje não só são os retirantes, os vaqueiros, coronéis e messiânicos, mas também outros que ainda devem ser incluídos na sua história.

Essas mudanças estão ligadas ao crescimento do turismo, as políticas sociais, e a maior participação política de organizações da sociedade civil, cada uma trazendo novas representações da paisagem sertaneja. Desta forma, na sequência será feita uma análise sobre as especificidades dessas novas maneiras de retratar a paisagem sertaneja nordestina, assim como o contexto no qual elas estão inseridas.

Na vertente do crescimento turístico o estado de Alagoas, segundo dados do PDE (2017) o turismo representa uma parcela importante para a economia local. Entre os principais atrativos turísticos do Estado, é possível destacar o Sertão Alagoano, que já é o quarto destino turístico mais procurado destacando-se os municípios da microrregião Alagoana Sertão do São Francisco, dentre os destinos destaca-se a Rota do Cangaço, os Cânions do São Francisco e centro histórico de Piranhas. Como pode ser visto nesta publicação extraída do jornal de grande veiculação em Alagoas.

Existe uma preocupação de como a ressignificação da paisagem sertaneja está sendo reformulada, já que o turismo explora a paisagem com determinado objetivo de atender aos interesses do capital, reduzindo-as a mercadorias sem considerar sua essência resultando em um produto a ser consumido atendendo aos interesses e ações de determinados grupos dominantes da sociedade pós-moderna do setor do marketing turístico. A ideia é defender uma atividade turística que valorize a cultura local, os modos de produção sustentável e que promova

uma melhoria de vida da população, a valorização da cultural local, das especificidades é uma forma de resistência aos interesses do capital de mercado.

Figura 58 – Destaque dado ao turismo no Sertão

ECONOMIA | RAFAEL MAYNART - REPÓRTER |



Turismo: a vez do Sertão alagoano

REGIÃO É O QUARTO DESTINO TURÍSTICO MAIS PROCURADO EM ALAGOAS



Sol forte beirando os 40 graus, vegetação seca, terra rachada, animais disputando uma vaga na mínima sombra feita por uma árvore quase sem folhagem. O Sertão sempre foi inspirador. Serviu de cenário para obras literárias, gravações de novelas e filmes. Agora, com investimentos do Governo de Alagoas, a região torna-se o centro

Fonte: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=315768>³⁰.

Figura 59 – Destaque em revista nacional ao turismo no Sertão



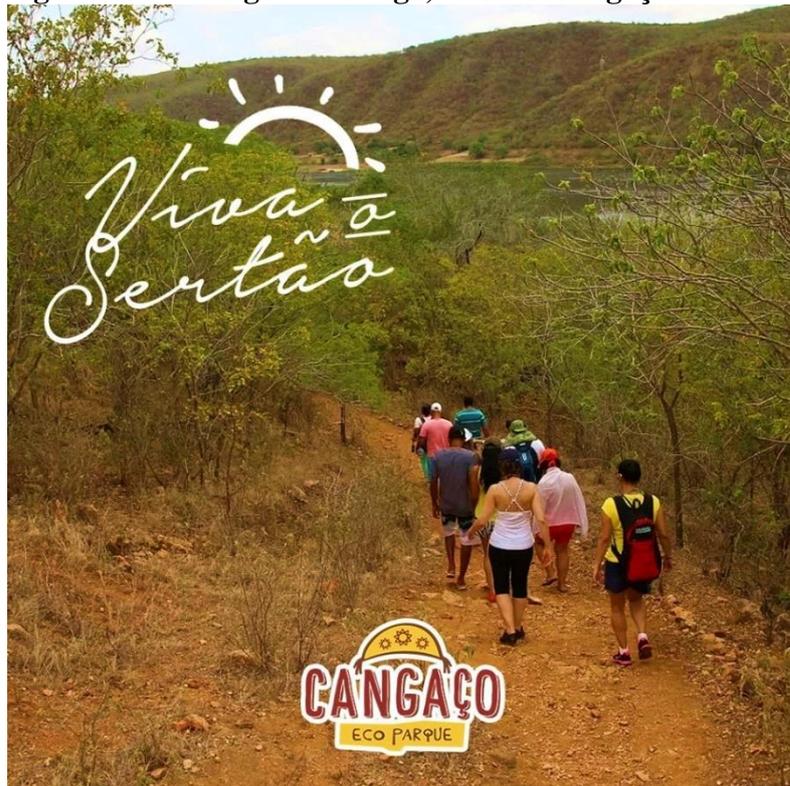
Fonte: <https://www.facebook.com/CangacoEcoParque/photos/>³²

³⁰Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=315768>>. Acesso em 23 de Abril, 2018.

Assim, através da análise da literatura científica referente a este tema pode-se vislumbrar que o sertão semiárido nordestino apresenta um imaginário nacional que relaciona a sua paisagem com representações de fome e de miséria. Mas, atualmente esta paisagem está adquirindo novos significados, que também são relacionados com as iniciativas de valorização do Bioma da Caatinga, tanto pelo seu valor ambiental quanto cultural, artístico, histórico e ecoturístico.

A figura 60, já mostra outra maneira de representar a paisagem sertaneja. Elas pertencem à publicações relativos à patrimonialização da Caatinga. O foco aqui será o de exuberância deste bioma, mostrando a vegetação de maneira bela e valorizada. As representações da patrimonialização da Caatinga têm como intuito retratá-la da maneira bonita e exuberante, como forma de reforçar a sua importância biológica, assim como a necessidade de sua preservação.

Figura 60 – Paisagem caatinga, rota do Cangaço



Fonte: <https://www.facebook.com/CangacoEcoParque/photos/34>.

³⁴ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/CangacoEcoParque/photos/a.545788322150648.1073741828.545776485485165/1042584452471030/?type=3&theater>>. Acesso em 10 de Janeiro, 2018.

Entre os principais atrativos turísticos dos municípios em estudo é possível destacar a Rota do Cangaço Xingó, roteiro que integra o município de Piranhas (AL), Canindé de São Francisco e Poço Redondo (SE). Geralmente o roteiro se inicia na cidade de Piranhas à margem do Rio São Francisco na cidade de Piranhas e leva o visitante a uma trilha localizada na Unidade de Conservação Monumento Natural (MONA) Grota do Angico.

Esse monumento além da beleza da paisagem marcada pela presença do Rio São Francisco, a caatinga, relacionados ao seu valor natural, também tem suas características culturais possui um simbolismo relacionado ao cangaço, já que Lampião e seu bando vivia por essas áreas sendo esse lugar cenário de sua morte e de seu bando, o valor simbólico que Lampião teve colaborou na elaboração de imagens mentais presentes até hoje e despertando a curiosidade de visitantes durante todo o ano para conhecer esse cenário histórico e cultural e de grande importância ambiental de valorização e preservação da caatinga.

Esse lugar se tornou um importante ponto turístico para região, além de proximidade com a paisagem dos cânions, do centro histórico de Piranhas, também é possível realizar a trilha e conhecer o local onde Lampião e seu bando foram capturados, geralmente leva uns 40 minutos para chegar até o local, os visitantes são trazidos, geralmente da cidade de Piranhas em catamarãs, ou lanchas, através do Rio São Francisco, durante o passeio até chegar aos pontos de apoio que são os restaurantes com infraestrutura turística para atender aos visitantes, se vislumbra uma paisagem cênica, e se desfruta de uma boa música regional e relatos sobre história de Lampião na região e também histórias relacionadas ao Rio São Francisco. Chegando no lugar de apoio, como exemplo, o restaurante “Cangaço Eco Parque” foi inaugurado há cerca de dois anos e seu quadro de colaboradores é formado também por moradores de Entremontes (AL) os visitantes são recebidos por guias, e pessoas caracterizadas de Lampião que atendem de forma bem hospitaleira.

Percebe-se que alguns restaurantes contribuem para a valorização e identificação cultural do lugar ao produzirem pratos regionais, a exemplo do prato a base de pescado que valoriza a pesca artesanal e contribui para o desenvolvimento local de base sustentável.

Figura 61 – Restaurante Eco Parque



Fonte: Autora, 2017.

Diante dessa mudança com o crescimento da procura turística se torna necessário a realização de capacitações para a população possibilitando novas oportunidades de negócios através da autogestão dos empreendimentos turísticos, bem como a oferta de novos serviços turísticos de qualidade pautado na valorização da cultura local, na sustentabilidade e para a comunidade local.

A atuação da atividade turística voltada para inserção dos povos que aí habitam, suas habilidades culturais, através do artesanato, valorizando a cultura do local e sua inserção na cadeia produtiva de modo sustentável, desempenhará perspectivas de criar soluções sociais mais justas e igualitárias, além de possibilitar aos visitantes vivenciar novas culturas e um turismo alternativo de base comunitária que integre o Monumento Natural, e assim promova a melhoria da qualidade de vida da população e contribua para a conservação dos recursos naturais em especial a Caatinga.

Para que a análise destas representações não fique presa aos grupos dominantes, neste estudo também serão analisadas outras representações da paisagem sertaneja que não estão tão visíveis. Paisagens que não estão ligadas a um desenvolvimento econômico ou a um contexto de preservação da natureza, geralmente dissociada da habitação humana. São as paisagens da convivência com o semiárido, feita por outros grupos atuantes na região, organizações da sociedade civil e grupos de articulação de trabalhadores.

2.3.1 Representação da paisagem sertaneja num contexto de convivência

A convivência no período mais recente tem como pensamento para seu debate o discurso do desenvolvimento sustentável, com base em Silva (2006) a convivência expressa a construção de relações entre natureza e o ser humano com vista a melhoria da qualidade de vida das famílias sertanejas, pautada na possibilidade de interação e coexistência alicerçadas sob três viés a sustentabilidade ambiental, a economia da convivência e a convivência com qualidade de vida. Ainda conforme Silva (2006) o desafio da convivência para o Semiárido é o de convivência como proposta cultural, que visa contextualizar práticas em que se considere as compreensões imaginárias desses povos sobre o seu lugar, a partir do reconhecimento da realidade e particularidades que o mesmo apresenta.

Diante de tal perspectiva a convivência adquire novos significados, ao invés de lutar contra “as secas” busca alternativas de modo sustentável resgatando práticas que valorizem o contexto cultural, social, tendo por base a sensibilização e a participação consciente da comunidade local buscando modificar suas percepções e comportamentos em relação à natureza, que atualmente vem sendo protagonizado pela atuação de organizações civis que vem realizando práticas produtivas e socioeducativas, ampliando o controle social nas políticas públicas.

2.3.2 Xingó Centro de Convivência com Semiárido

O Centro Xingó de Convivência com o Semiárido (figura 62) atualmente atua na área rural de Piranhas e desenvolve ações com o intuito de contribuir com a geração de renda e a melhoria da qualidade de vida das famílias em situação de vulnerabilidade social no estado de Alagoas, além de difundir práticas e tecnologias simples e de baixo custo em prol da convivência com o Semiárido Brasileiro. (CENTRO XINGÓ, 2016).

As práticas que vem sendo desenvolvidas pelo Centro Xingó estão baseadas numa ideia de discussão contextualizada da convivência com o Semiárido, em que além do acesso a água de beber e produzir e acesso à terra, também seja incluída a sistematização de conhecimentos tradicionais aproveitando as potencialidades locais de forma sustentável, o resgate da autoestima através da valorização da identidade sociocultural e história local, propiciando a troca de saberes e empoderamento do povo sertanejo, principalmente de mulheres e jovens promovendo o bem-estar da população.

Figura 62 – Centro Xingó de Convivência com o Semiárido



Fonte: Acervo Xingó, 2017.

O Centro Xingó de Convivência com o Semiárido, ponto de apoio de distintos projetos, surgiu a partir da negociação entre a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) e o Governo do Estado de Alagoas, com a finalidade de recuperar as instalações do antigo Instituto Xingó na cidade de Piranhas. Com este acordo, a Secretaria Estadual de Agricultura e Desenvolvimento Agrário (SEAGRI/AL) junto com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS) assumem a responsabilidade de revitalizar as ações do Centro Xingó.

De acordo com Gualdani (2015) foi a partir de compensações de responsabilidade social, que a Chesf tratou de apoiar os esforços para fortalecer a cidadania, através de pesquisas, educação, saúde e meio ambiente, assim como a promoção do desenvolvimento sustentável na região. A base institucional para o projeto foi realizada através da criação do Instituto Xingó, reaberto em setembro de 2014, depois de alguns anos sem atividades, com o nome de Centro Xingó de Convivência com o Semiárido com a participação do (IABS) Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade em seu Comitê Gestor.

Com base no banco de dados do Centro Xingó (2016) o Centro possui uma área total de 70 hectares, com estruturas físicas e atividades de pesquisa, extensão e suporte a programas de apoio ao produtor, como se pode observar na figura 63. Através dos registros iconográficos, bem como observação do Centro Xingó é possível perceber que surgem novas proposições em relação ao enfrentamento dos problemas no semiárido, principalmente relacionados aos baixos índices pluviométricos apresentados no semiárido, por muitos anos, o foco para o enfrentamento dos problemas existentes no semiárido por parte do Estado, foram pautados, predominantemente em programas e políticas voltados ao combate à seca. A falta de entendimento das particularidades que esse lugar apresenta os projetos desenvolvidos são feitos

sob a lógica hegemônica do agronegócio pelas práticas políticas que visam fins lucrativos e de forma desarticulada da realidade cultural e ambiental dessa região. Sendo que atualmente, práticas populares relacionadas à convivência com o semiárido são realizadas.

Figura 63 – Instalações do Centro Xingó de Convivência com o Semiárido



Fonte: Autora, 2016.

Surge um modelo de desenvolvimento que visa garantir direitos básicos, pautado em conhecimentos locais tanto das tecnologias sociais como da convivência com o semiárido, numa forma de intervenção territorial com a participação dos atores locais. (CENTRO XINGÓ, 2016, s/p).

De acordo com o Centro Xingó uma das estratégias da convivência com o semiárido é a introdução de tecnologias sociais, seja as de captação, armazenamento de água das chuvas; produção de alimentos e manejo de fontes de energia renovável, onde busque-se formas de melhorar a qualidade de vida, a inclusão produtiva e a geração de renda dessas famílias de agricultores.

De acordo com as tecnologias sociais desenvolvidas pelo Centro Xingó podemos caracterizá-las como uma tecnologia sustentável que não implique o uso de grandes capitais nem tecnologia avançada, permitindo a utilização dos recursos disponíveis em uma dada sociedade, em pequena ou média escala, permitindo o armazenamento de água, produção de alimentos e geração de renda, possibilitando desenvolvimento da agricultura e o bem-estar da sociedade.

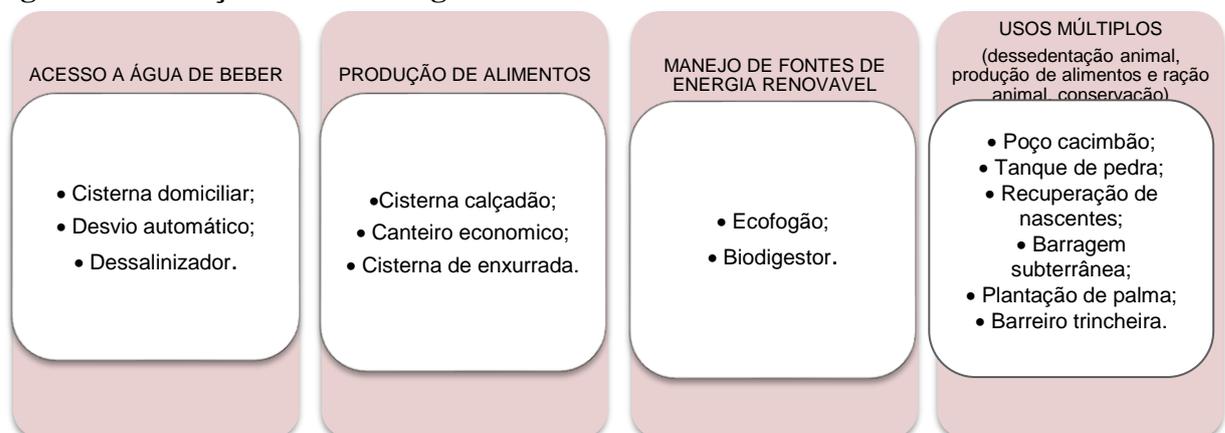
Essas tecnologias difundem metodologias de base sustentável possibilitando a apropriação e reaplicação das tecnologias sociais a partir do conhecimento e interação dos próprios autores envolvidos, desta forma elas expressam um conjunto de experiências e vivências tecnológicas pautadas no desenvolvimento sustentável e na inclusão social apropriadas ao Semiárido Alagoano.

Dentre as ações desenvolvidas pelo Xingó destacarei um projeto de reaplicação de tecnologias sociais, no termo tipicamente brasileiro que podem ser compreendidas como ferramentas, processos e metodologias que são concebidos e desenvolvidos em interação com as comunidades locais, a fim de propor e solucionar problemas socioambientais, contribuindo desta forma para inclusão social e melhoria nas condições de vida dessas comunidades, realizado pelo IABS envolvendo 20 famílias de agricultores do município de Piranhas, AL. Buscou-se o aperfeiçoamento das tecnologias sociais para melhorar a convivência com o Semiárido dos agricultores familiares, mediante a junção entre as próprias tecnologias e os saberes locais, onde foram usadas 13 tecnologias sociais diferentes e um total de 61 construídas.

A realização do projeto se deu com a participação contínua dos agricultores, e as famílias beneficiárias de acordo com suas necessidades e proximidade com o Centro Xingó. As tecnologias implementadas foram selecionadas pelas famílias de acordo com as suas necessidades mais emergenciais.

As tecnologias sociais foram agrupadas de acordo com quatro funções básicas: 1) acesso à água de beber; 2) acesso à água para produção; 3) manejo de fontes de energia renovável; 4) usos múltiplos, ver figura 64.

Figura 64 – Funções das tecnologias sociais



Fonte: GUALDANI; FERNÁNDEZ; GUILLÉN, 2015.

As famílias escolheram as tecnologias a serem implantadas conforme podemos observar na figura 65.

Figura 65 – Tecnologias sociais escolhidas pelas famílias

TECNOLOGIA SOCIAL	TOTAL DE ESCOLHAS
Desvio automático	14
Ecofogão	11
Cisterna calçadão	8
Canteiro econômico	8
Barreiro trincheira	4
Biodigestor	4
Poço cacimbão	3
Tanque de pedra	3
Cisterna 16 mil litros	3
Recuperação de nascentes	1
Barragem subterrânea	1
Plantação de palma	1
Cisterna de enxurrada	0
Dessalinizador	0
TOTAL	61

Fonte: GUALDANI; FERNÁNDEZ; GUILLÉN, 2015.

Após selecionadas as tecnologias, a fase seguinte foi o desenvolvimento das capacitações, os participantes na fase das capacitações do projeto foram:

Figura 66 – Atores participantes nas capacitações

ATORES PARTICIPANTES NA FASE DE CAPACITAÇÕES DO PROJETO:				
20 Famílias de agricultores	7 Alunas do Ensino Fundamental, filhas de agricultores não beneficiários do projeto	10 Pedreiros locais	5 Técnicos do IABS	10 Instrutores das organizações contempladas com o prêmio Mandacaru

Fonte: GUALDANI; FERNÁNDEZ; GUILLÉN, 2015.

As primeiras 6 tecnologias escolhidas pelas famílias beneficiadas pelo projeto, que foram: desvio automático, ecofogão, canteiro econômico, barreiro trincheira, biodigestor, cisterna calçadão. Projetos como este, representam soluções para inclusão social e melhorias das condições de vida para a população sertaneja.

Além do projeto desenvolvido de reaplicação de tecnologias sociais, o Centro Xingó tem realizado cursos e capacitações entre pequenos agricultores, estudantes, técnicos de extensão rural, pedreiros, pesquisadores, entre outros, a exemplo a oficina de identificação

das espécies vegetais da caatinga, e oficina de aproveitamento alimentar dos frutos da sociobiodiversidade da caatinga, desenvolvidos em 2016 e o curso de implantação e manutenção de quintais produtivos integrados, que conta com a participação de estudantes, produtores rurais e técnicos da área, 2016, ver figuras 67 e 68.

Figura 67 – Oficina de identificação das espécies vegetais da caatinga



Fonte: Acervo, Centro Xingó, 2016.

Figura 68 – Curso de implantação e manutenção de quintais produtivos



Fonte: Acervo, Centro Xingó, 2016.

O Centro Xingó também tem sido um importante espaço de diálogo através da realização anual do Seminário e Curso Internacional de Convivência com o Semiárido, que busca de acordo com o Centro Xingó (2017) aperfeiçoar conhecimentos e competências relativas à convivência com regiões semiáridas; da promoção da troca de experiências e de conhecimentos entre atores da região e de outras regiões semelhantes em outros países e continentes; e da discussão sobre novas formas de interação com a sociedade local e novos olhares, mais integrados, para a população residente e sua relação com o ambiente.

Ao participar da quarta edição do Seminário foi possível perceber a importância desses espaços de diálogo e reflexões para o empoderamento da população que vive no Semiárido, que luta e resiste.

Na figura 69, participação do professor Saulo Rodrigues do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – CDS UnB, espaço de diálogo intitulado “Diferentes olhares sobre a Conservação da Caatinga”.

Figura 69 – IV Seminário Internacional de Convivência com o Semiárido



Fonte: Autora, 2017.

Figura 70 – Exposição de pôsteres



Fonte: Autora, 2017.

O centro surge como uma nova forma de enfrentar os problemas existentes no semiárido trata-se de uma perspectiva na qual a ênfase é dada no enfrentamento dos desafios do semiárido na sua compreensão e adaptação, através do Xingó Centro que tem como “objetivo a geração e difusão do conhecimento, a partir do contexto histórico e cultural local, através das trocas de saberes, das práticas e experiências inovadoras para a promoção da convivência com o semiárido Nordeste” (CENTRO XINGÓ, 2017 sp), já é destaque internacional como podemos observar na figura 71.

Figura 71 – Ações de convivência com o semiárido alagoano é destaque internacional

REPORTAJE

CONVIVENCIA CON EL SEMIÁRIDO

Oportunidades agropecuarias en el nordeste brasileño

Gracias a la ayuda recibida por la Cooperación Española, el pasado 15 de septiembre se inauguró el Centro de Investigación y Formación Agraria y Rural de Xingó en el estado de Alagoas (Brasil). Dentro de las actividades del año dedicadas a la agricultura familiar, declarado por la FAO, este nuevo centro surge con ideas innovadoras para relanzar las actividades productivas, reducir la pobreza y promover estrategias de adaptación y mitigación de la agricultura de la región al cambio climático. Actividades todas ellas que permitan convivir con el semiárido.

CARLOS G. HERNÁNDEZ DÍAZ-AMBRONA (APAE)
OMAR MARÍN GONZÁLES

Investigadores del Grupo de Cooperación AgSystems, Departamento de Producción Agraria, del Centro de Innovación en tecnologías para el Desarrollo Humano de la Universidad Politécnica de Madrid, del CEIGRAM y de la ETSI Agrónomos

El semiárido brasileño ocupa algo más de un millón de kilómetros cuadrados, es decir, dos veces la superficie española, en un rango de precipitaciones de entre 400 mm y 800 mm, pero con una tasa de

Fonte: Revista Agropecuária, 2015.

de Cooperación para la Agricultura (IICA) nos dice que “el semiárido brasileño posee una gran diversidad ambiental, cultural y oportunidades, la población del Sertão (así es como llaman a esta región semiárida) está alcanzando su resiliencia”. Esto quiere decir que los productores están consiguiendo mejorar su calidad de vida, gracias al empleo de tecnologías sencillas y respetuosas con el medio ambiente.

El semiárido también es un modo

Ruiz de Lira, de la Oficina Técnica de Cooperación (OTC) de la Cooperación Española para Brasil, recordaba la importancia de destacar la identidad cultural, y promover esta rica fuente de expresión artística entre las gentes del semiárido, recordando a sus más famosos bandoleros Lampião y María Bonita. Para nosotros serían Luis Candelas y Manuela Sánchez, bandoleros que el destino hizo tuviesen un mismo final.

UNA RED QUE CONTRIBUYE A LA DIVERSIDAD

La REDEgentesSAN es una Red de personas que trabajan por la seguridad alimentaria y nutricional en el semiárido, mediante la realización de servicio de extensión agraria y formación. Según nos dice Iúse Núbia da Silva “la red está consiguiendo que los pequeños agricultores mejoren sus sistemas de producción”, esta red contribuye a la diversificación productiva y estabilidad de las cosechas. Para mostrar sus resultados visitamos a Claudio, un pequeño productor especializado en hortalizas con una gran diversidad. Sus tomates tipo cherry, muy dulces, han alcan-

Dentre o que se destaca na reportagem sobre o semiárido brasileiro são a valorização e reconhecimento das ideias inovadoras desenvolvidas pelo Centro Xingó de Convivência com o Semiárido para realizar atividades produtivas, reduzir a pobreza e promover estratégias de adaptação e convivência com clima da região semiárida. Em uma missão do Centro de Inovação em Tecnologias para o Desenvolvimento humano da Universidade Politécnica de Madrid, participou do primeiro curso internacional de convivência com o semiárido. Durante esse curso, Kilmara Rodrigues, do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) destaca o seguinte sobre as ações desenvolvidas pelo Xingó Centro de Convivência com o Semiárido: “el semiárido brasileño posee una gran diversidad ambiental, cultural y oportunidades, la población del Sertão (así es como llaman a esta región semiárida) está alcanzando su resiliencia.” (DÍAZ & GONZÁLES, 2015, p. 184).

2.3.3 Cooperativas

Segundo Naidison Baptista, coordenador executivo da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA Brasil) em 2013, rede formada por organizações da sociedade civil que atuam na gestão e no desenvolvimento de políticas de convivência com a região semiárida, que cresce a presença de vários espaços oficiais do governo federal e estaduais nos processos de convivência como o semiárido, e outras estratégias de apoio à população sertaneja como a ampliação de ofertas para processos de armazenamento de água para produção, Programas de Aquisição de Alimentos (PAA), gerenciado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), ações do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que visa à aquisição de alimentos produzidos pela agricultura familiar para alimentação escolar, dentre outros.

A existência dessas políticas públicas e atuação desses programas cria uma forma de organização desses grupos sociais de se constituírem em movimentos, criarem organizações, através de cooperativas e associações para apresentarem suas demandas e adquirir legitimidade junto à sociedade e ao Estado.

2.3.3.1 Cooperativa dos apicultores do Sertão – COOPEAPIS

De acordo com o presidente da cooperativa Diego Correia (2016) a cooperativa foi fundada há 11 anos, e surgiu de um grupo que faziam parte dos Arranjos produtivos locais (APL) Apicultura Mel do Sertão programa do Governo Estadual para o fortalecimento da apicultura no Sertão Alagoano. Na época atuavam esse grupo atuava em três municípios e decidiram fundar a cooperativa. A cooperativa além da produção e comercialização mel, a cooperativa passou comercializar outras atividades, outros produtos que fazem parte da agricultura familiar, e com apoio da OCB e Sescop de Alagoas foi possível o acompanhamento de nutricionistas, agrônomos, zootecnistas, e desenvolver pesquisas e produtos de base local e sustentável, como podemos destacar:

Então é nessa linha que a gente vem trabalhando esse grupo de produção de alimentos das 10 mulheres, elas tem trabalhado a base de umbu, salgados a base de palma que é específico da região, já trabalhamos aqui doces específicos de coroa de frade, que é um cacto específico da região também, estamos tentando desenvolver uma linha do mandacaru sem espinhos, alguma coisa que seja beneficiado disso, tentando aproveitar o tomate cereja que aqui era desperdiçado né... O antepasto que elas desenvolveram a base de palma e

berinjela que é divino, então é série de coisas que a gente vem desenvolvendo que tem gerado renda pra essas famílias. (Entrevista Oral)³⁵

Percebe-se de acordo com a lógica de organização e gestão da Coopeapis a ideia de desenvolvimento baseado na economia solidária que procura combinar crescimento econômico, desenvolvimento humano através da valorização da agricultura familiar buscando assim alternativas sustentáveis.

Figura 72 – Sede da Coopeapis/ zona rural de Piranhas



Fonte: Autora, 2017.

A atuação das cooperativas tem agregado valor aos produtos com base na agricultura familiar e princípios da sustentabilidade, gerando atividades produtivas e renda, que tem proporcionado bem-estar social, econômico e ambiental.

³⁵ Entrevista concedida por SILVA, D. C. Entrevista III. [set. 2017]. Entrevistador: Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017. 1 áudio. mp3 (10 min.).

Figura 73 – Processo de transformação do mel para comercialização, Coopeapis



Fonte: Autora, 2017.

2.3.1.2. Cooperativa dos bancos comunitários de sementes (COOPABACS)

De acordo com site instituição da Coopabacs em Alagoas os bancos de sementes surgiram na década de 80 com o apoio inicialmente das Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs), especificamente no município de Água Branca:

um grupo de mulheres lideradas pelo frei Afonso fizeram uma coleta de sementes onde cada uma doou entre 1 a 5 quilos de sementes que juntos, deram origem a uma roça comunitária, e esta por sua vez, deu origem ao primeiro banco comunitário de sementes. (COOPABACS, 2010, s/p)

Tal experiência possibilitou a mobilização de outras comunidades para também formarem seus bancos constituindo em 1992 o Banco de armazenamento e comercialização de sementes (BACS) vindo a se tornar em 1996 a Cooperativa de pequenos produtores agrícolas dos bancos de comunitários de sementes (COOPABACS) que tem sua sede localizada na cidade de Delmiro Gouveia.

As sementes crioulas assim conhecidas por não apresentar nenhuma modificação genética, são nativas, e geralmente seu manejo é desenvolvido por comunidades tradicionais, na Coopabacs essas sementes foram denominadas de “sementes da resistência”. Os bancos atuam da seguinte forma: as melhores sementes são selecionadas pelas famílias agricultoras e são guardadas para os próximos plantios. Esses espaços e sua forma de organização de selecionar, guardar, as sementes nativas que são adaptadas àquelas particularidades climáticas, vinha ganhado força, principalmente pelos avanços de programas territoriais de luta pela terra que junto ao MDA desenvolvem uma política que valorizam e apoiam a agricultura familiar e se tornam capaz de manter a riqueza alimentar das populações do Semiárido. O diálogo entre esses atores é fundamental para a ampliação de programas que fortaleçam os bancos de sementes já existentes e o surgimento de novos nas comunidades do Semiárido Alagoano, com

base nessa perspectiva essas organizações a exemplo da SEAGRI junto a ASA lutaram pela criação da lei estadual que trata sobre o programa estadual do banco de sementes aprovada em 2008 e têm apoiado junto as políticas federais a compra de sementes e melhoria das comunidades através de investimento em infraestrutura e serviços prestados pela ATER.

Segundo a Coopabacs de Delmiro Gouveia, os objetivos desses bancos de sementes visam:

garantir a semente para o plantio; produzir sementes crioulas adaptadas à região e resistentes à seca; resgatar e preservar as sementes; lutar contra o patenteamento e o monopólio das sementes; participar de redes de articulação, Intercâmbio de experiências; construir redes de comercialização solidária e de Bancos Comunitários de Sementes, garantir a produção de alimentos com a diversificação de culturas adaptadas e resistentes. (COOPABACS, 2017).

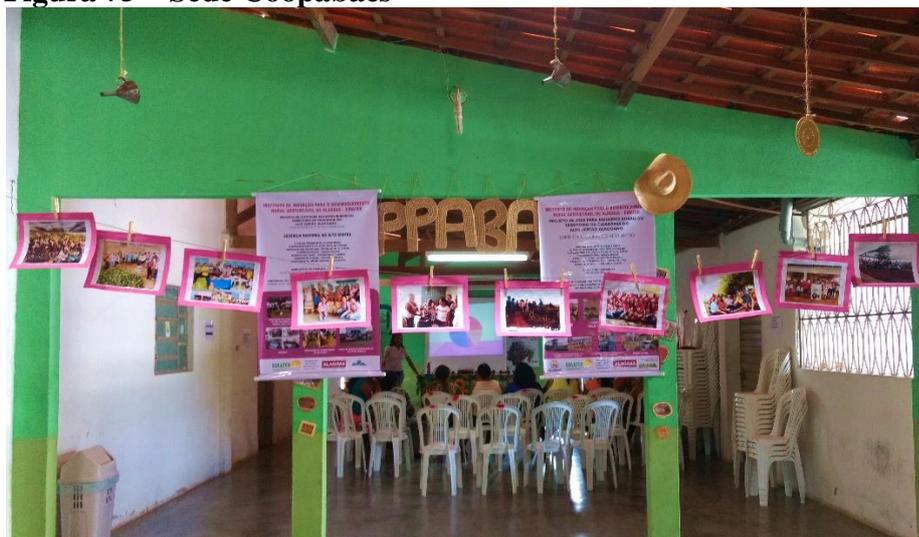
Figura 74 – Sementes armazenadas, Coopabacs



Fonte: Autora, 2017.

Vale ressaltar que as famílias que participam se articulam através de redes já estruturadas e formam em suas casas, a exemplo da comunidade de Dona Francisca no sítio Poço Doce, município de Piranhas, essas redes vêm se articulando desde 2004, as famílias que fazem parte podem recompor seus estoques através das políticas que são desenvolvidas e após cultivaram elas voltam a estocar uma parte do que foi cultivado, em momentos de crise essas práticas são fundamentais por isso a importância dessas políticas de compra e doação desenvolvido pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Figura 75 – Sede Coopabacs



Fonte: Autora, 2017

Figura 76 – Ações desenvolvidas pela Coopabacs



Fonte: Autora, 2017.

Diante da atuação dessas organizações civis o patrimônio genético alimentar se fortalece, o resgate dessas sementes é de grande importância para conservação do patrimônio genético de uso sustentável da biodiversidade na agricultura que vivem em ameaça desde o surgimento de sementes transgênicas. Essas práticas possibilitam o surgimento de

representações da paisagem sertaneja feitas que mostram situações de trato e convivência com o meio e constrói uma dizibilidade que é possível produzir no semiárido.

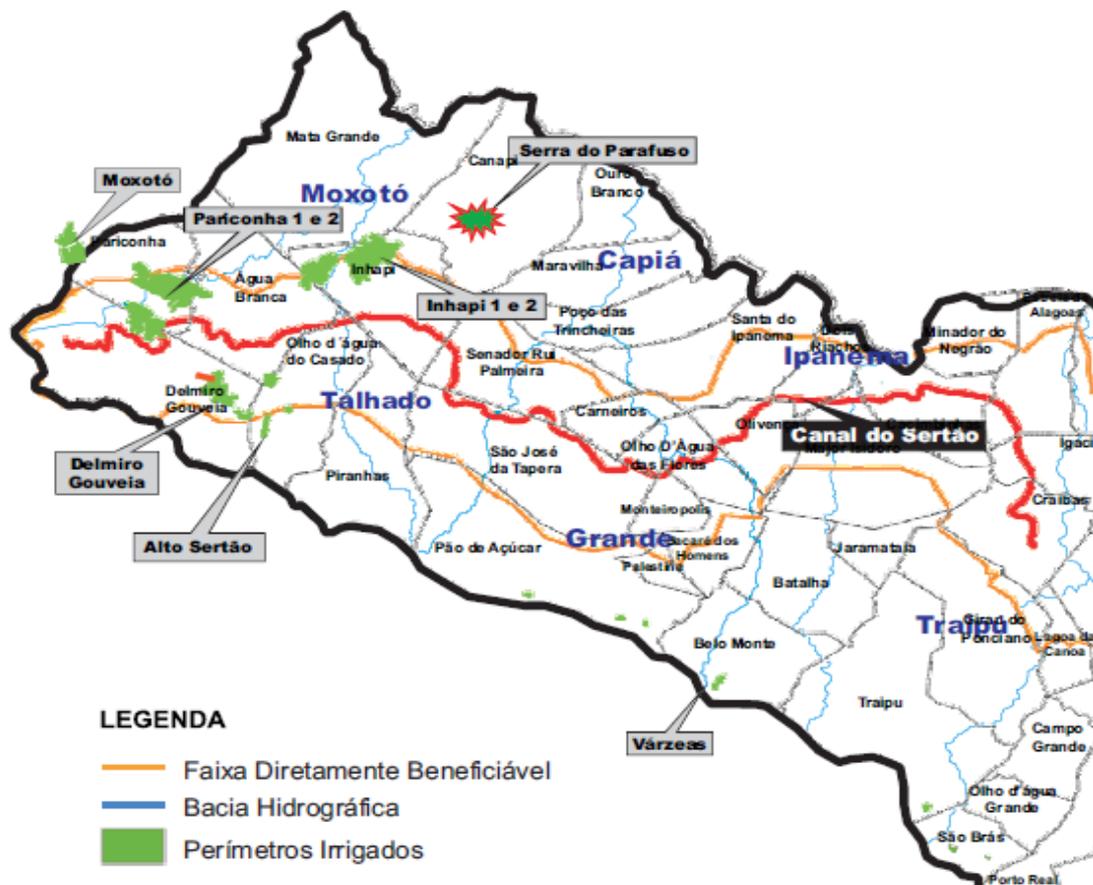
Apesar dos esforços para uma política oficial de convivência com o semiárido, existe a persistência e ampliação de diversas ações e estratégias de combate à seca, arraigadas nas grandes obras que promovem a exclusão de agricultores familiares, comunidades tradicionais, quilombolas, caatingueiros, povos indígenas e outros etc.

Apesar das propostas de convivência com o semiárido feitas pelo governo, ainda existe a política de combate à seca, a exemplo da construção do Canal do Sertão, grande obra empreendida pelo governo federal e estadual, inapropriadas à região semiárida, pois não resolvem o problema de acesso à água para a população, são milhões investidos, concentrando a água na mão daqueles que já detêm boa parte das águas do semiárido e reproduzindo modelos agroexportadores, concentradores de riquezas e não produtores de alimentos. Materializam a continuidade de políticas que nada mais fizeram que concentrar a água e a terra, assim como as oportunidades, em mãos de poucos no semiárido, gerando a miséria, a fome, a exclusão hoje ali existente e, determinam a natureza como fator responsável pelos os problemas que assolam a região.

De acordo com site Conhecendo o Canal do Sertão (2010) o investimento que governo federal anunciou no PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) uma grande obra hídrica sendo considerada a maior obra do governo federal em Alagoas, os custos de implantação tem como previsão R\$ 620 milhões, nos discursos sobre a implantação da obra destaca-se que o projeto pretende favorecer principalmente o agreste em que a área irrigada abrangeria vinte mil hectares, enquanto o sertão ficaria com seis mil hectares, sendo assim a maior parte das terras irrigadas ficará em torno ou nas proximidades do município de Arapiraca elucidando que obras como estas não estão preocupadas realmente em atender e melhorar a vida da maior parte da população que vive no Semiárido Alagoano, mas demonstra a continuação de práticas patrimonialistas e clientelistas, sendo assim, não contempla o que se garante enquanto projeto que prevê o abastecimento de água para consumo humano que irá vai atender a cerca de um milhão de alagoanos sendo 30 % sertanejos.

Diante de tais constatações é necessário refletir a importância da efetivação de políticas que desconcentrem a propriedade da terra e da água pela convivência com o semiárido.

Figura 77 – Municípios alagoanos beneficiados com a obra do Canal do Sertão



Fonte: <http://perh.semarh.al.gov.br/mapas/egcsa/egcsa.htm>.

Figura 78 – Obra Canal do Sertão em Delmiro Gouveia



Fonte: SEINFRA, 2007.

PAISAGEM CULTURAL DO SERTÃO: UM OLHAR ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS

No capítulo que se segue será feita uma descrição da metodologia usada para se conhecer a percepção do sujeito que vivencia o semiárido. Este processo do pensar das pessoas tornou-se um meio de explorar os significados subjetivos de suas experiências vividas no lugar possibilitando conhecer como a reprodução social de uma determinada paisagem enquanto produto cultural cria um significado através dos símbolos e internaliza-os implicando no modo particular de uma sociedade se organizar em um dado tempo e espaço. Para tanto, optou-se pela oralidade e os registros iconográficos como instrumentos metodológicos usados em campo, pois as informações em campo permitem perceber a relação do sujeito com o seu meio através dos comportamentos humanos, suas emoções, visões de mundo e valores, que por sua vez expressam aspectos subjetivos o que permitem uma melhor interpretação e análise do objeto em estudo.

3.1 A relação sociedade e espaço vivido

Conhecer a percepção das pessoas que vivenciam o Sertão Alagoano, nos permite conhecer a forma como estas pessoas interpretam e interferem no meio em que vivem, essa experiência de ter um contato contínuo e direto com a paisagem nos permite conhecê-la melhor, e conhecer a percepção dos sujeitos que vivenciam diariamente o semiárido Alagoano, ao serem esses objetos experienciados e vividos se tornam muito importantes para o estudo da interação a paisagem e o homem. Argumenta Corrêa (2011) com base na perspectiva de Cosgrove sobre a paisagem pelo meio do qual ideias, valores e sentimentos são expressos, representando as relações entre a natureza e vida humana.

A oralidade é uma das estratégias metodológicas em campo usadas para conhecer a percepção dos sujeitos da pesquisa, junto aos registros iconográficos, buscou-se valorizar os aspectos subjetivos como: valores, emoções, e visões de mundo.

Foi usada como técnica de pesquisa as entrevistas semiestruturadas, também conhecidas como abertas como instrumento de coleta de informações em campo, com o objetivo conhecer qual a percepção por parte da comunidade que vivencia o Semiárido, identificando nas falas dos sujeitos as mudanças e permanências nos modos culturais e na forma de construir e vivenciar tal lugar em se tratando dos trabalhadores que vivenciam o semiárido e perceber qual

o imaginário existente em relação ao lugar em estudo e pelos estudantes do Sertão Alagoano ao ser projetado imagens, em que se realizou-se descrições de forma escrita.

Essa ferramenta metodológica permite uma maior interatividade com os sujeitos da pesquisa, pois consiste num diálogo entre o pesquisador e o sujeito participante. Para maior êxito as entrevistas foram planejadas antes de ir a campo. Ainda com relação às técnicas de coleta de dados em campo, fizemos uso também da observação e do registro das paisagens através de fotografias, principal método utilizado nesta pesquisa. O contato direto com os sujeitos da pesquisa permite uma maior percepção de sua realidade social.

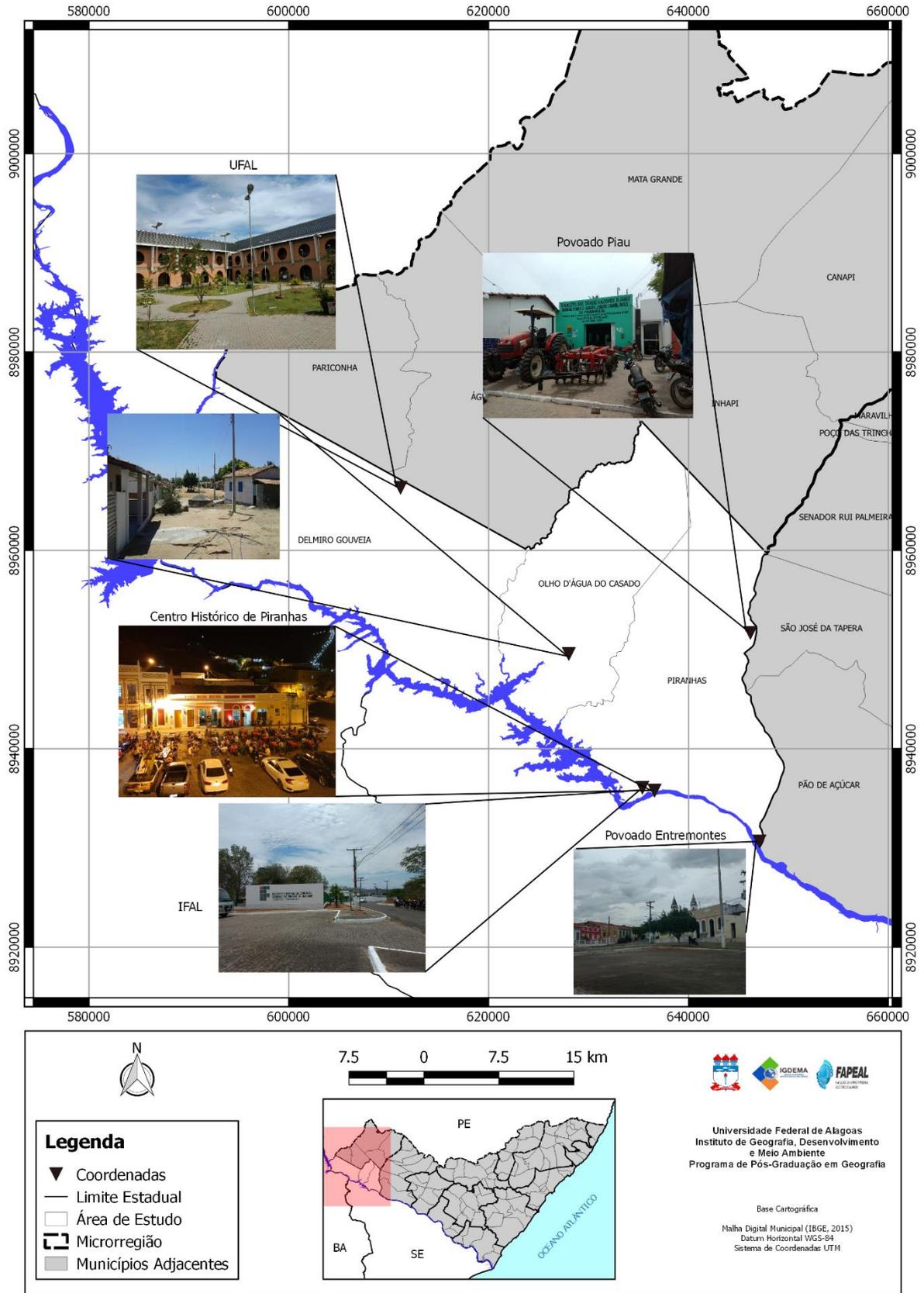
As entrevistas foram aplicadas, nesse caso, para três categorias de sujeitos: estudantes, trabalhadores e representantes da sociedade civil do recorte espacial em estudo. Os cinco locais que foram realizadas as entrevistas não foram selecionadas a priori, a pesquisa de campo na cidade de Piranhas, iniciou-se de quando se percebeu a relação de afeto que alguns indivíduos do Sertão Alagoano têm com o rio São Francisco. Optou-se por entrevistar pessoas que viviam no centro histórico de Piranhas até o povoado de Entremontes, localizado a margem do Rio São Francisco, há aproximadamente 15 km do centro histórico de Piranhas, também o povoado de Piau localizado aproximadamente 15 km do seu município sede/Piranhas e num assentamento rural localizado no município de Olho D'água do Casado. Sabendo da importância da interiorização do Campus UFAL no Sertão localizado em Delmiro Gouveia e em Piranhas se torna indispensável conhecer os discursos e práticas que estão sendo desenvolvidas e se de forma contextualizada. Para isso, foram entrevistados estudantes e representantes dessas instituições.

De acordo com Minayo (1994, p. 54), “devemos buscar uma aproximação com as pessoas da área selecionada para o estudo”, para obtermos êxito na pesquisa.

Nessa perspectiva, como já havia realizado o reconhecimento da área foi possível o contato com algumas pessoas que se tornaram importantes na construção do processo de aplicação das entrevistas, um morador do centro histórico de Piranhas, responsável pelo hotel onde fiquei hospedada durante esse processo, pessoa muito acolhedora que me narrou alguns fatos (além de conhecer muito a cidade de Piranhas, eram nítidos os laços de amizade, respeito e de afeto que os moradores tinham pelo lugar), o qual me informou lugares e pessoas.

A figura 79 representa graficamente o espaço geográfico trabalho de campo, registrando os locais que foram realizadas as entrevistas.

Figura 79 – Locais da pesquisa de campo



Fonte: SANTOS, 2018.

De acordo com a disponibilidade e interesse dos sujeitos, bem como os locais mais adequados e o período de minha permanência na área de estudo, procurou-se as pessoas que quisessem participar voluntariamente. No município de Delmiro Gouveia participaram 13 sujeitos, sendo estes estudantes que estavam participando de um minicurso, em Olho D'água do Casado 03 sujeitos e em Piranhas 04 sujeitos que vivenciam o Sertão Alagoano, bem como podem nos relatar as mudanças e permanências que ocorreram nos últimos anos. (Figura 80).

Figura 80 – Número absoluto e relativo dos sujeitos que participaram das entrevistas

Município de Delmiro Gouveia	%	Município de Olho D'água do Casado	%	Município de Piranhas	%	Total de sujeitos	%
13	65	3	15	4	20	20	100

Fonte: Pesquisa de Campo, set/dez 2017.

Elaboração: Autora, 2018.

Em relação ao quantitativo de sujeitos foram adotados como critérios a casualidade e diversificação nas repostas dadas. Enquanto a escolha da população prezou-se pela idade, ocupações diferentes e onde vivem e tempo de permanência no local da pesquisa. Quanto ao número dos sujeitos para participar da pesquisa, considerou-se a qualidade das informações coletadas, sendo fator importante para a decisão em relação ao quantitativo de entrevistados pois, como a maioria das entrevistas foram longas, as informações tornaram-se relevantes e decisivas para a escolha da quantidade de entrevistados.

Como foram aplicadas entrevistas a categorias diferentes vamos caracterizar o perfil por categorias: estudantes, trabalhadores e representantes das instituições acadêmicas.

Figura 81 – Perfil dos estudantes sujeitos da pesquisa

Faixa etária (anos)	Total	Município onde reside	Total	Há quanto tempo Reside	Total	Zona Rural Total	Zona Urbana Total	Formação	Total
15-19	01	Água Branca	1	Desde que nasceu	11	02	11	Licenciatura em Geografia	11
20-24	05	Canapi	2	6 anos	01			Licenciatura em Letras	01
25-29	05	Delmiro Gouveia	7	2 anos	01			Ensino de Biologia	01
30-34	1	Mata Grande	2						
35-39	1	Piranhas	1						
								Total	13 sujeitos

Fonte: Pesquisa de Campo, set. 2017.

Em relação ao perfil dos estudantes podemos observar a predominância de uma faixa etária entre 20-29 anos, por se tratar de estudantes que estavam participando de um minicurso a nível universitário na Universidade Federal de Alagoas/Campus Sertão, localizado em Delmiro Gouveia o qual participaram de forma voluntária da pesquisa 13 sujeitos. Em relação ao município de origem metade dos entrevistados residem na cidade de Delmiro Gouveia, os demais residem em 03 municípios localizados no Sertão Alagoano, foi possível perceber que a maioria dos sujeitos entrevistados vive na zona urbana. Como se tratava de um minicurso proporcionado por um evento realizado no campus da Universidade do Sertão na área de Geografia, resultou numa predominância de sujeitos participantes tendo uma formação acadêmica de Licenciatura em Geografia.

Figura 82 – Perfil dos trabalhadores sujeitos da pesquisa

Onde reside	Total	Faixa etária (anos)	Total	Há quanto reside	Total	Escolaridade	Total	Ocupação	Total
Povoado Piau – Piranhas	2	40-44	2	Desde que nasceram	8	Fundamental Incompleto	5	Agricultura e pecuária	2
Povoado Entremontes – Piranhas	2	45-49	2			Fundamental Completo	1	Artesanato	1
Zona Rural – Olho D’água do Casado	1	50-54	1			Médio Completo	1	Turismo	2
Assentamento – Olho D’água do Casado	1	55-59	1			Pós-Graduação	1	Banca de frutas	1
Cidade de Piranhas - Piranhas	2	Mais de 60	2					Agricultura e piscicultura	1
								Total de sujeitos	08

Fonte: Pesquisa de Campo, set. 2017.

Elaboração: Autora, 2018.

Na realização das entrevistas com objetivo de conhecer o perfil dos entrevistados foram abordadas as seguintes variáveis: onde vivem, há quanto tempo vivem no local, idade, escolaridade e ocupação. Em relação as entrevistas semiestruturadas com a intenção de obter respostas espontâneas, fez-se uso questionamentos pontuais a fim responder aos questionamentos que foram norteadores para alcançar uma narrativa sobre a vivência e percepção do lugar onde vivem. Como as entrevistas foram realizadas com categorias diferentes usamos algumas estratégias diferentes, no caso dos estudantes a entrevista foi realizada de

forma escrita e com uso de imagens (fotografias), já que foram aplicadas durante a realização de um minicurso. Em relação as demais categorias aplicou-se aos representantes das sociedades civis e aos trabalhadores.

Todas as entrevistas foram sendo realizadas, muitas vezes ocorriam interrupções devido a emoção ocorridas através de lembranças, ou por outras pessoas que chegavam durante as entrevistas, mas prezou-se pela sua integridade, concedendo o tempo adequado e liberdade para que o entrevistado tivesse condições de continuar a entrevista. Levou-se em consideração o cuidado para que os questionamentos problematizadores não induzem os sujeitos em suas respostas. Durante o momento das entrevistas foram observadas as paisagens, e registradas através de fotografias.

Na aplicação das entrevistas, ao abordar as pessoas perguntava se queriam participar, e explicava-se a motivação e objetivo para a realização da pesquisa e a importância da participação das mesmas para a realização do estudo. Dando continuidade solicitávamos a autorização e gravação das entrevistas para que pudessem ser transcritas conforme a fala do entrevistado que posteriormente seriam digitadas com fidelidade e utilizadas como fonte de informação no desenvolvimento de uma dissertação de mestrado. Os sujeitos participantes não colocaram nenhuma dificuldade em participar, inclusive na realização de Seminário onde estive presente nos depoimentos de mulheres rurais em sua participação em um Seminário de Avaliação Final da Ater, ocorrido em Delmiro Gouveia. Sendo assim foi possível conhecer melhor o Sertão Alagoano, a maneira como as pessoas agiam no momento da entrevista, como: seus olhares, entonação da voz, etc.

3.1.1 Relato de vivências

Diante da importância do diálogo entre os atores sociais na construção de uma sociedade mais justa, pautada em relações mais horizontais e flexíveis entre a comunidade acadêmica, comunidade local e sociedade do terceiro setor e compreendendo que o sistema educacional é um dos espaços, propício para legitimação do discurso da convivência como natural e eficiente na substituição de antigos entendimentos que definem e preconizam o combate às secas, o deslocamento populacional, as circunscrições dos sujeitos flagelados nos espaços restritos e delimitados do Sertão, e a interiorização das universidades federais, no caso a instalação do Campus da Universidade Federal de Alagoas no Sertão que tende a proporcionar uma visão contemporânea para o Semiárido Alagoano, sendo um produtor de uma novo dizer sobre a

região, lembrando que “a educação não pode se furtar da necessidade de construir um Semiárido mais justo, mais inclusivo, mais sustentável, mais humano.” (LINS; SOUSA; PEREIRA, 2005, p. 07).

A fim de entender a visibilidade acerca do Sertão Alagoano, se ainda está associada à paisagem cultural marcada pela reprodução, cristalização e invenção como lugar da periferia, da margem, nas relações econômicas e políticas no país, da seca, que transforma seus habitantes em marginais da cultura nacional. Para Gomes (2013) as imagens existem no inconsciente coletivo mesmo quando não estão mais presentes e da significação que nasce da posição dentro de um contexto espacial no qual se inscreve o fenômeno, buscamos perceber qual o imaginário existente em relação ao lugar em estudo pelos estudantes de ensino superior do Sertão Alagoano ao ser projetado imagens, onde os mesmos fizeram descrições de suas vivências.

Ao defender o uso de imagens como formas de representação que mais se aproximam do real e “partindo do princípio de que elas atuam fortemente na atual partilha do sensível, realizada também nas narrativas em imagens acerca do mundo no qual vivemos”. (OLIVEIRA JR, 2009, p. 18). Fizemos uso desse instrumento através da projeção de imagens (fotografias) figuras 83 e 84 que representam o Sertão Alagoano em diferentes contextos. É neste caminho de pensamento que buscamos entender a forma de agir e construir no espaço, do uso que dele fazemos, partindo da imagem que dele criamos e das memórias postadas em nós.

Figura 83 – Representação paisagem seca e miséria



Fonte: <https://jocummaceio.files.wordpress.com/2012/05/ac3a7c3a3o-social-no-sertc3a3o.jpg>. 2017³⁶.

³⁶Disponível em: <<https://jocummaceio.wordpress.com/page/6/>>. Acesso em 17 de Novembro, 2017.

Figura 84 – Representação paisagem convivência



Fonte: <https://www.novacultura.info/single-post/2015/04/14/A-situa%C3%A7%C3%A3o-do-sert%C3%A3o-alagoano-Inhapi>³⁸.

Diante das falas dos entrevistados acerca de como os sujeitos percebem o Semiárido Alagoano, evidenciou-se o fato de que a maioria percebe o Semiárido Alagoano marcado pela presença de períodos de estiagens, que usam a expressão (seca) ainda como um período marcado pelo sofrimento como podemos observar:

Uma das características do Semiárido é por ser **seco**, porém **sofre** muita discriminação. (Entrevista Escrita)³⁹

Existe períodos e lugares que realmente ocorrem momentos de **seca** devido a falta de água e o nível de chuvas baixos, causando muito **sofrimento** a população daquela área, **sem água** a paisagem rala. (Entrevista Escrita)⁴⁰

Nessa perspectiva percebemos nessa imagem o Semiárido **sofrido** durante a época da **seca**. (Entrevista Escrita)⁴¹

A população enfrenta o dilema da **seca**, além dessa dependência de programas governamentais. (Entrevista Escrita)⁴²

³⁷Disponível em: <<https://www.novacultura.info/single-post/2015/04/14/A-situa%C3%A7%C3%A3o-do-sert%C3%A3o-alagoano-Inhapi>>. Acesso em 12 de Fevereiro, 2018.

³⁸Disponível em: <<https://www.novacultura.info/single-post/2015/04/14/A-situa%C3%A7%C3%A3o-do-sert%C3%A3o-alagoano-Inhapi>>. Acesso em 12 de Fevereiro, 2018.

³⁹Questionário aberto respondido pelo entrevistado 4. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴⁰Questionário aberto respondido pelo entrevistado 5. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴¹Questionário aberto respondido pelo entrevistado 6. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴²Questionário aberto respondido pelo entrevistado 7. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

Percebo que sua maior parte o Semiárido caracteriza-se dessa forma **seca e desprovida de água**. (Entrevista Escrita)⁴³

Essa época do ano é a época em que o povo do Semiárido mais **sofre**, é preciso se fazer políticas de conscientização. (Entrevista Escrita)⁴⁴

Observa-se nas falas dos entrevistados uma ideia de Sertão ainda marcada pela forte presença dos discursos regionalistas que foram difundidos a partir das produções imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país, sendo o tema “seca, sem dúvida o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno.” (ALBURQUERQUE JR, 2011, p. 138).

Ainda conforme Albuquerque Jr (2011) a consistência desta formulação discursiva e imagética dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço, entretanto, com a expansão e interiorização do ensino superior é possível construir um novo dizer através de pesquisas sobre as particularidades que este espaço apresenta. De acordo com Bacelar (2013) apesar de ser uma política nacional setorial, teve um firme propósito de enfrentamento nas diferenças regionais na oferta desse nível de ensino, tendo uma representação positiva no interior do Nordeste, causando um impacto imediato e significativo na vida cultural, promovendo alterações importantes na reelaboração das formas de vivência da democracia, na construção de novas possibilidades diante das problemáticas historicamente construídas, para vencer o atraso econômico e superar os desníveis sociais e culturais, que o distancia do restante do país.

Um dos caminhos seguidos nesse processo é a presença da legitimação do discurso da convivência, ainda que de forma conflituosa entre a seca e a possibilidade de convivência, como podemos observar:

O semiárido depois do canal do sertão, onde com o acesso a água, é possível **conviver no semiárido e conviver com a seca**. Portanto, as duas imagens demonstra que a realidade do semiárido pode ser melhorada, desde que haja um apoio para isso. (Entrevista Escrita)⁴⁵

O semiárido é diversificado, a depender das estações, das chuvas, pode mudar a paisagem da noite para o dia. Tem um potencial turístico espetacular e

⁴³Questionário aberto respondido pelo entrevistado 8. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴⁴Questionário aberto respondido pelo entrevistado 9. [set.2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴⁵Questionário aberto respondido pelo entrevistado 10. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

oferece belezas naturais riquíssimas, nele se concentram muitos pequenos agricultores e esses usam a terra como meio de sobrevivência tanto familiar como produção para vender/trocar. (Entrevista Escrita)⁴⁶

Ao analisar as narrativas foi possível perceber que as pessoas, estabelecem uma relação de sentimentos, afetividade que constituem crenças e valores, Corrêia (2011) faz referência a esses elementos como importantes na criação de um mundo de significados desenvolvendo uma condição para a reprodução social. Muitos são os elementos que contribuem para a criação desses laços, que tão fortes, podem não superar até mesmo as grandes adversidades.

Por viver no semiárido, não percebemos o que outras pessoas de outros climas percebem, pois sou acostumada com o clima quente, e com isso passo a ter vida harmônica com o semiárido, e com tudo que oferece. (Entrevista Escrita)⁴⁷

Morava na zona rural com meus pais presenciei muitos períodos de estiagem, onde meus pais não conseguiam plantar, mas também pude e posso notar na paisagem imagens belíssimas de várias plantas que devido a seca nunca umas desaparecerem outras não, é um lugar onde temos o prazer de vivência tudo e ver que há paisagens e animais que se adaptam no local tornando assim o semiárido de Alagoas único. (Entrevista Escrita)⁴⁸

Eu nasci no Semiárido e não consigo imaginar a vida diferente. Apesar de estudar e ser ciente que é inevitável não mudar de lugar durante a vida. Mas nós que moramos aqui, desde cedo aprendemos a conviver com esse contraste e, é fascinante o poder de superação de quem aqui vive. (Entrevista Escrita)⁴⁹

Tuan (1980) aponta que a consciência do passado é um fator muito importante no amor pelo lugar, às raízes entre o homem e o meio são tão profundas, que até mesmo as catástrofes, mesmo aquelas oriundas dos fenômenos naturais como é caso das irregularidades de chuvas no Semiárido Alagoano, geram histórias, feitos heroicos e símbolos.

Tudo se incorpora ao modo de viver do ser humano, o indivíduo identifica-se com o meio, e isso dá forma e sentido a sua cultura. Claval (2007, p.63) conceitua cultura como “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante as suas vidas [...]”

⁴⁶Questionário aberto respondido pelo entrevistado 11. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴⁷Questionário aberto respondido pelo entrevistado 12. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴⁸Questionário aberto respondido pelo entrevistado 13. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁴⁹Questionário aberto respondido pelo entrevistado 14. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

Diante das percepções dos sujeitos evidencia-se o poder da imagem mental na reconstrução das percepções, no caso em estudo ainda marcada por uma visibilidade associada a um discurso imagético aliado a seca e a pobreza em que o pequeno agricultor familiar deve ter como referência o latifundiário, devendo cultivar e criar da mesma forma que o grande proprietário de terras. Esses fatores de disseminação de um modelo hegemônico dito como correto e adequado, influencia na forma de produzir por parte das pequenas propriedades repetindo em seus pequenos sítios o modelo de agricultura e criação de animais das grandes propriedades, não obtendo o sucesso esperado e perdendo a motivação para permanecer naquele local, ou na visão que aquele lugar tenha potencialidades produtivas. Essa circunstância como aponta Gomes (2013) são situações espaço-temporais particulares de um dado lugar em um determinado momento que impõem um feixe de significações especiais ao evento e de grande importância no modo como pensamos e agimos na realidade, no espaço geográfico como discorre Oliveira (2013) sobre as imagens como signos de uma linguagem, quanto como objetos do mundo obras da cultura.

Mas, para além Oliveira destaca a importância de educar os olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós. O sertão alagoano que tive oportunidade de conhecer se apresenta numa paisagem em que se manifesta diferente da cena pintada pelo pensamento hegemônico e amplamente difundida sobre o semiárido brasileiro: uma região de solo infértil, seco, lugar pobre em biodiversidade, dominado pela miséria. As produções imagéticas do sertão como lugar da seca sempre tiveram mais visibilidade e o poder de estigmatizar e marginalizar essa região, mas vivenciamos um período recente que novas proposições foram apontadas para um novo rumo no desenvolvimento do Semiárido, principalmente através das políticas de atuação para agricultura familiar e convivência.

Percebe-se uma nova dizibilidade sendo construída em relação a esse lugar, a qual aqui conceituaria como uma nova maneira de ver, uma outra perspectiva para a qual os nossos olhos foram educados. As mudanças mais relevantes na trajetória do desenvolvimento do Nordeste do Brasil, analisando tendências dos anos iniciais do século XXI e situando-as no contexto das transformações em curso no país através da inserção e internacionalização das universidades, como aponta Bacelar (2013) à presença desses campi em cidades médias não somente tem um impacto imediato e significativo na vida cultural, mas também dinamiza o comércio e os serviços locais, permitindo a construção de uma nova dizibilidade sobre o sertão podemos perceber essas significativas mudanças nas narrativas dos estudantes sujeitos da pesquisa:

Podemos perceber duas diferenças importantes: uma o seu potencial turístico sendo explorado, um semiárido depois do canal do Sertão, onde com o acesso a água é possível conviver no semiárido e com a seca, demonstra que a realidade pode ser melhorada, desde que haja um apoio para isso. (Entrevista Escrita)⁵⁰

É bom lembrar que o semiárido tem grande potencial tanto produtivo quanto turístico e assim ter uma visão para essa realidade...percebo que tem grande potencial que pode ser aproveitado para mudar a realidade social das pessoas. (Entrevista Escrita)⁵¹

Diante de tais narrativas podemos considerar uma nova concepção de desenvolvimento vem sendo construída, sediada na proposição da convivência, apontadas como marcas de positividade de um discurso pautado na sustentabilidade baseada em práticas e alternativas de desenvolvimento integrado das esferas, econômica, política e social e do protagonismo social e humano, ainda que de forma sutil, já está presente nos discursos dos estudantes um pensamento crítico que, refuta as tradicionais formas de intervenção na realidade do Semiárido brasileiro, no combate às secas e seus efeitos e modernização econômica conservadora. Alguns atores sociais como é o caso da atuação do terceiro setor, e aqui destaco a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), que vem desenvolvendo ações que visam romper com o velho paradigma de luta contra as secas e de construção de um sentido de adaptação do homem à natureza, através de melhor utilização dos recursos naturais, sendo necessária a inserção de uma educação contextualizada, a mudança de mentalidades, a disseminação do conceito de convivência, a integração entre o saber técnico e a tradição, esse vindo sendo um dos caminhos seguidos pela ASA para legitimação do discurso de convivência. Para Neto (2013) esse processo possibilita

...processo de mudanças, promove, por meio da ideia de contextualização, uma nova ordem sobre o que é espaço semiárido, como ele é culturalmente construído e quais enunciados podem e devem validar as estratégias anunciadas como adequadas e aceitáveis para vencer o atraso econômico e superar os desníveis sociais e culturais que, historicamente, distanciam a região do restante do país. (NETO, 2013, p. 139).

⁵⁰Questionário aberto respondido pelo entrevistado 15. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

⁵¹Questionário aberto respondido pelo entrevistado 16. [set. 2017]. Concedido a Adriana Valença de Almeida. Maceió, 2017.

Apesar da atuação desses atores importantes na construção desse novo dizer, e nesse contexto a educação ser um das principais instituições na construção do conhecimento e espaço propício para a produção de um novo diálogo sobre a relação entre sociedade e natureza capaz de proporcionar o resgate entre conhecimento e saberes na formação de um novo paradigma para aprender, reaprender e conviver no semiárido, possibilitando a criação de novos significados e reconhecimento da identidade, sendo legitimadora de uma verdade, “quando o sistema escolar tiver seus pés fincados no nosso chão, ligando o contexto local à situação global, para que cada um e cada uma seja capaz de compreender seu lugar no mundo e seja agente transformador dos processos”. (LINS; SOUSA; PEREIRA, 2015, p. 07). Percebe-se ainda o distanciamento dessas instituições na construção de educação contextualizada e que propicie um novo diálogo permanente dos saberes locais com o universal; materiais didáticos que ressignifiquem os discursos e imagens atribuídas ao Nordeste e ao Semiárido, pois o currículo ainda vem “de cima” elaborado com base nos interesses que privilegiam os interesses de uma classe social. Apesar disso, a interiorização das Universidades, como é o caso do Campus UFAL em Delmiro Gouveia, tem possibilitado a construção de uma dizibilidade nova e política sobre a região, lembrando que “a educação não pode se furtar da necessidade de construir um Semi-Árido mais justo, mais inclusivo, mais sustentável, mais humano.” (LINS; SOUSA; PEREIRA, 2015, p. 07).

Segundo Santos (2011) a Geografia das representações, por sua vez, tem tido papel importante ao analisar como o vivido do homem contribui na elaboração das imagens mentais, referindo-se a espaços imaginários e como estas imagens influenciam na forma de se organizar e produzir nos espaços, ou seja, suas práticas espaciais. Com base nesse pressuposto farei uso de representações com uso de fotografias de paisagens, que aqui se constituem, um meio humano, é um lugar vivido por um grupo, um lugar de criação simbólica em renovação permanente para mostrar a abrangência dos acontecimentos, das experiências humanas e por fim como se dão os fenômenos. Algumas ações desenvolvidas pelas instituições acadêmicas como a UFAL/Campus Delmiro Gouveia (figura 84, 85), evento sobre lutas por terra e território e o desenvolvimento de pesquisa que consideram as particularidades desse lugar e o IFAL/Campus Piranhas (figura 86, 87), como também a atuação do Xingó Centro de Convivência com o Semiárido a articulação entre tais atores sociais são responsáveis por criar uma visão contemporânea sobre o Semiárido Alagoano, através de um diálogo entre esses atores comunidade local e comunidade acadêmica é possível promover interação, emancipação e participação dos sujeitos, produzindo formas de ver e dizer uma identidade sobre o que é ser

Semiárido, “construir um novo conceito civilizatório para a região através da proposta da convivência que entenda a região semiárida a partir de sua própria lógica, pensando-a “no seu contexto global e segundo as características que lhes são próprias e únicas.” (MALVEZZI, 2007, p. 131).

Figura 85 – Evento realizado Campus Sertão



Universidade Federal de Alagoas
ufal ▾ estudante ▾ servidor ▾ transparência ▾

Você está aqui: [Página Inicial](#) / [Notícias](#) / [2018](#) / [4](#) / [Evento no Campus do Sertão debate lutas por terra e território](#)

02/04/2018 13h11 - Atualizado em 03/04/2018 13h28

Evento no Campus do Sertão debate lutas por terra e território

Professores e representantes indígenas e de trabalhadores rurais se reúnem em Delmiro Gouveia esta semana

[Compartilhar 61](#) [Tweetar](#)

Ascom Ufal

O Campus do Sertão vai sediar, de 3 a 5 abril, o 1º Seminário do Observatório de Estudos sobre as Lutas por Terra e Território (Obelutte). O evento ocorre no Auditório Graciliano Ramos, em Delmiro Gouveia e as inscrições podem ser feitas no local, no primeiro dia do seminário, a partir das 18h30.

O evento é gratuito e os participantes que obtiverem pelo menos 75% de frequência terão direito à certificado de 20 horas.

03 A 05 de Abril
Inscrições a partir do dia 21/02
facebook.com/obelutte.ufal.9

**Universidade Federal de Alagoas
Campus do Sertão**
OBELUTTE
OBSERVATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE AS LUTAS POR TERRA E TERRITÓRIO

Vem aí o I Seminário do OBELUTTE!
"O Semiárido como território de vida".

Fonte: <http://www.ufal.edu.br/noticias/2018/4/evento-no-campus-do-sertao-debate-lutas-por-terra-e-territorio>⁵².

Diante da contextualização da educação é possível legitimar novas possibilidades de criação e recriação das condições de produção para o Semiárido, sendo esses espaços, importantes para romper com os antigos entendimentos que defendem o combate às secas, o deslocamento populacional, as circunscrições dos sujeitos flagelados nos espaços restritos reafirmando os estereótipos e preconceitos, mas que contribua na elaboração de construções e concepções de mundo, a partir de uma realidade que tem como pressuposto a ideia de

⁵²Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/noticias/2018/4/evento-no-campus-do-sertao-debate-lutas-por-terra-e-territorio>>. Acesso em 10 de Maio, 2018.

convivência, tendo como potencial “desconstruir nosso imaginário de seca e destruição.” (LINS; SOUZA; PEREIRA, 2005, p. 7).

Figura 86 – Programa de pesquisa em desenvolvimento

Você está aqui: [Página Inicial](#) / [Informes](#) / [Lançamento Oficial - Programa Permanente de Pesquisa, Ensino, Extensão e Inovação em Desenvolvimento de Sistemas Sustentáveis e Autossustentáveis](#)

16/10/2017 15h33 - Atualizado em 24/10/2017 12h57

Lançamento Oficial - Programa Permanente de Pesquisa, Ensino, Extensão e Inovação em Desenvolvimento de Sistemas Sustentáveis e Autossustentáveis

[Compartilhar 4](#) [Tweeter](#)

Prezada Comunidade Acadêmica do Campus do Sertão!

Comunicamos que o Programa Permanente de Pesquisa, Ensino, Extensão e Inovação em Desenvolvimento de Sistemas Sustentáveis e Autossustentáveis (P3E2IDS2A) está lançando o EDITAL 01/2017 - Chamada Acadêmica para o desenvolvimento de projetos.

O lançamento oficial vai ocorrer nesta quarta-feira, dia 10/11 (uma sexta-feira) às 10:00, no Evento EPEQS - I Encontro de Práticas e Educação Quilombola do Sertão, no intervalo dedicado ao lançamento de livros. Até a data do lançamento

Fonte: <http://www.ufal.edu.br/sertao/informes/lançamento-oficial-programa-permanente-de-pesquisa-ensino-extensao-e-inovacao-em-desenvolvimento-de-sistemas-sustentaveis-e-autossustentaveis>⁵³.

**Figura 87 – Evento realizado no Campus Piranhas - IFAL
V SEMTECC – Semana Tecnológica e Cultural do
IFAL Campus Piranhas**

por
Publicado: 17/10/2017 17h32
Última modificação: 17/10/2017 17h38

3
[Curtir](#)
[Compartilhar](#)

A V SEMTECC – Semana Tecnológica e Cultural faz parte do Calendário Acadêmico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - *Campus Piranhas*, e visa apresentar ao público em geral uma amostra dos trabalhos produzidos por alunos e servidores nas áreas do ensino, da pesquisa e da extensão. O presidente da Comissão organizadora é o prof. Antônio Iatanilton Damasceno de França, Chefe do Departamento Acadêmico. O evento ocorrerá entre os dias 23 a 25 desse mês, das 08h às 18h00.

Trata-se de um evento de características acadêmico-científicas, que se propõe a consolidar-se como espaço para produção e difusão dos conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais, considerando que a formação do nosso aluno não se propõe a ser tecnicista, como mera mão de obra, mas emancipadora, numa perspectiva da visão crítica de suas ações num contexto sociocientífico e histórico, compreendendo-o no âmbito da ciência e da tecnologia como aspecto preponderante no e para o mundo do trabalho.

Este ano, a SEMTECC terá como tema “Um novo olhar para o Semiárido: ciência, tecnologia e cultura”. Esse tema tenta trazer para o centro do debate a mudança de visão com relação a essa região que, ao longo dos anos, foi sempre vista como lugar de fome, seca e miséria, dimensionada pela falta de políticas públicas que pudessem impulsionar o desenvolvimento.

Fonte: <https://www2.ifal.edu.br/campus/site/piranhas-noticias/>⁵⁵

⁵³Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/informes/lançamento-oficial-programa-permanente-de-pesquisa-ensino-extensao-e-inovacao-em-desenvolvimento-de-sistemas-sustentaveis-e-autossustentaveis>. Acesso em 10 de Maio, 2018.

Figura 88 – Bolsas de pesquisa

Ifal Piranhas subsidia bolsas de pesquisa com orçamento próprio do campus

Pela primeira vez, o campus utilizou recursos próprios para manter projetos de pesquisa não contemplados por bolsa em edital da PRPI

por Rhamayana Barreto

Publicado: 12/01/2018 10h38

Última modificação: 12/01/2018 10h38

70

Curtir

Compartilhar



Em 2017, pela primeira vez, projetos de pesquisa receberam subsídio de bolsas com recursos de orçamento próprio de cada campus. O campus do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) em Piranhas foi um dos campi que conseguiu arcar com as bolsas de projetos de pesquisa aprovados no edital nº 3 (2017 a 2018) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), mas não contemplados com bolsas oriundas de recursos da PRPI e de agências de fomento à pesquisa (CNPq e CAPES).

No edital, foram ofertadas 237 vagas para projetos de pesquisa com bolsa, a maioria delas com recursos advindos da própria PRPI. No entanto, a PRPI permitiu cadastrar também projetos não contemplados com bolsa, chegando ao número total de 322 projetos aprovados. Segundo o coordenador de pesquisa do Ifal Piranhas, Michelangelo de Oliveira Silva, ficou a cargo dos campi avaliar se teriam orçamento para arcar com as bolsas dos projetos de pesquisa de seu campus não contemplados pelo edital.

Dos 16 campi do Ifal, 12 estão financiando bolsas com orçamento próprio. Ao todo, 16 projetos do campus Piranhas foram aprovados pelo último edital, desses, 11 são financiados ou pela PRPI ou por agências de fomento e os outros 5 são subsidiados com orçamento próprio do campus Piranhas. “Os diretores que assumiram esse compromisso foram muito corajosos de apoiar os projetos, especialmente, neste momento que o país atravessa de muitos cortes na educação e com

Fonte: <https://www2.ifal.edu.br/campus/site/piranhas-noticias/ifal-piranhas-subsidia-bolsas-de-pesquisa-com-orcamento-proprio-do-campus>⁵⁶.

De acordo com as ações, projetos de extensão, escritos, imagens, as entidades aqui analisadas tem o poder de valorizar “a cultura do semiárido”, fortalecendo a autoestima do seu povo, ao mesmo tempo em que buscando construir uma positividade, procurando definir e estabelecer uma identidade para o ser Semiárido e organizar um conjunto de enunciados que objetivem, um saber, um poder sobre o que é conviver com essa região e suas peculiaridades.

⁵⁶Disponível em: <<https://www2.ifal.edu.br/campus/site/piranhas-noticias/ifal-piranhas-subsidia-bolsas-de-pesquisa-com-orcamento-proprio-do-campus>>. Acesso em 30 de Abril, 2018.

Figura 89 – Atividades práticas desenvolvidas pelo Centro Xingó



Centro Xingó de Convivência com o Semiárido adicionou 11 novas fotos.

17 de outubro de 2017 · 🌐

Alunos do curso técnico de agropecuária do Instituto Federal de Alagoas (Campus Santana do Ipanema) estão realizando diversas atividades práticas no Centro Xingó. As atividades realizadas foram planejadas em conjunto com os professores do Instituto e técnicos do Centro, tendo como objetivo proporcionar a oportunidade de aprimorar a prática, construindo sua vivência para o mercado de trabalho. Algumas das atividades são: manejo alimentar, reprodutivo e sanitário de ovinos e caprinos, manejo alimentar e sanitário de bovinos, práticas de silagem e fenação, preparo e plantio de áreas de palma e horta agroecológica, práticas de compostagem, acompanhamento de pesquisa com 15 variedades de sorgo e adubação orgânica em produção de frutíferas. Parabéns aos estudantes pelo empenho e dedicação!



Fonte: Acervo Xingó, 2017.

Figura 90 – Participação das mulheres rurais



Centro Xingó de Convivência com o Semiárido adicionou 5 novas fotos.

25 de abril de 2017 · 🌐

Nos dias 18, 19 e 20 deste mês, o Centro Xingó recebeu a visita de cerca de 60 mulheres da chamada de ATER para mulheres rurais dos municípios de Água Branca, Mata Grande, Inhapi e Olho D'Água do Casado. O grupo veio acompanhado de técnicos da EMATER e teve como objetivo proporcionar um intercâmbio e troca de conhecimentos através de apresentação das ações desenvolvidas e de visita guiada para observação das diversas tecnologias sociais implantadas e atividades produtivas desenvolvidas pelo Centro Xingó. Ao final de cada visita foi sorteado um livro com o tema: "Participação, Protagonismo Feminino e Convivência com o Semiárido", da editora IABS.



Fonte: Acervo Xingó (2017, 2018).

Diante das mudanças que vem ocorrendo com as ações que vem sendo desenvolvidas pelas instituições através das políticas públicas que foram efetivas durante o período de 2002 até 2014, evidencia-se a possibilidade de “um espaço não mais apenas disciplinado e policiado em seus eventos e calamidades, mas um espaço conhecido, antecipado, passível de circulação, esquadrihado em suas potencialidades e restrições, identificado em suas possibilidades econômicas.” (NETO, 2013 p. 147), um espaço onde é possível diminuir as desigualdades sociais através de estratégias de planejamento e desenvolvimento.

Nos relatos e depoimentos de pessoas que vivem e trabalham no Semiárido foram destacadas mudanças ocorridas no semiárido e em sua paisagem com a prática e difusão da convivência com a irregularidade de chuvas.

Percebe-se na forma de produzir no espaço semiárido, a preocupação em preservar o meio ambiente, uma agricultura familiar pautada na sustentabilidade, como podemos ver na fala da agricultora Francisca:

...comer uma comida boa sem veneno né...Minhas comida é tudo natural, não gosto de comida com veneno. Então faça o máximo ensino também para as pessoas para os jovens, principalmente as crianças, a gente tem que começar educar elas de berço. Eu mostro os animais para eles e digo que não pode matar. Na minha casa é tudo rodeado de árvores da caatinga, palma de espinho, macambira, porque serve de sombra para os animais e para preservar, pois nós precisamos. Faço isso com amor, e vou passar de geração para geração.

Figura 91 – Plantio sustentável no sítio de Francisca



Fonte: Autora, 2018.

Figura 92 – Agricultura familiar - cultivo de coentro, pimenta e milho



Fonte: Autora, 2018.

Nos arredores de casa, os quintais produzem uma diversidade de frutas, alimentos e temperos utilizados diariamente na cozinha. Os agricultores usam a produção desses quintais produtivos para suas refeições diárias, o coentro, a pimenta, por exemplo, é também planta presente nos quintais, além da produção de melancia e abobora.

É possível compreender como as mudanças são percebidas pelos povos que vivem no Semiárido, a partir das falas de algumas famílias, sendo possível evidenciar um novo comportamento diante da forma de produzir e construir no espaço, em que o princípio da convivência através da produção agroecológica, com criação de animais, plantio de hortas orgânicas, criação de abelhas, entre outras atividades, já é observável. Dona Cicera fala das mudanças ocorridas de forma emocionada

...A partir de 2005 até hoje graças ao divino espírito santo nunca mais faltou nada na minha casa, hoje eu tenho aquele fiat uno ali, comprado com dinheiro de abelha, tenho minha casinha de mel, em 2007 eu já fiz a casa de mel, aí de 2008 pra frente já foi pra me formar fazer faculdade aí, eu fiz magistério, fiz faculdade e fiz pós-graduação, tudo a distância...aí a cooperativa se formou em 2006 e aí nós viemos lutando, colocaram eu como financeira, faz sete anos e não consigo sair, a prefeitura junto ao governo e o Sebrae se organizaram pra nos ajudar, o que eu tenho hoje eu devo ao Instituto Xingó, Sebrae, Senar, APL e vocês que saem fazendo uma pesquisa...(Entrevista Oral).

As imagens e representações da paisagem sertaneja em destaque são frutos de diversos grupos sociais, Corrêa (2011) salienta que Cosgrove em suas análises sobre as paisagens de grupos dominantes e paisagens alternativas e de acordo com o estudo aqui desenvolvido,

explica que as representações do sertão seco, estão perdendo seu poder maior de visibilidade, já que, surgem novas representações possibilitadas pelas mudanças observadas ao longo da pesquisa, a interiorização da universidade, o crescimento do turismo, a inserção de políticas públicas sociais e voltadas para agricultura familiar, a organização e participação da sociedade civil em cooperativas e buscando alternativas de convivência com semiárido.

De acordo com Cosgrove (1998) apud Corrêa (2011), essas representações de paisagens aqui citadas possuem significados diferentes, pois são criadas formando uma marca identitária ou são frutos de grupos sociais emergentes ou pertencentes a grupos excluídos.

Diante de tais constatações se reforça uma reflexão sobre o papel da paisagem e sua representação com relação entre o imaginário de um lugar, pois as paisagens são um produto cultural devemos considerá-las como uma expressão de um fenômeno que expressa as formas, modos como uma sociedade está organizada em determinado tempo e espaço específicos, ou seja uma dada formação econômica e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar como se deu a construção espacial e simbólica do sertão foi possível perceber como se consolidou uma maior visibilidade dada à paisagem da seca, da miséria, presente nas imagens de alguns pintores brasileiros que difundiram a ideia de “seca” como origem dos problemas dada por motivações sociais historicamente situadas como desencadeadoras das mazelas sertanejas, essas que por sua vez, estão ainda presente no imaginário coletivo, e por sua vez na forma como se organiza e produz no espaço.

Diante das percepções dos sujeitos evidencia-se o poder da imagem mental na reconstrução das percepções, no caso em estudo ainda marcada por uma visibilidade associada a um discurso imagético aliado ao estigma da falta, do subdesenvolvimento, e da seca, em que o pequeno agricultor familiar deve ter como referência o latifundiário, devendo cultivar e criar da mesma forma que o grande proprietário de terras. Essa circunstância como aponta Gomes (2013) são situações espaço-temporais particulares de um dado lugar em um determinado momento que impõem um feixe de significações especiais ao evento e de grande importância no modo como pensamos e agimos na realidade, no espaço geográfico.

Diante das mudanças que vem ocorrendo, com a inserção de políticas públicas estruturais e para agricultura familiar, seguridade social e ações de convivência, surge um novo modo de encarar a vida no sertão, e começam a serem construídas novas alternativas para o desenvolvimento do Semiárido.

Dessa forma, através dos estudos aqui feitos foi identificado que as representações do sertão como lugar de impossibilidades, não possuem tanta visibilidade, as irregularidades climáticas começam a perder importância enquanto impedimento ao desenvolvimento humano e econômico. Dessa forma, através da análise da paisagem sertaneja, procurou-se colaborar para a constituição de um novo caminho de interpretação da perspectiva cultural deste lugar, com o objetivo de verificar quais são os critérios utilizados para a identificação de determinados lugares e, desta forma, influenciar a construção e transformação de um imaginário geográfico.

É importante que se tenha em mente que ao se estudar esta relação entre as representações da paisagem sertaneja e as suas diversas representações, não se deve permitir que os indivíduos fiquem diluídos em uma análise exterior da cultura, pois, como bem salienta o geógrafo Paul Claval (1997), se torna necessário a compreensão do papel que o espaço e meio possuem no cotidiano dos indivíduos, e também a respeito do sentido que os mesmos atribuem ao espaço e ao meio em que vivem, assim como as maneiras que esses indivíduos utilizam os

mesmos para melhor se compreenderem e formarem o seu ser, para isso destaco a presença das imagens como de grande importância no modo como pensamos e agimos na realidade, no espaço geográfico.

A paisagem cultural vivenciada e representada através de imagens em alguns quesitos se opõe à cena pintada pelo pensamento hegemônico e amplamente difundida sobre o semiárido brasileiro: uma região de solo rachado e castigado, esqueletos de vacas mortas pela seca e apodrecendo expostas ao sol, lugar pobre em biodiversidade, dominado pela miséria. Percebe-se uma novo dizer sendo construída em relação a esse lugar, a qual aqui conceituaria como uma nova maneira de ver, outra perspectiva para a qual os nossos olhos foram educados.

Foi possível perceber uma ressignificação da paisagem, em que surge uma nova perspectiva, na qual a ênfase é dada na convivência e sua compreensão, e a inserção de novas políticas públicas para agricultura familiar no período de 2003 a 2012.

As mudanças mais relevantes, desde a inserção e interiorização das universidades, e dos institutos federais à presença dessas instituições em cidades como Delmiro Gouveia e Piranhas não somente tem um impacto imediato e significativo na vida cultural, mas também dinamiza o comércio e os serviços locais. Todavia, com a expansão e interiorização do ensino superior é possível construir um novo dizer através de pesquisas sobre as particularidades que este espaço apresenta, mas ainda é necessário diminuir a distância que existe entre a universidade e a comunidade, sendo o diálogo de saberes importantes para reescrever e repensar todas as práticas, imagens e realidade desse lugar a partir de uma interação com o princípio da convivência, promovendo a interação, emancipação dos sujeitos que são os protagonistas dos novos dizeres e visibilidades que esse lugar apresenta.

No campo, a inserção de políticas públicas para a agricultura familiar, a melhoria das políticas sociais e a implementação de políticas agrárias incidiram sobre o meio rural repercutindo na dinâmica econômica e social possibilitando reduzir as desigualdades sociais e econômicas e gerou processos de inclusão social e melhoria nas condições de vida.

A existência de políticas públicas e atuação de programas criaram uma forma de organização desses grupos sociais de se constituírem em movimentos, criarem organizações para apresentarem suas demandas e adquirir legitimidade junto à sociedade e ao Estado. O surgimento e atuação das cooperativas, a Coopabacs, localizada na cidade de Delmiro Gouveia, a Coopeapis localizada na zona rural de Piranhas promoveram a produção local e sua inclusão em cadeias de valor para geração de trabalho e renda, além de segurança alimentar para as

comunidades locais, contribuíram para uma melhoria da qualidade de vida das mulheres, e o reconhecimento desses como sujeitos de direitos.

Os municípios que compõem a Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco vêm se configurando como um dos principais produtos turísticos do país e fonte de inesgotável de encantamento para quem o visita, no entanto, ainda falta uma infraestrutura adequada aplicada ao turismo, que possua oferta de serviços e qualificação dos produtos turísticos, carecendo de oferta de serviços públicos e privados que atenda a demanda turística, melhoria do saneamento básico, estruturação de centros de atendimento aos turistas, sinalização turística orientada, melhoria das condições da malha viária e um planejamento capaz de usar o grande potencial turístico de forma sustentável e rentável.

Verifica-se um processo de crescimento do perímetro urbano, atualmente é destaque para o município de Delmiro Gouveia e Piranhas, enquanto Olho D'água do Casado apresenta população predominantemente rural e ainda é o município que apresenta os piores índices socioeconômicos. Portanto se torna necessário repensar o modelo de desenvolvimento e organização e produção do espaço que considere o novo perfil que apresenta um crescimento da população urbana em relação a rural, contudo se trata de uma urbanização com baixa taxa de industrialização e diversidade econômica, compreender que a condição de ruralidade da vida está calcada tanto na economia como na cultura.

As ações desenvolvidas pelo terceiro setor através do Xingó Centro de Convivência com o Semiárido são importantes para o empoderamento das comunidades locais, num contexto de aprofundando dos interesses pela democracia e perspectivas de liberdade, elemento fundamental para o desenvolvimento humano. Surge desta forma, novos protagonistas responsáveis por um novo modelo de desenvolvimento, comunidade acadêmica, sociedade civil e do terceiro setor, ainda que esses atores precisem dialogar e estabelecer relações mais horizontais e flexíveis e de forma descentralizada em que o saber popular seja considerado e um importante aliado na construção de um Semiárido, mais sustentável, mais inclusivo, mais humano.

Ainda são muitas as mudanças necessárias para que o povo sertanejo tenha uma vida baseada numa convivência pautada no respeito à diversidade, solidariedade, coletividade, articulação em redes, autogestão e sustentabilidade. É necessário reconquistar a democracia, através da formação política, de uma reelaboração das formas de vivência da democracia, saindo do campo da representatividade e enveredando pelas trilhas da participação e descentralização das decisões e das execuções das ações políticas possibilitando criar um

espaço de resistência política, impedindo o retrocesso dos direitos já conquistados e lutar por uma vida minimamente saudável e equilibrada.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ABBAGNANO, N. Existência. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 377-381. *Annals of the Association of American Geographers*, 66(4), 615-632 p.

ALAGOAS. Agência do estado de Alagoas, governo do estado de Alagoas. **Inauguração da Adutora do Sertão beneficia mais de 130 mil sertanejos**. 27/07/2016. Disponível em: <<http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/5496-inauguracao-da-adutora-do-altosertao-beneficia-mais-de-130-mil-sertanejos>>. Acesso em 16 de fev. 2017.

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, G. J. de. As representações sociais, o imaginário e a construção social da realidade. In: **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005. 200p.

ALMEIDA, M.G. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA M. G. de; RATTTS A. J. P. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa. 2003. p. 71-88.

ANDRADE, F. L. de; QUEIROZ, P. V. M. **Articulação no semiárido Brasileiro – ASA e o seu Programa de Formação e Mobilização e para Convivência com o Semiárido: a Influência da ASA na Construção de Políticas Públicas**. In: KÜSTER, A.; MARTI, J. F. *Políticas públicas para o semiárido: experiências e conquistas no Nordeste do Brasil*. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2009. p. 26-53.

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no nordeste**. 5ª edição. São Paulo: Atlas. 1986.

ANGICO TURISMO. **Piranhas – Alagoas: patrimônio histórico nacional**. Blog spot: A verdadeira rota do Cangaço, mai. 2009. Disponível em: <<http://rotadocangacoxingo.blogspot.com/2009/05/piranhas-alagoas-patrimonio-historico.html>>. Acesso em 30 de mar. 2018.

ARAÚJO S. M. S. de. **A região semiárida do nordeste do Brasil: questões ambientais e possibilidades de uso sustentável dos recursos**. Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE, [S.v.] n. 5, p. 89-98, dez. 2011.

ARAÚJO, T. B. de. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2000. 392 p.

_____, T. B. de. **Nordeste no contexto do desenvolvimento regional do Brasil: tendências recentes e perspectivas**. Salvador – BA, nov. 2012. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=52b256e4-6fcb-4337-bccd-0bed3f406e86&groupId=63635>. Acesso em 18 de set. 2017.

_____, T. B. de. **Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas.** Disponível em: <<http://www.afbnb.com.br/arquivos/File/apoio2%2047%20rcr.pdf>>. Acesso em 02 de fev. 2018.

ASA. ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Plantando diversidade, colhendo sustentabilidade no Semiárido.** Disponível em: <<http://asaalagoas.blogspot.com.br/p/programas.html>>. Acesso em 20 de fev. 2017.

BARROS, A. H. C. FILHO, J. C. de A.; SILVA, A. B. da; SANTIAGO, G. A. C. F. **Climatologia do Estado de Alagoas.** Recife: Embrapa Solos, 2012. 32 p.

BERDOULAY, V. Espaço e cultura. In: **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, 1998. 84-90 p.

BESSE, J. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLOG ADALBERTO GOMES NOTÍCIAS. **Olho D'Água do Casado comemora 53 anos de emancipação política nesta segunda- feira (21).** Disponível em: <<http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2015/09/olho-dagua-do-casado-comemora-53-anos-18.html>>. Acesso em 20 de fev. 2018.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. 165-193 p.

CAMERINO, J. S. **Noções de geografia geral do Estado de Alagoas.** Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1963. 120 p.

CARVALHO, C. P. de. **Economia popular: uma via de modernização para Alagoas.** 4ª ed. rev. e amp. Maceió: Edufal, 2010.

_____, C. P. de. **Formação histórica de Alagoas.** 3 ed. Maceió: Edufal, 2015.

CARVALHO, C. P. O. de. **O novo padrão de crescimento no nordeste semiárido.** Revista de economia NE, Fortaleza, v. 45, n. 3, p. 160-184, jul-set., 2014.

CARVALHO, J M. de. **Jaspers: ciência e filosofia.** Crítica, Londrina, v. 4, n. 14, jan./mar. 1999. 5-36 p.

CERPA, A. (Org) et al. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações.** Salvador : ED UFBA, 2008. 426 p.

CHIAPETTI, R. J. N. **Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanista.** GeoTextos, vol. 6, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/4834/3583>>. Acesso em 30 de ago. 2017.

CIDADE BRASIL: **Mesorregião do Sertão Alagoano**. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-sertao-alagoano.html>>. Acesso em 20 de ago. 2015.

CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012. 11-25 p.

_____, P. **A Geografia Cultural**. 3 ed. Florianópolis. Editora da UFSC, 2007.

_____, P. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; CORREA, R. L. Carl Sauer e a geografia cultural In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 51, n.1, p. 1-124. Jan./mar. 1989. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/detalhes.php?id=719>>. Acesso em 15 de jun. 2015.

_____, P. As revoluções pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOSEL, Salette (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: EdUFPR, 2002. 11-43 p.

_____, P. C. C. **Geografia cultural: um balanço**. Revista Geografia, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>>. Acesso em 01 de fev. 2018.

_____, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001b. 35-86 p. .

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO – CBHSF. **A monumental hidrelétrica de Xingó**. Mar. 2015. Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/2017/a-monumental-hidreletrica-de-xingo/>>. Acesso em 09 de mai. 2018.

CONHECENDO O CANAL DO SERTÃO. Disponível em: <<http://conhecendocanalDOSertao.blogspot.com.br/>>. Acesso em 15 de set. 2015.

CORDEIRO, D. L. **Reivindicações dos movimentos sociais no Semiárido brasileiro: o caso do P1MC**. In: Conti, I. L; Schroeder E. O. Convivência com o semiárido brasileiro autonomia e Protagonismo Social. Brasília: IABS, 2013. p. 183-191.

CORRÊA, R. L. **Sobre a geografia cultural**. Departamento de Geografia – UFRJ, nov. 2009. Disponível em: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em 30 de abr. 2017.

_____, R. L.. Denis Cosgrove: A Paisagem E As Imagens. In: **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n.29, p.7-21, jan./jun. de 2011. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/3528/2454>> Acessado em 15 de Jun. de 2016.

_____, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998.

CORREIA, J. C. **Fábrica da pedra**: uma indústria “exemplar” no semiárido alagoano entre 1914/1917. Natal – RN, jul. 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364309434_ARQUIVO_FABRICADA_PEDRA-NOSEMIARIADOALAGOANO.pdf>. Acesso em 20 de dez. 2017.

_____, J. C. **Trabalho, seca e capital**: da construção da Ferrovia Paulo Afonso à Fábrica de Linhas da Pedra (1878-1914). 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal de Alagoas, Maceió: 2015.

DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Weter Holzer, São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUARTE, R. S. Seca, Pobreza e Políticas Públicas no Nordeste do Brasil. In: ZICCARDI, A. (Org.). Pobreza, desigualdad social y ciudadanía. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 425-440.

ENTRIKIN, N. **O humanismo contemporâneo em Geografia**. Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19, 1980. 5-30 p.

ESPINDOLA, H. S. Sertão do rio Doce. Governador Valadares: Ed. Univale; Bauru: EDUSC, 2005. 485 p. (História). Publicado em co-edição com o Instituto Terra.

FAIÃO, D.; SORGATO, J.; PEDROSA, V. de A. **Canal do Sertão Alagoano**: o custo da energia elétrica. In: IX Simpósio de Recursos Hídricos do Nordeste, 9, Salvador, Anais... Salvador: 2008. p.s.

FERREIRA, R. B. **Fenomenologia da paisagem**: prolegômenos de uma geografia das essências. Belém, mai. – ago. 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a05.pdf>>. Acesso em 12 de nov. 2017.

FURTADO D. A. et al (Org). **Tecnologias adaptadas para o desenvolvimento sustentável do semiárido**. Campina Grande: EPGRAF, 2014. 308 p.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____, Celso. **Seca e poder**: entrevista com Celso Furtado. Entrevistadores: Maria da Conceição Tavares, Manuel Correia de Andrade e Raimundo Pereira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998. 96 p.

GARCIA, Junior R.; BUAINAIN, Antonio M. **Pobreza rural e desenvolvimento do semiárido**. Projeto A Nova Face da Pobreza Rural no Brasil – Transformações, Perfil e Desafios para as Políticas Públicas, Curitiba, 2011.

GOMES, F. G. **Ensaio sobre o desenvolvimento e a economia política contemporânea**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 261 p.

_____, F. G. **Reflexões críticas sobre a realidade e dinâmica recente da economia alagoana**.

GOMES, G. M. **Sertão não-euclidiano**. In: ROSÁRIO F. J. P. Desenvolvimento e mercados no Nordeste do Brasil: estudos e ensaios. Maceió: EDUFAL, 2015. p.43-68.

GOMES, P. C. C & CORREA, R. L. **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 89-117 p.

_____, P. C. C & CORREA, R. L. **História da Geografia**. Lisboa: Edições, 2006.

_____, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____, P. C. C. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320p.

GONÇALVES, Alberto Cosme. **Delmiro Gouveia: era uma vez no sertão...**Ribeira Preto: Fábrica dos Sonhos, 2010.

GRANDE Região Norte. In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. v. 5.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 624 p.

GUALDANI, C.; FERNÁNDEZ, L. GUILLÉN. M. L. **Convivência com o semiárido brasileiro: reaplicando saberes através de tecnologias sociais**. Editora IABS, Brasília – DF, 2015. 168 p.

HOLLIVER, G. **O semiárido brasileiro descolonizador: agricultores experimentadores compondo com gaia, resintindo ao antropoceno**. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2016/relatorios_pdf/ctch/FIL/FIL-Gabriel%20Holliver.pdf>. Acesso em 20 de jan. 2018.

HOLZER, W. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e cultura**. UERJ, RJ, n° 17-18, jan/dez, 2004. 55-63 p.

_____, W. **A geografia humanista: uma revisão**. Revista Espaço e Cultura da UERJ, Rio de Janeiro, n. 3, 1997. 8-19 p.

_____, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia**. Ano 2, n°3, 2000. 111-122 p.

_____, W. O Método Fenomenológico: Humanismo e a Construção de uma Nova Geografia. In: Z. ROSENDAHL; R. L. CORRÊA (orgs.). **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

LIMA, I. F. **Ocupação espacial do estado de Alagoas**. 1. ed. Maceió: 1992. 160 p.

LIMA, N. T. Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes: Revan, 1999. 222 p.

LINDOSO, D. **O grande sertão**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP), 2011. 232 p.

LINS, Cláudia Maisa Antunes; SOUSA, Edineusa Ferreira; PEREIRA, Vanderléia Andrade. **Conhecendo o semi-árido**. Juazeiro: Resab/Unicef, 2005. (Volumes I e II).

LINS, R. D. B. **Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Piranhas**. Alagoas, Maceió: [s.n.], 2010. Disponível em:
<https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/9110/-Perspectivas_para_O_Meio_Ambiente_Urbano_-_GEO_Piranhas-2010GEO_Piranhas_2010_1.pdf.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em 10 de ago. 2017.

LIRA, S. **Alagoas 2000-2013**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. 152 p.

LOIOLA, I. **As riquezas do sertão alagoano**. Disponível em:
<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=201841>>. Acesso em 13 de out. 2015.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia**. 2. ed. Rio Claro, SP: Difel, 1985.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo. **“Londrinas” Invisíveis: percorrendo cidades imaginárias**. 242f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Depto. de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2003.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semi-Árido**. In: REDE DE EDUCAÇÃO PARA O SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO. Secretaria Executiva. *Educação para a convivência com o Semi-Árido: reflexões teórico-práticas*. Juazeiro: Secretaria da Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro, 2006a. p. 37-66.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. **Concepção e diretrizes**: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília: MEC/Setec, 2008.

MIRANDA, C.; SILVA, H. **Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras**. Brasília: IICA (Série Desenvolvimento Rural Sustentável; v. 21), 2013. 476 p.

MMA. Ministério do Meio Ambiente: **Unidades de conservação**. Disponível em:
<<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/categorias>>. Acesso em 15 de ago. 2015.

MORAES, A. C. R. O Sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, Anos III – IV, n. 4-5, 2002-2003.

NASCIMENTO, E. F. do. **Delmiro Gouveia e a educação na pedra**. 3. ed. Maceió: Viva Editora, 2015.

NETO, M. M. **Outro sertão: fronteiras de convivência com o Semiárido**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013. 212 p.

OLIVEIRA JR, W. M. de. **Dossiê: a educação pelas imagens e suas geografias. Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a02.pdf>>. Acesso em 10 de mai. 2017.

_____, JR, W. M. de.; GIRARDI, G. (Org.); Paes, Maria Tereza (Org.). **Dossiê: imagens, geografias e educação**. 1. ed. Campinas: Revista ETD - Faculdade de Educação/Unicamp, v. 1, 2010. 176 p.

PANOFSKY, E. “**Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença**”. In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65. Disponível em:
<<https://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/05/panofsky-e-iconografia-e-iconologia.pdf>>. Acesso em 20 de jun. 2017.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ESTADUAL DE ALAGOAS (PDE ALAGOAS). Alagoas, mar. 2017. Disponível em:
<<http://sudene.gov.br/images/2017/arquivos/planodedesenvolvimento-alagoas-vers%C3%A3ofinal.pdf>> Acesso em 05 de jun. 2017.

PRADO JÚNIOR, C. Formação do Brasil contemporâneo: colônia. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. 390 p.

REVISTA AGROPECUARIA. **Agricultura: fresón y cítricos la cara y la cruz en andalucía**. Editorial Agrícola Española, Madrid, n. 982, mar. 2015. Disponível em:
<http://oa.upm.es/34962/1/AGRICULTURA_MARZO_201576_CARLOSyOMAR.pdf>. Acesso em 25 de mar. 2018.

RIBEIRO R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/ COPODOC. 2007.

_____, R. W. Seca e determinismo: a Gênese do discurso do semi-árido nordestino. In: **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. Volume 22. 1999. 60-91 p. Disponível em:
<http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1999/vol22_60_91.pdf>. Acesso em 02 mar. 2015.

ROCHA, G. **O rio São Francisco: fator precípua da existência do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

RODRIGUES, R. **Piranhas: retrato de uma cidade**. 2 ed. rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2013. 203 p.

SANTOS, C. A. dos.; SOUZA, F. S. **A paisagem geográfica através da fenomenologia: possíveis caminhos para a construção de um método**. Disponível em:
<http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20ClaudiaAlvesdosSantos.ED2III.pdf>. Acesso em 13 de out. 2017.

SAUER, C. C. A morfologia da paisagem In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP – Espaço e tempo**. São Paulo, Nº33, 2013. 168- 185 p.

SILVA, R. M. A. da. **Entre o combate a seca e a convivência com o semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Brasília – DF, mai. 2006. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2309/1/2006_Roberto%20Marinho%20Alves%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 03 de jan. 2018.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TUAN, Y. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. 143-164 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Delmiro Gouveia**. Disponível em <<http://www.ufal.edu.br/sertao>>. Acesso em 10 de nov. 2017.

VILAS BOAS, J. H. Levantamento sistemático de uso da terra, na escala de 1:2 50. 000; Folhas SC.24-X-C, Paulo Afonso, e SC.24-Z-A,.Desbravamento e povoamento. Salvador: IBGE, Diretoria de Geociências, 2007.

XINGÓ. Centro xingó de convivência com o semiárido. Disponível em: <http://xingo.com.br/>. Acesso em 16 de out. 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO
CATEGORIA: POPULAÇÃO DO SEMIÁRIDO ALAGOANO - ESTUDANTES

DATA:	
LOCAL:	

BLOCO I - CARACTERIZAÇÃO DO INFORMANTE

I. Localização onde reside/local de origem:

1. Município: _____

2. () zona rural () zona urbana

II. Há quanto tempo reside neste município: _____

III. Idade:

1 () 15-19 2 () 20-24 3 () 25-29 4 () 30-34

5 () 35-39 6 () 40-44 7 () 45-49 8 () 50-54

9 () 55-59 10 () Mais de 60

III. Curso: _____

IV. A Universidade tem discutido as possibilidades e particularidades que o semiárido alagoano possui, bem como sua diversidade cultural existente?

() Sim () Não

V. Você pretende continuar aqui após terminar o curso?

() Sim () Não Justifique: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ESTUDANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
CATEGORIA: POPULAÇÃO DO SEMIÁRIDO ALAGOANO - ESTUDANTES

DATA:	
LOCAL:	

BLOCO II – CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA

- Perceber qual o imaginário existente em relação ao lugar em estudo pelos estudantes do Sertão Alagoano ao ser projetado imagens, através de descrições.

BLOCO III - INFORMAÇÕES PERTINENTES

1. Como você percebe o Semiárido Alagoano:

Descreva como você percebe o semiárido alagoano?



()



()

Descreva como você percebe o semiárido alagoano?

2. Relate-nos sobre sua vivência no semiárido alagoano? Suas emoções, seus sentimentos, seus olhares.

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA
REPRESENTANTES INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
CATEGORIA: UFAL**

DATA:	
LOCAL:	

BLOCO I - CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA

- Conhecer qual a percepção por parte da comunidade acadêmica em relação ao Semiárido a qual está inserida, bem como identificar ações que estão sendo desenvolvidas que legitimem esse lugar a partir da concepção de que é possível a convivência.

BLOCO II – INFORMAÇÕES PERTINENTES

1. Relate-nos a trajetória do Campus/UFAL na cidade de Delmiro Gouveia – AL, dificuldades, desafios e possibilidades?
2. Percebe-se o reconhecimento das instituições acadêmicas como um dos mais importantes locus de construção do conhecimento e espaço propício para a produção de um novo diálogo sobre a relação entre sociedade e natureza, sendo capaz de proporcionar o resgate de um novo paradigma de aprender, re-aprender a viver e a conviver no semiárido. Qual percepção apresentada por esta instituição acadêmica em relação à região semiárida, a qual está inserida?
3. É possível desenvolver ações que promovam uma educação contextualizada que possibilitem construir um Semiárido, mais justo, mais inclusivo, mais sustentável, mais humano? Quais ações vêm sendo desenvolvidas pela comunidade acadêmica, visando o diálogo entre os diversos atores, comunidade local, poder público, organizações do terceiro setor, buscando promover a emancipação e participação dos sujeitos que vivenciam tal lugar?

APÊNDICE D – ROTEIRO QUESTIONÁRIO POPULAÇÃO SEMIÁRIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
 INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO CATEGORIA: POPULAÇÃO DO SEMIÁRIDO ALAGOANO – COMUNIDADE LOCAL

DATA:	
LOCAL:	

BLOCO I - CARACTERIZAÇÃO DO INFORMANTE

I. Localização onde reside/local de origem:

1. Município: _____

2. () zona rural () zona urbana

II. Há quanto tempo reside neste município: _____

III. Idade:

1 () 15-19 2 () 20-24 3 () 25-29 4 () 30-34

5 () 35-39 6 () 40-44 7 () 45-49 8 () 50-54

9 () 55-59 10 () Mais de 60

IV. Grau de Escolaridade:

1- () Fundamental - Incompleto

2- () Fundamental - Completo

3- () Médio - Incompleto

4- () Médio - Completo

5- () Superior - Incompleto

6- () Superior - Completo

7- () Pós-graduação (Lato senso) - Incompleto

8- () Pós-graduação (Lato senso) – Completo

Outros: _____

V. De qual (is) atividade(s) econômica(s) você vive?

**APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA
POPULAÇÃO SEMIÁRIDO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
CATEGORIA: SOCIEDADE CIVIL - AGRICULTORES**

DATA:	
LOCAL:	

BLOCO II – CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA

- Conhecer qual a percepção por parte da comunidade que vivencia o Semiárido, identificando nas falas dos sujeitos as mudanças e permanências nos modos culturais e na forma de construir e vivenciar tal lugar.

BLOCO III - INFORMAÇÕES PERTINENTES

1. Fale um pouco sobre sua vivência nesse lugar?
 - Descreva como vivia (quais atividades desenvolvidas), quais dificuldades (teve que migrar, quantas vezes, qual motivação) se possível mostre uma foto e descreva-a.
2. E hoje, como você vivencia tal ambiente, quais mudanças ocorreram?
3. Você conhece o Xingó Centro de Convivência com o Semiárido?

ANEXOS

Transcrição – Fala do Senhor José Severino – Presidente do Sindicato Rural do Distrito de Piau, Piranhas – AL, 09 de Dezembro de 2017

- Fale um pouco sobre sua vivência nesse lugar? - Descreva como vivia (quais atividades desenvolvidas), quais dificuldades (teve que migrar, quantas vezes, qual motivação) se possível mostre uma foto e descreva-a. E hoje, como você vivencia tal ambiente, quais mudanças ocorreram? Você conhece o Xingó Centro de Convivência com o Semiárido?

Até os anos 75, mais ou menos, a sobrevivência daqui da nossa região é agricultura, embora uma agricultura muito arrastada, porque o governo não, não tinha conhecimento da necessidade de ajudar o homem do campo e as dificuldades eram grandes, né? A maioria das pessoas vivia do trabalho alugado até os anos 70. Grandes proprietários, aqueles que já tinham se estabelecido melhor era quem tinha as condições de sobreviver melhor. O comércio por aqui era muito devagar, era pequenas comerciazinho, só o essencial da sobrevivência de as pessoas vender açúcar, café, rapadura e gás, era o comércio e o sal, não é que não era todo mundo que podia comprar, de 70 pra cá as coisas depois da teve uma grande seca em 70, e depois dessa grande seca veio a Sudene, a Sudene tomou conhecimento, abriu estrada, inclusive essa estrada que liga Olho d'Água das Flores a Olho d'Água do Casado, ela foi aberta em setembro, através da seca de 70 com a mão de obra, é dos trabalhadores rurais, frente de emergências, trabalhadores rurais, passando fome e teve o governo, foi a primeira vez que o governo veio socorrer aqui na nossa região os trabalhadores rurais, é no período da seca, de lá para cá houve a, a inclusão dos homens que completasse 75 anos tinha direito meio salário mínimo, 75 anos, e só os homens e depois, ééé, veio as mulheres também, passaram a ter esse direito a partir dos anos 80, meio salário mínimo e aí as coisas foram clareando pra aqueles velhinho, que ele tinha que antes, ele tinha que trabalhar até morrer, quando não podia mais trabalhar, morria de fome, que era não tinha outra sobrevivência, ne...

Transcrição – Fala da Senhora Cícera – Aposentada e integrante da Associação Coopeapis, Piranhas – AL, 09 de Dezembro de 2017

- Fale um pouco sobre sua vivência nesse lugar? - Descreva como vivia (quais atividades desenvolvidas), quais dificuldades (teve que migrar, quantas vezes, qual motivação) se possível mostre uma foto e descreva-a. E hoje, como você vivencia tal ambiente, quais mudanças ocorreram? Você conhece o Xingó Centro de Convivência com o Semiárido?

Olhe minha filha as dificuldade era grande, eu casei com 16 anos que foi em 78, eu casei e aí a gente na região aqui, vivia só de feijão, os tempo chovia, mais feijão mandioca que plantava e algodão e os que tinha mais condição era os fazendeiro, aí esses vivia de escravizar os pobres né, que era isso que acontecia, e assim a região minha aqui é muito pobre, essa região você vê aqui, isso aqui quando chegava um ano fraco de chuva, um ano fraco de chuva, morria as crianças, de 7 anos abaixo não ficava uma não, se acabavam todos, até os anos 80, anos 90, era. E aí o que era que tinha, a gente tinha uma riqueza muito grande, que não sabia aproveitar, porque não tinha conhecimento, era o lugar, era pobre de, não era de cultura, num vou dizer de cultura, porque todo mundo tem sua cultura, mas era pobre de conhecimento, e aí o tempo foi passando e o pessoal continuaram vivendo, e no meu caso lá, eu casei, e aí quando eu cheguei, eu sou de família de baixa renda, mas assim, eu tenho mais uma estruturazinha, eu tive a oportunidade de estudar até a quarta série, e que é poucos, meu pai pagou né, e aí quando eu chego na minha comunidade, era uma comunidade que tinha 24 crianças, o mais velho tinha 16 anos e o mais novo tinha dois meses, mas aí entre essas 24 crianças, perai, 24 que tava na fase de 7 a 16 os outro era menorzinho, a idade né, que é que aconteceu aí, eu vi ele muito sofrido, passava muita fome no inverno, no mês de maio, quando chovia, aí você na minha casa ficava, é uma linha reta que vem aqui pra o Piau, que era onde tinha um cemitério, todos os dias passava uma criança que morria lá nas fazenda, qual era o problema, desnutridos, porque a mãe ficava desnutrido, trabalhando em fazenda ao mês todinho, mais o marido, pra ganhar o almoço ou a janta, quando dava final de semana, eles não tinha uma estrutura, ele não tinha carnes, eles não tinha nada, eles naquela época não tinha educação de hortaliça, que hoje nós temos, a pessoa só comia feijão, farinha e carne, quem podia, e o pobre não comia nada disso, ainda bebia água salgada, a gente não tinha água pra beber, aí bebia água salgada ou aqui da ribeira que é aqui do Piau, ou então numa fazenda que tem detrás dessa serra, tem uma

fonte de minação do lado de cá, e outra do lado de lá, ficava as mãe até 10 horas da noite no verão, carregando água, mais os maridos, que era que acontecia se a mulher estava grávida, o marido com pote e ela com outro, elas saia segurando a camisa do homem atrás, e o homem na frente, guiando no escuro, era muito triste, essa época, era o sofrimento, era esse aí, eu ficava muito preocupada, sabe por que, era difícil a vida lá e aí eu comecei a ter meus filhos, comecei a me preocupar, sou mãe de 9 filhos vivo, fora os que Deus ne, aí eu comecei a me preocupar e comecei a dar aula pra as crianças, e era filhos de mãe solteira, só tinha 4 de mãe casada, os outros eram de mãe solteira, naquela época chamava de cabaré, eu não sei se você ouviu falar isso, o pessoal mais velho, balada de hoje em dia, não sei, aí o que acontecia, ela e o marido iam pra aquelas farras nos final de semana, namorava lá com as mulher, arrumava menino e aí era aquela complicação, era marido que batia em mulher, era uma confusão muito grande, aí eu comecei a me preocupar, e comecei a orientar as mulher, porque eu sei assim minha filha, quem ama não trai. Eu me casei uma criança, mas eu tenho uma visão muito bonita, que eu aprendi com a hora Católica e a hora do Brasil, foi dois programas que assisti, que me estruturou, um falava sobre o ambiente, não sei o quê, despesa, roubo e gasto, e o outro falava sobre o que é que você tinha que fazer pra ser alguém na vida, aí eu me preocupei, comecei dar aula de graça, porque era um sonho que eu tinha de criança, porque quando eu tinha ali uns 5 anos por aí, meu pai foi um dia em Piranhas, já que você quer saber, eu vou contar tudo, foi um dia em Piranhas comprar sal, pra você ver a gente morava aqui, tinha que comprar sal, quando acabava em Piranha sal de pedra, conhece? Pronto aí eu fui, meu pai foi, quando chegou, aí disse que dona Cacilda tinha dito que a gente, os pais tinha que comprar ABC, que naquela época era ABC, e dá pra os filhos pagar um professor, pra o professor ensinar que o futuro da juventude da época, ía ser a educação, meu pai contou, quando ele disse isso, eu fiquei encantada, e aí comecei sonhar, não sabia nem o que era professora, mas já comecei sonhar que ia ser a professora, pra fazer a mudança do futuro, ne? E aí, aquilo eu botei na cabeça, meu pai comprou o ABC e botou a gente na sala de aula pra estudar, e eu comecei estudar, 15 dias depois, só pra você ter noção, eu já sabia fazer meu nome, e fazia o meu nome, já escrevia a palavrinha gato, rato, boi, o que a gente conhecia, porque era o que a gente via, olhe, rato, gato, que isso tinha antigamente muito, ne? Tinha o gato dos dois jeitos, gato do mato e tinha o gato que a gente tinha, aí era uma cultura, e eu comecei a juntar as letras do ABC e formar as palavras com os animais que eu conhecia, a primeira palavra que eu aprendi diferente, foi complete, porque um dia assim, eu ouvi lá na sala de aula ela ensinando a uma aluna, aí disse, olhe complete, então o que era completar, completar a

palavra, então eu fui lá e juntei, fiz complete, e aí eu chego lá, fui lá fazer meu nome, mostrar pra ela, com uma pena, não sei nem se você conhece, quando eu fui fazendo, aí borrou a letra, daí eu levei uma dúzia de bolo, naquele tempo a coisa era pesada, mas aí mesmo assim eu não liguei, aí quando eu casei, que eu vi essa cultura, eu sonhava de fazer a diferença, eu digo naquele tempo se eu aprendi a ler por causa de uma orientação de uma pessoa e meu sonho é ser professora, eu vou ser, e comecei dando aula as crianças, aí eu mudei, olhe acabou-se as confusão, eu conversava com as crianças, que eles falavam muito palavrão, orientei pra que eles não falassem aquilo, que era pecado, e pra que eles conversassem com as mães, eles dizia que não podia, que a mãe dava neles, eu dizia não, quando vocês começar, quando ela tiver arrumando aqueles homem casado, chegando lá, você diz, mãe isso é pecado, Deus não gosta, porque você vai matar ele e ela de vergonha, e as crianças começaram fazer isso, e eu dizia, vocês tem que respeitá-las e respeitar todas as pessoas.

Aí eu fui, o tempo foi passando, pra frente, ne! E a gente continuava fazendo o carvão era de que a gente se mantinha, as família, e na época eu tinha as crianças, e um menino adoeceu, aliás, adoeceu sete de uma vez, e esse ficou bonzinho, era que me ajudava mais, só que de repente, ele deu uma dor de barriga nele, também era uma dor de barriga, agora os outro era controlado, com febre, ele morreu em 24 horas, e eu não tinha minha filha, olhe, eu não tinha com que enterrar a criança, e aí mandei meu esposo vender uma vaca que a gente tinha, aí foi muito sofrido. E aí, eu continuei dando uma aula, mas aí naquela época, aí o Prefeito apareceu lá, e era uma época de política, e me ofereceu emprego, aí eu aceitei, mas o dinheiro que a gente ganhava naquela época, principalmente no meu caso, que só tinha quarta série, era só dava pra comprar 5 açúcar, 5 arroz, e um pacotinho de café, e aí eu vivia criando a família fazendo carvão, derrubando madeira e a sorte que meu sogro tinha um terreno, que era no Pé da Serra, e aí, a gente derruba, a gente só não queimava, você derrubava aqueles pau mais grosso, passava pra frente e fazendo carvão, vendendo depois, voltava, e era assim, só que aí, quando foi em 2001, aí nosso senhor Jesus Cristo iluminou, que aí o Instituto Xingó, minha filha, plantou uma semente no Alto do Sertão, eu digo uma semente, pois é, porque, olhe minha filha, foi plantado uma semente, surgiu o DELEI Desenvolvimento Local e Sustentável, aí o governo mandava, era um secretário, trabalhava lá, na agricultura, veio pra cá, juntou com o pessoal do Instituto de Xingó, fizeram umas pesquisas por aqui, e através disso aí foram da palestra, aí eu lembro como se fosse hoje, hoje é quanto do mês? Nove, ne? A pois tá com 17 anos, 3 meses e 9 dias hoje, que eu tenho em mente, por que marcou a minha vida, e fez sair de tanta dor que eu sofria, tanto sofrimento, porque, assim mesmo com esse salariozinho que eu

ganhava, mas eu quase que eu não fazia diferença no lugar, assim já fazia um pouquinho, porque antes disso nos anos 80, ainda surgiu a EMATE com umas cisterna, eu peguei no jornal à noite, na hora do Brasil, e aí, dizendo que as EMATE tava fazendo, aí eu descobri nessa mesma noite, ele disse que era em todos os município, aí eu fui a Olho d'Água do Casado, eu tava com 7 meses de grávida, quase abortei o menino de bicicleta, passei mal, fui mais meu esposo, ele me levando no bagageiro, mais o tempo quente assim, ne! Aí eu chego lá, falei, o rapaz não tava, aí disse, mais pode deixar que nós vamos, o que tava disse, ne! E aí vieram, marcaram a cisterna, e nós cavamos, aí quando fez a cisterna, eu fui no município, lá na prefeitura, e pedi, quero que o senhor bote água, e essa água fez a diferença, eu comecei fazer a diferença, aí, porque, na comunidade não morreu mais as crianças, que elas morria, por causa da água salgada, foi quando a gente descobriu, e aí foi melhorando, assim os da comunidade, mas os outros que viviam nas fazendas continuaram, que era longe, não tinha como, mas na minha casa, você chegasse lá, a partir das 4 da manhã, parecia uma fila de hospital de hoje, uma fila de banco, assim, era tanta gente, a cisterna era a boquinha aberta, e tá lá até hoje, eu nunca botei cadeado, que quando fez sério que era pra cadeado, eu disse, não bota, porque, eu trabalho, eu não vou fechar isso no cadeado, sair, chegar uma mãe e voltar sem ter água, então pronto, começou por aí, e aí quando foi em 2001, que surgiu o Instituto Xingó, que hoje é Centro Xingó, começou a plantar essa sementinha na vida da gente, darem palestra, a primeira palestra, eles falaram sobre peixe, e aí eu tava de lado de uma colega, e disse, meu Deus, a gente aqui na região não tem água nem pra beber e vai ter como criar peixe, eles ouviram, aí quando ouviu, aí disse, bem assim, o que ela falou ali, disse, e a apicultura? Foi como dar uma injeção em mim, aí eu disse, aí sim, porque era meu sonho fazer a mudança com a natureza, porque a abelha ela faz a polonização, você sabe, ne? Ela é quem faz com que os frutos cresça, porque eu era professora, eu não deixava de ouvir o jornal, não deixava de ouvir a hora católica, e aí, a hora católica, o Bispo, hoje não, mas os Bispo antigamente, eles ajudavam muito nessas parte que cuidasse da natureza, na hora católica tinha muito isso, também, eu estudava, eu pegava os livro de ciência, e eu ia ler, se eu disser que eu lia a bíblia, eu tô mentindo, mas os livro de ciência, eu lia, jornal quando eu encontrava um jornal...

Porque mesmo com esse salarinho que eu ganhava...

Transcrição – Fala do Diego Correia Silva – Presidente da Coopeapis, Piranhas – AL, 09 de Dezembro de 2017

- Descreva-nos como se deu o surgimento da cooperativa, desafios, perspectivas e sua importância?

Eu sou o Diego né... eu ia dizendo da questão do surgimento da cooperativa. A cooperativa hoje ela tem 11 anos de fundada e ela surgiu do grupo APL de apicultura. Era política pública um programa de governo que está sendo retomado agora. E esse programa nós decidimos, nós que fazemos parte do grupo gestor da apicultura no sertão que trabalhava na época três municípios a gente decidiu fundar cooperativa. E desde então, sempre tinha essa dificuldade que você tava colocando aqui da parceria da UFAL, não só da UFAL, mas de algumas instituições que na época deram todo o apoio. Assim mas a gente sente o distanciamento da extensão que devia ser praticado com a gente a parte prática da Universidade. Mas a cooperativa ela passou por todas essas dificuldades foi se fortalecendo, saiu da monocultura de produção, a produção de mel e passou a produzir outras atividades, estimular outras atividades com isso a gente amadureceu muito. Passamos a ser uma cooperativa mista na cooperativa de vários produtos da Agricultura Familiar nosso público futuro familiar e a gente foi crescendo foi enxergando com o apoio do sistema OCB SESCOOP que é o sistema que organiza as cooperativas do Brasil e o sistema daqui de Alagoas.

A gente começou a enxergar o cooperado como um todo enxergava apenas o produtor de mel e a gente começou de 3 e 4 anos para cá enxergar o cooperado como um todo e quais os potenciais que ele poderia ter nessa região e começamos estimular outras culturas e o mais recente trabalho que a gente tem feito aqui tem sido esse de produção de alimentos a base do que é local. Que você viu lá um grupo de dez mulheres estão sendo treinados por duas nutricionistas que trabalham com produtos de beneficiamento, a partir daquilo que já é produto base da cooperativa e aquilo que é local e que nunca foi valorizado né... Como a questão do beneficiamento do UMBU é que aqui nessa região era desperdiçado começou a ser feito uma geleia base de UMBU. A gente começou a guardar esse produto. Começamos a desenvolver uma linha de salgado a base do frango caipira que é produto da cooperativa, como também a palma que tem toque regional. Então nós estamos numa linha turística e precisamos nos adequar a isso também, a trabalhar essa vibe mais turística. Então é nessa linha que a gente vem trabalhando esse grupo de produção de alimentos das 10 mulheres, elas tem

trabalhado a base de umbu, salgados a base de palma que é específico da região, já trabalhamos aqui doces específicos de coroa de frade, que é um cacto específico da região também, estamos tentando desenvolver uma linha do mandacaru sem espinhos, alguma coisa que seja beneficiado disso, tentando aproveitar o tomate cereja que aqui era desperdiçado né...a gente tá beneficiando tem uma série de coisa. A questão do leite estamos trazendo o bolo do leite e uma série de outras coisas. O antepasto que elas desenvolveram a base de palma e berinjela que é divino, então é série de coisas que a gente vem desenvolvendo que tem gerado renda pra essas famílias, que era a esposa do nosso cooperado que tava lá parada em casa e que não tinha renda nenhuma e a partir daí, dessa ideia de trazer o beneficiamento de trabalhar a produção de alimentos começou gerar renda, né... Nós concorremos também a uma chamada pública da merenda escolar de Piranhas, onde a gente tá conseguindo entregar bolo, cenoura que é produzida na região do canal por cooperados, né... como também o bolo, então a gente tá conseguindo gerar um a renda extra pra essas mulheres, esse grupo que tá trabalhando que não são só mulheres, que tão trabalhando a partir do beneficiamento, isso é um incremento de renda que a cooperativa tá proporcionando e estimulando outra atividade, então é assim a cooperativa tem se estabelecido nessa região como uma oportunidade de desenvolvimento e de geração de renda. Essa ideia de trabalhar o beneficiamento surgiu a partir do apoio OCB CESCOP de Alagoas trouxe pra gente né...a gente hoje tem acompanhamento de nutricionista, zootecnista, veterinário, agrônomo, para poder a gente levar pra o nosso consumidor final um produto de qualidade, então a gente tem um acompanhamento. Tudo que é produzido pelo grupo de produção de alimentos é acompanhando por duas nutricionistas, as receitas elas desenvolvem, tudo isso é desenvolvido com pesquisa, com análise laboratorial, sensorial, físico-química, tudo isso, passa por um processo de análise pra poder esse alimento ser ofertado como uma possibilidade real de comercialização. Isso em relação ao beneficiamento, mas os nossos produtores de hortaliças, aí o agrônomo faz a parte dele, o veterinário a parte de...cada um na sua área e a gente vai dinamizando a cadeia e dinamizando a estrutura pra quem tá produzindo, automaticamente otimizando o processo e as pessoas produzindo mais e com qualidade, gerando renda né...E a cooperativa entra na parte de estruturação disso, de comercialização, de abrir portas, caminhos para comercializar, a gente tá se solidificando nisso, nesse ano de 2017, apesar de ter sido um ano ruim do ponto de vista de comercialização a gente tem cumprido nosso papel principal que é comercializar tudo aquilo que foi produzido. Nós vamos bater essa meta comercializando tudo que foi produzido e dando esse retorno

financeiro para o produtor, que essa é a função primordial gerar renda, dinheiro, porque a gente tá numa região dessa difícil de produzir, mas que tem muita riqueza.

Ao perguntar a que se atribui o fato de ter sido um ano que não foi muito comercializado Diego responde:

A crise financeira é um grande fator, mas eu diria que o maior problema foi as mudanças de gestão, que esse um ano terrível de mudança de gestão em todos os municípios, e tem município se quer estruturou a chamada pública da agricultura familiar que é determinação federal que no mínimo 30% seja comprado das entidades que trabalham na agricultura familiar, ou do próprio agricultor familiar, com exceção de Piranhas que conseguiu avançar desde do começo do ano, mas a maioria não conseguiu avançar, a gente tem contrato que a gente assinou e as prefeituras nunca pediram nada, então a gente não conseguiu comercialização né...e eu destaco a questão da dificuldade de comercialização do frango caipira esse ano foi um ano ruim, pra quem produz o frango caipira, porque as prefeituras não conseguiram comprar, mas tudo isso, a gente foi vencendo os obstáculos ao longo do ano e a gente acredita que fecha mesmo com todas as dificuldades acredita que fecha com um saldo positivo que no nosso entendimento é gerar renda. Tivemos outras parcerias a CONAB, por exemplo é uma excelente parceira, nós participamos de algumas modalidades, participamos de projeto de compra e venda simultânea, isso ajudou a comercializar a escoar nossa produção, a gente tem que registrar o apoio da CONAB né...a prefeitura de Piranhas, algumas outras prefeituras que a gente participou com legalmente da chamada pública e ganhamos e tudo isso ajudou a gente e o sistema OCB Sescop que além de dar o acompanhamento técnico esse ano trabalhou também um núcleo de expansão comercial e a gente conseguiu comercializar lá dentro de Maceió muita coisa, mas a gente tem uma linha de produção e entrega em Maceió do que é produzido aqui.

Transcrição – Fala de Silvana Araujo Sarmiento – Artesã do Povoado Entremontes, Piranhas – AL, 10 de Dezembro de 2017

- Descreva-nos um pouco como funciona a associação, desafios, mudanças e perspectivas?

Eu aprendi o bordado com uma vizinha que ela hoje é minha comadre, minha mãe já bordou muito, ainda borda assim um pouquinho, aí eu aprendi com ela e fiquei aqui, ela era daqui da associação também, hoje eu tenho três filhas que também é daqui, são 49 mulheres que participam da associação. Como funciona a distribuição dos serviços e a renda na associação? O cliente chega e compra a peça né? Cada pecinha dessa tem uma etiqueta dizendo quem bordou e quem lavou, elas tem um controle nisso, quantas peças vai para loja tudo direitinho no livro, aí depois elas vão ver quem engomou aquela peça e coloca na peça fulana. São três pessoas que engomam, aí tem a primeira letra da pessoa que engomou, aí depois quando tira o dinheiro que gasta com matéria prima, aí o restante fica uma parte para a associação e outra pra nós. A associação existe a 17 anos, a associação banca tudo pano, linha a gente só entra com a mão de obra, a matéria prima a gente pega em São Paulo e Aracaju. Na associação tem três pessoas na contabilidade e fica responsável de fazer o pedido. Todas as pessoas da associação são daqui de Entremontes. As pessoas que tem loja aqui eram todas da associação, aí decidiram que iam sair aí a gente não prende ninguém contra a vontade, querem sair deixa sair. Existem três regras básicas aqui: tem a mensalidade, dia de varrer e tem o faxinão, porque pela faxina tem três dias de serviço, aqui é segunda, quarta...ela veio hoje se caso amanhã ela for viajar, já não vem se for motivo de doença não leva falta, mas se chegar uma encomenda grande 500 peças, porque não chega, mas se chegar a gente faz em dois dias...quando é muita peça chama todo mundo, aí divide o serviço, se alguém terminar as peças, pega outras, enquanto tiver ela vai pegando...se for pouquinho peças, por exemplo: oito jogos americanos e oito guardanapo aí divide com aquelas pessoas que não tem muita falta e divide e ninguém fica com queixa, porque já acostumou nessa regra. Nós recebemos encomendas de toda parte do Brasil, o pessoal chega aqui a passeio e pede, às vezes leva um joguinho americano quando chega lá diz eita quero mais sete...aí encomenda diz quero sete joguinho americano dizendo os detalhes e a gente envia pelo sedex, até para fora do Brasil já mandemo costura...eu fiz uma toalha de um rapaz...no meu ver assim a gente só vai tá bom quando cada pessoa ganhar um salário mínimo e cada uma aqui não ganha...eu tenho que produzir bastante, só se eu fizer três

toalhas eu ainda não consigo um salário mínimo, que varia o modelo. Com o rio cheio a gente tinha mais turistas aqui, a lancha vinha três vezes aqui e o catamarã chegando já anunciava nossa venda, a baixa do rio enfraqueceu mais, tem pessoas que falam que o tempo é pouco pra visitar aqui também, ficam lá em Piranhas...também a divulgação do pessoal do turismo para a gente é pouco, tem as pousadas que falam da gente. A gente conhece um casal que veio lá da cidade de São Paulo que fica lá no Velho Chico, lá do Velho Chico uns conhecidos da gente diz “Vá em Entremontes” lá tem umas bordadeiras na casa do Bordado que é uma perfeição...ela só encomenda toalha a nós, esse ano e o ano passado já foi uma toalha de dois metros, sete metros e umas quinze de um metro e meio, mas outras pousadas não falam não. A gente tem um facebook pra divulgar nosso trabalho...tem um museu lá no Rio que a gente num sei esse ano, mas o ano passado a gente colocava nossos produtos lá...pelo projeto Economia Solidária levaram duas pessoas daqui para o Rio, depois ficou um contato assim do dono, do rapaz que trabalhava no museu mandando que enviasse produtos. Num sei se essa equipe da direção tá mandando, mas a outra equipe mandava quando era a Zita e Edna elas mandava produto pra esse museu, eles diziam tá faltando peça e a gente mandava peça pra elas...já veio muitas reportagens aqui veio um casal e disse que ia divulgar o nosso bordado. Tem uns projetos que veio pela Comunidade Solidária e Sebrae, eles disseram assim, depois que o projeto terminar, quem tem de lutar é vocês não esperar que ele venha de lá pra cá, a gente que tem que tomar iniciativa.